

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
INSTITUTO DE PSICOLOGIA  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICANÁLISE: CLÍNICA E CULTURA

CLARICE MARIA JAHN RIBEIRO

**Bion, uma travessia complexa:**  
aproximações para a clínica psicanalítica de crianças

Porto Alegre

2019

CLARICE MARIA JAHN RIBEIRO

**Bion, uma travessia complexa:**  
aproximações para a clínica psicanalítica de crianças

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Psicanálise: Clínica e Cultura, do Instituto de Psicologia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como parte dos requisitos para a obtenção do grau de Mestre em Psicanálise.

Área de concentração:

Orientadora: Profa. Dra. Andrea Gabriela Ferrari

Porto Alegre

2019

Clarice Maria Jahn Ribeiro

Bion, uma travessia complexa: aproximações para a clínica psicanalítica de crianças

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Psicanálise: Clínica e Cultura, do Instituto de Psicologia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como parte dos requisitos para a obtenção do grau de Mestre em Psicanálise.

Aprovado em:

Banca examinadora

Prof. Dr. \_\_\_\_\_

Instituição: \_\_\_\_\_ Assinatura \_\_\_\_\_

Prof. Dr. \_\_\_\_\_

Instituição: \_\_\_\_\_ Assinatura \_\_\_\_\_

Prof. Dr. \_\_\_\_\_

Instituição: \_\_\_\_\_ Assinatura \_\_\_\_\_

## AGRADECIMENTOS

A minha gratidão destina-se inicialmente, aos meus amados filhos trigêmeos, Leo Jahn Ribeiro, Tarso Jahn Ribeiro e Amanda Jahn Ribeiro, que tanto incentivaram e contribuíram para a realização deste mestrado. O nosso amor e o existir de cada um transformam minha vida em um constante e verdadeiro aprender.

À minha orientadora Andrea Ferrari pela sua coragem, continência e afetividade em me acompanhar nesta travessia tão importante para mim.

Aos professores Marina Ferreira da Rosa Ribeiro, Milena Rosa e Julio César Walz, pela importante presença e pelo acolhimento neste momento.

Aos professores do mestrado, do Programa de Pós-graduação em Psicanálise: Clínica e Cultura da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), pela coragem e determinação em garantir e transmitir, neste mestrado, um espaço para a escuta, o pensamento e a liberdade.

Aos colegas de mestrado Dóris Jornada da Rosa, Fabiana Faria Gieger, Rafael Cavalheiro e José Stona, pelas trocas, pelos debates, pelos aprendizados e pelos afetos experimentados neste fazer. A todos integrantes do Núcleo de Estudo, Pesquisa e Extensão em Infância e Adolescência (NEPEIA), um agradecimento especial, por mostrarem que o pesquisar e produzir conhecimento criam afetos e realizações.

Ao pai dos meus filhos, psicanalista João Luiz Costa Ribeiro por partilhar paciência e cuidado com nossa família.

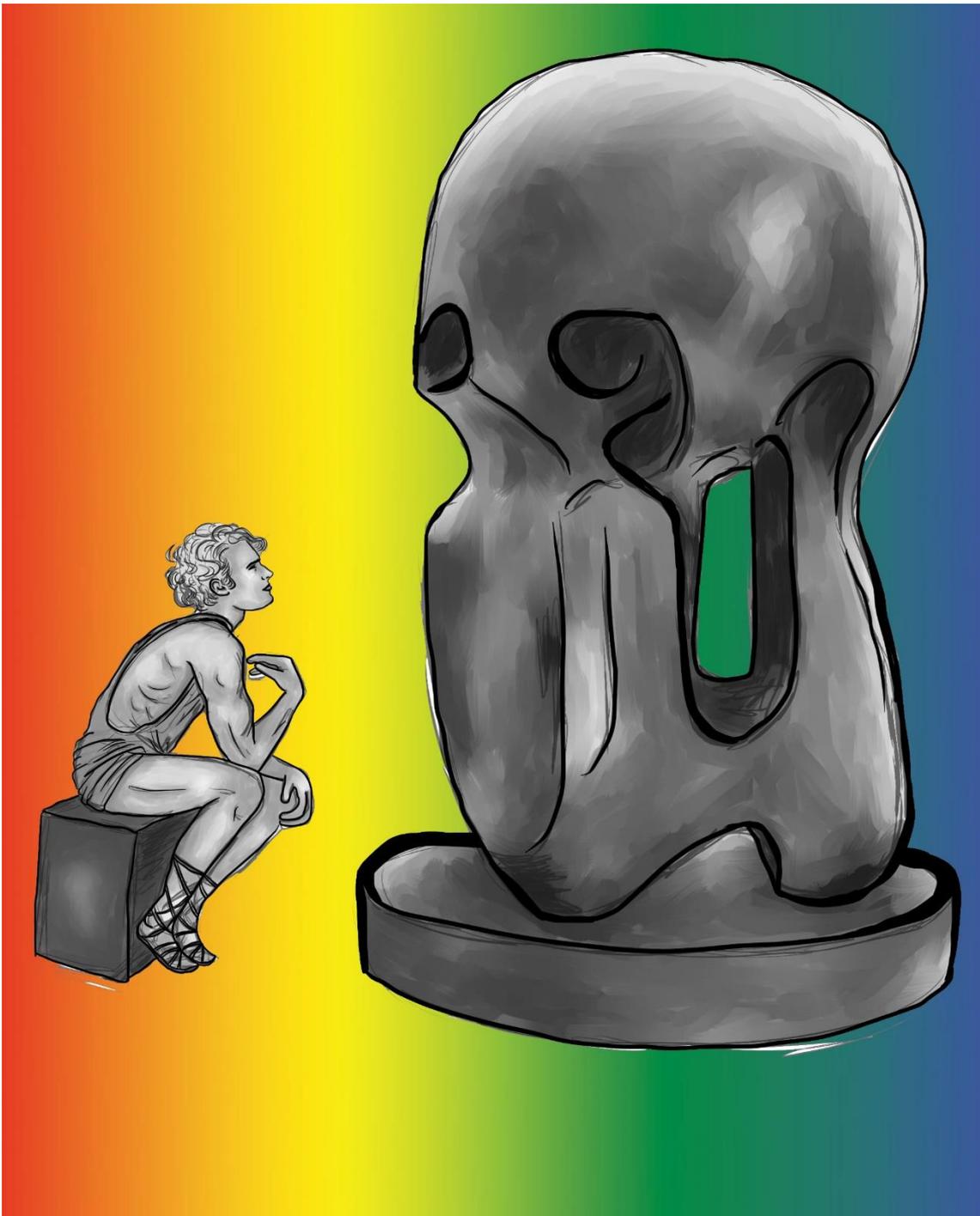
Ao Instituto Cyro Martins e ao Instituto W. R. Bion, pelas oportunidades de trocas com os colegas, demonstrando que o trabalho partilhado com afeto, criatividade, respeito e diálogo geram um clima de um constante aprendizado.

Ao meu supervisor e coordenador de grupos de estudo Arnaldo Chuster por sua generosidade em compartilhar sua sabedoria e por acolher minhas inquietações.

À Rosane Lombardi, amiga e colega, sempre presente na minha trajetória profissional. Juntas, geramos muitos trabalhos e afetos, dando sentido às nossas vidas.

Às amigas Anie Stürmer, Liliana M. Brum, Julia Cristina Dos Santos e Susana Salete R. Chinazzo, por compartilharem o prazer, as descobertas, o não saber, e as inquietações que o estudo vivo de Bion desperta.

À Helena Watson, amiga e colega, sempre acolhedora quando as incertezas abismam, tendo os gestos e as palavras certas para reconfortar e revigorar.



*Figura 1.* Ilustração de Luísa Guazzelli Sirangelo.

Hoje vi com toda clareza, como é absolutamente desnecessário que a sessão seja algo mais do que a própria sessão, com direito próprio. Então “progresso”, poderia significar que, ao invés de apresentar um fato em seis meses, o paciente venha a apresentar seis fatos em uma sessão. Resumindo, ele se torna uma personalidade multidimensional – uma identidade física tridimensional e uma identidade psíquica multidimensional.

Wilfred Bion, *Cogitações*

## RESUMO

Ribeiro, C. J. (2019). *Bion, uma travessia complexa: aproximações para a clínica psicanalítica de crianças*. Dissertação de Mestrado, Instituto de Psicologia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.

Esta dissertação compõe um esforço para compreender algumas ideias de Bion, com intuito de contribuir no campo do atendimento clínico de crianças. Para isso, ocupamos com a teoria do pensar desse autor. Como apoio, também recorremos a formulações, concepções e conceitos de Chuster a respeito do *modus operandi* da Psicanálise de Bion, para mergulhar nos enunciados acerca das funções da personalidade humana e dos diferentes modos de faturação implicados. O interrogante que norteia nossa pesquisa é: o que um psicanalista tem a dizer em relação ao pensar da criança? Na primeira parte deste trabalho, apresentamos um breve recorte do homem Wilfred Ruprecht Bion, seguido de uma reflexão epistemológica a sobre sua Psicanálise. Prosseguimos partindo da articulação de alguns conceitos na teoria do pensar – pré-concepção, *rêverie*, função alfa ( $\alpha$ ), a psicomecânica entre continente-conteúdo ( $\text{♀♂}$ ) e a oscilação posição esquizoparanoide e posição depressiva (PS $\leftrightarrow$ D) – para sustentar uma conversa com a clínica psicanalítica de crianças. Na continuidade do trabalho, passamos a averiguar a respeito da situação edípica, como uma forma de pré-concepção e simultaneamente como um vetor de comunicação do viver humano. No texto, integramos vinhetas clínicas para interrogar quais os operadores da personalidade da criança por meio do brincar a sessão. Encerramos a dissertação apontando as possibilidades do pensar a complexidade.

**Palavras-chave:** Psicanálise. Bion. Teoria do pensar. Clínica psicanalítica de crianças. Continente-conteúdo. Função  $\alpha$ . Situação edípica. Complexidade. Dispositivos Clínicos.

## ABSTRACT

Ribeiro, C.J. (2019). Bion, a complex crossing: approaches for the psychoanalytic clinic of children. (*Bion, uma travessia complexa: aproximações para clínica psicanalítica de crianças.*) Master's Dissertation, Institute of Psychology, Federal University of Rio Grande do Sul, Porto Alegre.

This dissertation is an effort to understand some of Bion's ideas in order to contribute to the field of clinical care for children. For this we deal with Bion's theory of thinking. As support we also resort to Chuster's formulations, conceptions and concepts regarding the *modus operandi* of Bion's psychoanalysis, to delve into the statements about the functions of human personality and the different modes of factorization involved. The question that guides our research is: What does a psychoanalyst have to say about the child's thinking? In the first part of this work, we present a brief snip of the man Wilfred Ruprecht Bion, followed by an epistemological reflection on his psychoanalysis. We proceed from the articulation of some concepts in the theory of thinking - preconception, *rêverie*, alpha function, the psycho mechanics between ♀♂ and the schizo paranoid position oscillation and depressive position - to sustain a conversation with the psychoanalytic clinic of children. In the continuity of the work, we began to inquire about the oedipal situation as a form of preconception and simultaneously as a vector of communication of human living. In the text we integrate clinical vignettes to interrogate the operators of the child's personality by playing in the session. We conclude the dissertation pointing out the possibilities of thinking complexity.

**Keywords:** Psychoanalysis. Bion. Theory of thinking. Psychoanalytic child. Container-Contained. Function  $\alpha$ . Oedipal situation. Complexity.

## SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO .....	9
2	UM BREVE RECORTE SOBRE O HOMEM BION .....	17
2.1	A infância na Índia.....	17
2.2	Indo para a guerra .....	23
2.3	Uma relação helicóide com Melanie Klein .....	27
3	O MULTIVERSO DO CONHECIMENTO DA PSICANÁLISE EM BION .....	33
4	SELECIONANDO FATOS PARA A SUSTENTAÇÃO DA CLÍNICA DE CRIANÇAS.....	48
4.1	As aproximações da teoria do Pensar com a clínica infantil.....	62
4.2	A psicomecânica do pensar .....	65
4.2.1	<b>O interjogo entre ♀♂ (contínente-conteúdo) e a oscilação PS e D (posição esquizoparanoide e posição depressiva) .....</b>	<b>65</b>
4.2.2	<b>Posição esquizoparanoide .....</b>	<b>68</b>
4.2.3	<b>Posição depressiva .....</b>	<b>74</b>
5	OBSERVANDO A INFÂNCIA.....	78
6	A SITUAÇÃO EDÍPICA .....	94
7	DETECTANDO OS SINAIS DE POTÊNCIA: QUANDO A PESQUISA PSICANALÍTICA DE CRIANÇAS ACONTECE .....	108
8	O PENSAR A COMPLEXIDADE.....	114
9	CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	120
	REFERÊNCIAS .....	130
	ANEXO A .....	135
	ANEXO B .....	137

## 1 INTRODUÇÃO

Wilfred Ruprecht Bion (1897-1979), psicanalista indo-britânico, possui um legado criativo e propulsor. No Brasil, a difusão de seus estudos e de suas ideias incrementou-se após suas vindas ao País. Na primeira vez, em 1973, realizou oito conferências em São Paulo, tendo como intérprete e tradutor o psicanalista Frank Julian Philips. No ano seguinte, em 1974, foi ao Rio de Janeiro participar de uma série de conferências e supervisões; em 1975, permaneceu 1 mês trabalhando em Brasília; em 1978, retornou a São Paulo (Chuster et al., 1999, p. 13). Na atualidade, houve dois Encontros Internacionais sobre Bion no Brasil, sendo um deles, em 2011, realizado em Porto Alegre/RS, e o outro em 2018, feito em Ribeirão Preto/SP, os quais reuniram psicanalistas brasileiros e oriundos de diferentes países, como Itália, Estados Unidos, Austrália, Irã, Argentina, Uruguai, Peru, Colômbia, Espanha, entre outros.

Entretanto, podemos pensar que a obra de Bion ainda é pouco investigada no âmbito dos programas de pós-graduação (PPGs) em Psicanálise. Conforme o levantamento de Fonteles (2015) em sua tese de doutorado a respeito das produções no campo da Psicanálise nas universidades brasileiras seu estudo examinou teses produzidas nos PPGs entre 1987 e 2012, Bion tem uma discreta expressão. Destacamos aqui um dos parâmetros entre outros levantados:

Passando dos títulos e palavras-chave aos resumos, vemos que em relação aos referenciais teóricos explicitados, a maior parte das teses citam Freud (421) e Lacan (331) seguidos de Winnicott (87), Klein (29), Bion (22) e Ferenczi (18) entre os autores da psicanálise, lembrando que uma tese pode citar um ou mais autores e os valores acima se referem ao número de citações. (p. 125)

Nos bancos de dissertações e de teses das universidades encontramos trabalhos na Universidade de São Paulo (USP), apenas uma dissertação na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Universidade Estadual de Campinas (Unicamp) e Universidade Estadual de Maringá (UEM). Os títulos desses trabalhos e os autores são apresentados no Anexo1.

Já o nome do professor e filósofo Antonio Muniz de Rezende, agora aposentado da universidade pela UNICAMP, sobressai como um importante escritor e estudioso da obra de W.R. Bion. Publicou vários livros a respeito, além de ser membro efetivo da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo (SBPSP). (Rezende & Gerber, 2001)

Fora das universidades, temos um pensador em destaque, o Dr. Arnaldo Chuster, psicanalista do Rio de Janeiro - ditada da Sociedade Psicanalítica do Rio de Janeiro (Rio 4) e

analista ditada do New Port Institut of Psychoanaliys, na California (EUA), escritor de vários livros que permitem uma compreensão mais aprofundada dos conceitos e do modo de pensar de Bion.

Frente a esse panorama, este projeto de pesquisa surgiu do desafio de explorar os efeitos de um estudo teórico iniciado há mais de 20 anos. Nossa leitura de Bion começou a partir dos grupos de estudos coordenados por Arnaldo Chuster, ministrados mensalmente no Instituto Bion de Porto Alegre até hoje. Esses encontros ampliaram em mim a necessidade de tomar as teorias como um saber aberto, vivo, que exigem debates constantes com diferentes autores, com nosso próprio repertório teórico e, principalmente, com nossa prática psicanalítica.

Entendemos, a partir do referido grupo de trabalho, que o pensamento de Bion, também dialoga com outras teorias, outros saberes e outros espaços, por que se fundamenta no compartilhar problemas, situá-los em diversos contextos, colocando-os em diferentes perspectivas para que toda intervenção clínica se inscreva desde princípios éticos que vão sendo construídos, expandidos e revisados.

Acreditamos que o pensamento de Chuster (1996, 2018), Chuster et al. (1999, 2011), Chuster, Soares e Trachtenberg (2014) vem formulando e expressando esse diálogo aberto, tendo como fundamento a obra de Bion. Consistentemente e constantemente, seu fazer permite que as dúvidas, a curiosidade, a criatividade e a experiência emocional integrem o próprio método de investigação. Sua prática psicanalítica servirá como referência epistemológica para nortear o percurso desta pesquisa.

Bion, ao longo de toda sua obra, procurou buscar certos problemas da filosofia e das ciências para lançá-los no campo da psicanálise. Os trabalhos Chuster (1996), Chuster, Soares e Trachtenberg (2014) demonstram que os princípios da incerteza<sup>1</sup>, da indecidibilidade da origem<sup>2</sup> e da incompletude<sup>3</sup>, da física e da matemática; já eram operados por Bion em suas formulações, pois inseriam-se na lógica de resolução dos problemas levantados pela psicanálise, por meio de funções e distintos vértices de observações. A lógica para pensar o ser humano para Bion não mais opera só com a metapsicologia, mas inclui certos princípios.

---

<sup>1</sup> O princípio da incerteza: postulado da física quântica por Heisenberg em 1927, definindo que todo sistema possui uma instabilidade e por isso não é possível certificar simultaneamente a posição e a velocidade de uma partícula. Bion faz uma correspondência em relação ao inconsciente, considerando que jamais conheceremos certos aspectos da mente.

<sup>2</sup> O princípio da indecidibilidade da origem: em 1931, Kurt Gödel, matemático, cria um teorema demonstrando que é impossível definir qual resposta é a correta para uma questão abstrata, trata-se de revelar diversas probabilidades e analisar as lógicas lineares e indeterminadas.

<sup>3</sup> O princípio da incompletude, também formulado por Kurt Gödel, em 1931, onde afirma que um teorema não pode ser simultaneamente completo e consistente – Teorema da Incompletude.

Chuster (1996, 2018) e Chuster, Soares e Trachtenberg (2014) ampliaram essas aberturas epistemológicas propostas por Bion, descrevendo esses princípios da psicanálise com a intenção de questionar as teorias, assim como abrir novas modalidades de intervenções clínicas. Para este autor as contribuições de Bion se referem às condições de possibilidade do humano, tomando a indeterminação da experiência. No entanto, como um empirista, Bion tinha a preocupação da aplicabilidade dos conceitos, tanto na prática do consultório, quanto em intervenções em grupos.

Além dos postulados já citados, Chuster (2014) descreve que o modelo de Bion para o pensar psicanalítico deve compreender os fenômenos clínicos, levando em conta, também, os princípios a seguir:

Princípio da infinitude, no qual Bion introduz, para a psicanálise, a noção de mente como um espectro, tomando, nesse sentido, o inconsciente como infinito.

Princípio da negatividade, o qual remete ao estado mental ideal de sem memória, sem desejo e sem necessidade de compreensão, para buscar uma escuta analítica e um lugar onde o não saber, não pensar e não poder do analista permita, por meio do vínculo, abrir espaço para o inconsciente do paciente.

Princípio da singularidade, que sugere tolerar as diferenças para renunciar a onipotência e anunciar o desamparo do encontro analítico.

Princípio da complexidade, no qual o contato como mistério e a ambiguidade à desordem que aparecem na sessão de uma análise remete a problematizações complexas que não atendem ao reducionismo, ao determinismo e à linearidade.

Chuster (1996, 2018) e Chuster, Soares e Trachtenberg (2014) destacam, na concepção de Bion, a importância do inacessível e da condição pré-natal como mecanismos de funcionamento ainda mais arcaicos do que a identificação projetiva. Tais funcionamentos organizam combinações na mente embrionária, os chamados conjuntos de alta intensidade sensorial. Esse campo de força ordenaria simetrias ocultas para os espectros mentais se expandirem, criando as circunstâncias que viabilizam a instauração de pensamentos sem pensador e simultaneamente o próprio mecanismo de funcionamento do aparelho para pensar os pensamentos. Chuster (2018) denomina esse mecanismo de “imaginação radical”, tomando emprestado as ideias de Castoriadis (1991/1993) sobre a imaginação humana.

Recordemos que, para Castoriadis (1991/1993), não existe a abstração pura; desde que o animal humano fez uma ruptura na evolução psíquica com o mundo animal, a imaginação opera como condição do ser. Esse autor faz uma distinção a respeito da imaginação:

Kant escreve em *Crítica da Razão Pura*: ‘A imaginação é a faculdade de representar-se na intuição um objeto, ainda que na sua ausência.’ Porém, isto pressupõe que o objeto já está dado, que já tenha sido formado como objeto. A imaginação de que aqui se trata é a imaginação segunda. (p. 35)

Em seguida, destaca que, no humano, existe, em sua condição, a faculdade de colocar o objeto originalmente para o sujeito, já que a sensibilidade e a imaginação são inseparáveis:

Contudo, esta sensibilidade não pode operar sem organizar, quer dizer, sem uma lógica elementar, uma categorialidade. A imaginação, primeira, originária, radical, poder de representação é, por isso mesmo, poder de organização. *Ab ovo* de uma “imagem” é, *ipso facto*, posição de elementos e a colocação das relações desses elementos; estas duas posições se produzem primeiramente, no mesmo momento e de uma para outra. (p. 36)

Podemos, então, compreender que Bion carrega essa compreensão epistemológica ao distinguir os níveis de evolução dos vínculos humanos, bem como da gênese do pensar.

Assim, as teorias e os postulados de Bion (1967/1994) partem da concepção de que um bebê recém-nascido já possui uma condição mental inata, ainda que vaga e imatura (pré-concepção), de perceber as contingências tão paradoxais da vida: a dependência e a solidão. Lidar com essas circunstâncias indeterminadas e imprevisíveis acionam um trabalho da mente, exigindo que os seres humanos, desde bebês, tolerarem, diante do viver, o impacto de frustrações inevitáveis. A cada instante, decisões precisam ser tomadas: enfrentar a realidade ou evadir-se dela. Os acontecimentos performam e são performados pelos indivíduos. No tempo, todo o ser humano é convocado a transformar suas frustrações, ou a evadir de si mesmo. Nos diferentes grupos aos quais pertence, e em seu núcleo familiar, o indivíduo supre e transmite as funções psíquicas necessárias para o desenvolvimento do bebê humano. Bion (1967/1994) designou como *rêverie* a capacidade que uma mãe, ou o cuidador que se ocupa dessa função, tem para ajudar o prematuro bebê humano a se defrontar com o seu viver e seu potencial humanizante. Sendo assim, alerta que se um indivíduo, por contingências do social e/ou, por contingências de uma função *rêverie* desintegrada e/ou pelas próprias contingências de sua precária personalidade vivenciar padrões tóxicos ou violentos, correrá o perigo de reconfigurar a capacidade de pôr em funcionamento sua mente.

Partindo dessas hipóteses, Bion vai em busca de tentar descrever o funcionamento mental e como as lógicas do pensar vão se inscrevendo na vivência de um indivíduo. A partir de seus estudos sobre as psicoses, elabora uma revisão de alguns conceitos da psicanálise, além de criar modificações na epistemologia e na semiologia dos fenômenos da clínica psicanalítica, operando simultaneamente em uma complexidade polissêmica, polimórfica e pansexual

(operadores das dimensões do sentido, mito e paixão). A psicanálise investiga o problema da interpretação dos símbolos desde esse campo complexo na medida em que só há símbolos, nos quais há muitos sentidos e usos plurais com a possibilidade de uma reunião por meio de consensos simbólicos assentados em conjunções constantes e selecionadas a partir das experiências emocionais compartilhadas.

Tomando como alicerces esses postulados, Bion (1967/1994) cria, no interior da psicanálise, sua teoria do pensar. Está em seu livro intitulado *Estudos psicanalíticos revisados – Second thoughts* o início de um esboçar tais progressos, delimitando as modificações frente ao que até então a psicanálise já havia produzido. Parte da teoria freudiana e kleiniana, que esboça uma distinção radical entre o processo de simbolização e os empregos das formas de comunicação tanto internas quanto externas, levando em conta a ausência de um vínculo de um ordenador subjetivo (parte psicótica da personalidade), ou aquela em que se caracteriza pela presença dos elementos subjetivos (parte não psicótica da personalidade). Bion, portanto começa a esboçar outra compreensão sobre as relações objetais, consolidando um novo modelo de objeto psicanalítico.

Os textos “Desenvolvimento do pensamento esquizofrênico” (1956) e “Diferenciação entre a personalidade psicótica e a personalidade não psicótica” (1957) elucidam como o pensamento psicótico exclui a possibilidade de um aprender criativo, tornando a relação com os conteúdos mentais rígida e dogmática, tendendo a dispensar a colaboração do analista, instaurando-se um modo de funcionar onipotente e moralista. A desconfiguração do pensar instala-se, e a mente fragmentada fica sem condições de discriminar entre o verdadeiro e o falso da realidade. Bion aqui começa a desenvolver suas noções para fundamentar sua posterior teoria do pensar.

No artigo “Sobre arrogância” (1957), Bion apresenta sua revisão frente ao estatuto central da sexualidade nas teorias psicanalíticas, abrindo a discussão a respeito da complexidade da condição humana. O efeito clínico dessa formulação implicou inclusão de uma ampliação do campo psicanalítico. Para isso, operou com os conceitos de modelo, funções e fatores que alicerçam suas contribuições apresentadas no livro *O aprender com a experiência* (1962).

A essa altura, a evolução das teorias de Bion exigiu novos mergulhos; assim ele (1963/2004a), por meio de seu livro *Elementos de psicanálise*, passou a aprofundar seu olhar para os elementos presentes no campo psicanalítico. Nele, formula que os elementos da mente se manifestam em diferentes formas e conteúdos, possuindo três dimensões, que são: extensão no domínio do mito (intuição), extensão do domínio da paixão (sentimentos) e extensão do domínio do sentido (imaginação). As referidas dimensões, justapostas e entrelaçadas irão

aparecer combinadas e concomitantes nas vivências das três emoções básicas: L, Amor (*Love*); H, Ódio (*Hate*) e K, Conhecimento (*Knowledge*), que podem assumir valências positivas, indicando evolução psíquica, e valências negativas, indicando a malignidade das emoções.

Assim, ao pesquisar como acontece o processo psicanalítico, Bion desenvolveu novos pontos de vistas por meio dos quais se pode compreender o ser humano. Conhecer-se a si mesmo torna-se possível a partir de um acessar incógnitas na formulação de interrogações sobre aquilo que se desconhece e se busca saber. Essa busca inapreensível, ainda que nominada pelo autor como desejo, não se fundamenta mais só no sexual defendido por Freud, mas, sim, na complexidade do pensar. A expressão dessa realidade inatingível foi concebida como “O”, que pode significar tanto o vazio, quanto o infinito.

O fato é que o ser humano busca dar um sentido verdadeiro para suas experiências de vida, calcado ou, na melhor das hipóteses, recalcado na realidade psíquica. No entanto, para dar conta das incógnitas da realidade, é necessário criar um aparelho para pensar os pensamentos. Entretanto, a invenção dessa fábrica de ficções, desse consenso simbólico gera turbulências, conflitos e violência “psicótica”, já que a mente pode “brigando consigo mesma”, “fugir de si”, “apaixonar-se” simultaneamente, sendo que tais saídas bem podem se apresentar por meio do não ser ou do deve ser. Outro recurso que uma personalidade pode formular para si é a busca, traçando vínculos, delineando uma “alfabetização” emocional, implicando-se mudanças e experiências de crescimento mental, tanto na polaridade narcisista, quanto na polaridade socialista da personalidade.

Em seus livros *Estudos psicanalíticos revisados – Second thoughts* (Bion, 1967/1994), *Aprender com a experiência* (Bion, 1962/1991), *Elementos de psicanálise* (Bion, 1963/2004a) e *Atenção e interpretação* (Bion, 1970/2007), Bion cria dispositivos para pensar a ética psicanalítica e a psicanálise da ética no trabalho clínico. Pretendemos examinar e buscar, a partir de tais obras, algumas de suas ideias e seus conceitos, partindo de seu novo posicionamento epistemológico para realizar uma pesquisa teórica a respeito do atendimento psicanalítico de crianças, apresentando cenas clínicas, as quais funcionam como disparadores para problematizar aspectos da sexualidade infantil.

Entendemos que as concepções, bem como as revisões de Bion a respeito do complexo de Édipo, tornam-se potentes ferramentas teóricas para investigar a clínica da criança. Bion (1963/2004a) contribui com um profundo exame da importância e das funções dos mitos para a humanidade. O mito é entendido como um dos recursos do pensar/sentir, o qual se configura como modelo. Trata-se de uma das maneiras que a mente tem de reunir, conjugar e produzir associações diante dos diferentes elementos (internos e externos) com quem ela tem contato.

Sua finalidade é pôr em funcionamento a mente, para restaurar e revigorar a função  $\alpha$ . Podemos pensar a mente como um “cinema particular”, que produz e reproduz uma narrativa, para dar entendimento e vida à sua capacidade de compreender e apreciar a si mesmo e ao seu mundo. Para isso, projeta, para dentro ou para fora de si, personagens, narrativas, valores, suposições do que se passa na vida e, então, constrói o seu Eu. Essa projeção, quando privada, pode aparecer em uma fala de uma criança, como: “papai não gosta de mim”, “eu só faço merda”, “mamãe gosta mais do mano”. Quando o mito se torna público, concebido por muitos indivíduos, em geral é capturado por uma mente genial e o reproduz em uma versão literária, fílmica ou noutra expressão artística: foi assim no mito de Édipo, da Torre de Babel. A versão mítica pública pode ter sido inventada por um coletivo: “Deus é brasileiro”, “os brancos são superiores”, “as mulheres são submissas”. Os mitos, então, carregam já um modo de abstrair, mas sempre contêm uma faceta moral e falsa. São instrumentos insuficientes, embora carreguem um poder doutrinário, elegendo preceitos tradicionais irrefletidos.

Assim, Bion (1963/2004a) destacou que, antes de interpretarmos os aspectos particulares do mito (por exemplo, a sexualidade, configurando em certos aspectos no polo narcisista), necessitamos analisar, também, novos vértices, o polo social-ista, no qual os aspectos destrutivos e vinculados ao poder e à coletividade se evidenciam de forma marcante: a exclusão da subjetividade das mulheres e das crianças quando não eram considerados como cidadãos, e a autoridade que o Estado tinha para designar seus futuros, assim como garantir essa constelação de poder por meio dos mandatos divinos e morais. Ele ressalta também, que a tragédia evidencia a arrogância de Édipo, quando ele vai em busca da verdade sobre si mesmo, sendo incapaz de respeitar o diálogo com a verdade.

Bion (1962/1991) sugere, também, que as definições freudianas do complexo de Édipo, bem como da estrutura do desejo inconsciente, foram tomadas do efeito emocional que os expectadores experimentaram ao assistir a tragédia Édipo Rei de Sófocles. No vivenciar a peça, afloram processos internos no espectador, de modo que ele se enxerga nos personagens, nos destinos que vão tragicamente se revelando nos atos. É como se a peça provocasse, na plateia, a possibilidade de sonhar e tomar contato com os desejos mais inconscientes, como morte, incesto, poder, suicídio e parricídio. Apresenta essa construção como uma metáfora, com a intenção de puxar para primeiro plano a experiência emocional na pesquisa psicanalítica. Sugere que os diálogos com os mitos fazem parte da própria condição simbólica que rearranja no vasto espectro do pensar os diversos padrões evidenciados nos eixos da tradição e da inovação, do domínio e da submissão, da dependência e da independência, do público e do

privado, todos os eixos que conseguirmos especular para procurar as condições de possibilidades do viver humano.

A partir dessa concepção, Bion pensa que a sexualidade não pode ser entendida como elemento central da constituição humana, na medida em que devemos considerar os outros elementos da mente e seus constantes desdobramentos.

Esta dissertação é uma tentativa de imersão no modo de pensar de Bion, autor pouco explorado nas pesquisas universitárias, mas que consideramos oferecer ricas contribuições ao debate acadêmico, principalmente em relação à psicanálise com crianças. A pergunta que norteia nossa pesquisa é: “o que um psicanalista tem a dizer a respeito do pensar da criança?”

Salientamos que o marco referencial de Bion é tolerar a vulnerabilidade do não-saber. Sua procura por respostas envolve o incognoscível, os diferentes vértices de observação e o fazer trabalhar a psicanálise. Este trabalho de busca é um caminho clínico e, no dizer de Chuster, (1996)

“uma via de acesso, um prelúdio para ação, uma semiologia ativa. A verdade na psicanálise, em seu desvelamento, é uma investigação que é preciso retornar indefinidamente. A pergunta “o que é a verdade?”, tal como Bion formula utilizando um ensaio sobre Pilatos de Francis Bacon, não pode esperar pela resposta, embora seja nosso interesse principal. A verdade é viagem da descoberta, entrada num labirinto, nunca um saber absoluto; ou melhor, o saber absoluto é apenas uma interpretação, uma fenomenologia a serviço da investigação” (p. 9)

É nesse sentido que Bion recorre a frase de Blanchot (1969/2007) ao propor as condições mínimas para a travessia do caminho na busca do conhecimento, para aprender a compreender, trilhado por meio da experiência emocional.

Blanchot afirma “ A resposta é a desgraça da questão”. (p. 43) Assim está aberta a conversa infinita . . . “Somente a resposta, respondendo, deve retornar em si a essência da questão, que não é extinta por aquilo que responde” (p. 45)

## 2 UM BREVE RECORTE SOBRE O HOMEM BION

### O filho de elefante

Com seis bons servidores ando  
 (Me ensinaram tudo que sei);  
 Chamam-se O quê, Por quê, e Quando  
 E Como e Onde e Quem.  
 Eu os mando por terra e mar,  
 E para leste e oeste os mando,  
 Mas depois de trabalharem  
 Eu lhes dou um bom descanso  
 De dia repousam com fé  
 Pois estou ocupado então,  
 E na janta, almoço e café,  
 Pois homens famintos são:  
 Mas cada indivíduo é de um jeito.  
 Eu conheço uma garota com milhões de criados  
 Minha nossa, isto é um feito.  
 E nunca descansam os coitados!  
 Ela os manda viajar de navio, bonde e trens  
 Logo que acorda e cada qual por sua vez:  
 Um milhão de Comos, dois milhões de Ondes,  
 E sete milhões de Por quês!

Rudyard Kipling (1994)

### 2.1 A INFÂNCIA NA ÍNDIA

Aos setenta e sete anos, Bion escreve sua autobiografia deixando um testemunho de suas vivas lembranças. Os livros *The long week-end* (1982) e *All my sins remembered* (1985) foram publicados após sua morte, pela esposa Francesca. O estilo de sua escrita é muito vivo e pessoal, ora ocupando o lugar do narrador maduro, enunciando sua velha infância, ora dando voz às emoções do menino Bion. Premia-nos com uma narrativa elegante e sentimental, às vezes com tintas irônicas, cotejado de expressivos contrastes. Expõe com sutileza seus encantamentos, suas dores, incluindo os traumas e os dramas da vida e da guerra, algo que jamais pode esquecer, mas tentou aprender a conviver. No segundo livro, existe uma seção complementar que contempla cartas remetidas aos membros de sua família, aos filhos e à esposa.

Wilfred Ruprecht Bion nasceu em 8 de setembro de 1897 na Índia, em Muttra, na época, uma cidade pertencente à província Punjab do Império Britânico, que manteve a soberania política em solo indiano até a independência da Índia, ocorrida em 1947. Nesse período, do ponto de vista das famílias, a imigração até as colônias britânicas foi influenciada, dentre outras

razões, por uma busca de melhoria dos padrões financeiro e social, engrenado no projeto maior de expansão e domínio imperial da Inglaterra.

Quando o bebê Wilfred nasceu, o pai já era engenheiro do serviço público Inglês, trabalhando na irrigação agrícola e na manutenção das ferrovias. A mãe foi uma pessoa simples dedicada aos cuidados da casa e dos criados, além de garantir a educação do casal de filhos. Bion tinha uma irmã um pouco mais nova, chamada Edna. Ao recordar da mãe, percebe-a como uma pessoa fria e instável. A seguir, um trecho de suas recordações a respeito dela:

Nossa aia (babá) era uma pequena mulher enrugada que, na minha precária capacidade de conectar a idade a ela, era uma pessoa muito velha tanto para mim quanto para minha irmã, muito mais velha que o nosso pai e a nossa mãe. Nós gostávamos muito dela, possivelmente gostávamos mais do que de nossos pais. Pensando bem, possivelmente não. Minha mãe era um pouco assustadora. Por outro lado, ela poderia morrer porque era muito velha. Ela não era tão velha quanto nossa aia; minha irmã e eu concordávamos que ela não tinha menos do que, digamos, duzentos ou talvez trezentos anos, e embora essa fosse uma idade madura, ela não parecia prestes a morrer. Por outro lado, nossa mãe era peculiar. Sentia-me esquisito quando ela me pegava e me colocava no colo, quente, seguro e confortável. E de repente, frio e assustador, como aconteceu muitos anos depois, no final dos tempos da escola, quando as portas foram abertas e uma fria rufada de ar da noite, parecia acariciar gentilmente, por meio do exaltado sermão da capela. O Diretor, Deus Todo Poderoso, o Arf-Arfer por favor faça-me um bom menino. Eu escorregaria para fora do colo rapidamente para caçar minha irmã. (Bion, 1982, p. 9)

Já seu pai, é descrito como uma figura de autoridade com temperamento um pouco mais estável, porém sem tempo e disposição para responder suas centenas de perguntas infantis em relação a sua grande curiosidade diante da vida. Ele e sua irmã o apelidaram de Arf-Arfer – juntamente com aqueles adultos que não sabiam se comunicar com as crianças e emitiam sons incompreensíveis – tinha uma relação de respeito e medo diante dele:

Naquela noite Arf-Arfer trouxe o terror como o “o rei dos reis”. O caçador (pai) tinha matado um tigre e o corpo tinha sido trazido para nosso acampamento. Sua companheira veio para reivindicá-lo, e nas próximas duas noites o acampamento estava circulado por tochas queimando de um fogo brilhante para mantê-la longe. Com sua grande cabeça e a boca direcionada para o chão para disfarçar seu paradeiro, ela urrava seu funeral. Mesmo quase engolindo meu medo, no interior da nossa tenda eu me espantei, aquilo parecia como uma grande tosse, o urro da garganta louca da tigresa de luto. Toda noite e na noite seguinte, isto continuou, enquanto nossos valentes cachorros estremeciam, rosnavam e se acovardavam. Nunca antes o sol tinha se posto com aquela orquestra, uma noite tropical que nós ficamos atentos ao adicional diapásio. (Bion, 1982, p. 17)

Bion deveria ter uns quatro ou cinco anos quando vivenciou o referido acampamento, fato normal para os meninos daquela época, não sendo um ambiente para as mulheres, o que deveria confundir seus sentimentos para com a mãe e a irmã, mas principalmente em relação a si mesmo:

Eu agora estava muito consciente de mim mesmo, mas o self do qual eu estava consciente era tímido, moroso – não era digno de mim mesmo. Eu gostava de uma foto em que eu estava correndo rapidamente, rindo arrebatadamente, provavelmente procurado pelo meu pai e pela minha mãe. Assim, eu gostava de pensar, era como eu era - não o objeto triste e deprimente que eu vi por tantos anos. Eu nunca mais vi nada. Aquilo que eu gostava de pensar, era como eu realmente me parecia, não com aquele objeto abatido, depressivo que eu vi por tantos anos. Eu nunca mais vi qualquer coisa semelhante. Entretanto, havia esse retrato; eu devo ter parecido como eu estava lá apenas por um ou dois momentos em toda minha vida. Meu caráter, quando eu vislumbrei isso, era horrível, em contraste com meus desejos.

Minha irmã e eu brincávamos, mas não um com outro. Cada um era obstáculo um para o outro, parte dos móveis e utensílios da casa. Mesmo quando eu descobri o prazer da masturbação, deitado de bruços no chão e me contorcendo, ela não poderia fazer nada disto. Ela tentava, mas tinha que anunciar que falhou. Eu pensava, eu tentava persuadir minha mãe da importância de minha descoberta; ela deve ter sorratamente contado para meu pai, para meu intenso embaraço, e para o deles, eles entraram silenciosamente no meu quarto e me encontraram no ato. E assim eles realmente me descobriram fazendo o que eu tinha tentado dividir com minha irmã. Na verdade, eles não só me descobriram fazendo aquilo, como me pegaram. Eu me senti horrivelmente culpado. (Bion, 1982, p. 23)

Essa passagem convida a pensar o quanto as lembranças de Bion reuniam pedaços cheios de diferentes afetos, de diferentes distâncias que não o deixavam se sentir em paz consigo. Até mesmo momentos de prazer com o corpo o punha em descompasso com sua meninice. Entretanto, parece ter conservado como lembrança, bons sentimentos em relação à Índia, uma vez que sua escrita se pauta por uma nostalgia poética, marcada por paisagens, tons, sons e movimentos.

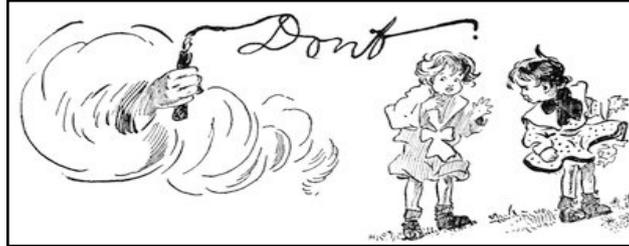
Contudo, eu amava a Índia. O ardente e intolerável sol – como era maravilhoso. O silêncio do meio dia. As grandes árvores com as imóveis folhas penduradas no ar ofegante, o pássaro cuco com seu chamado reiterado, “cuco”, “cuco”, “cuco”, então o silêncio novamente. (Bion, 1982, p. 29)

Assinala em seus escritos, que recebia da família estímulo para apreciar música, livros, brinquedos, declamar poesias. Curioso, parecia receber esses incentivos de bom grado:

Eu não era triste e eu não era sorridente também. Nem Melvin era. Quem era Melvin? Melvin e Cyril eram dois irmãos, conhecidos de meu pai, eles lembravam dois personagens de um livro para crianças, *Budge & Todd*. Cyril era o Budge, grande, desajeitado com uma gargalhada estridente como um balido de cabra. Melvin ou Todd, era meu herói. Ele era travesso e simpático, não gostava de Budge e de sua irmã Beryl que sempre estava sorrateira dedurando as histórias dos meninos, quaisquer garotos, para sua mãe e para seu pai, meu tio Walter e minha tia Helen. (Bion, 1982, p. 31)

Figura 2

Making them what i would like them to be – Budge & Todd.



Fonte: Habberton (1976, p. 351).

No entanto, chama-nos atenção que, em seu penúltimo parágrafo da seção em relação à Índia, a descrição da forma como o pai se comunica com ele, de um sádico selo patriarcal, como se o contato com algo assustador ou estúpido pudesse ajudar a educar e fortalecer o caráter das crianças:

À medida que nos aproximávamos de Gwalior, encontramos uma robusta jaula de madeira. Devia ter uns cinco metros de comprimento, três metros de altura e um metro e meio de largura. Poderia entrar nela, por meio de uma plataforma que liberava uma porta levadiça de madeira robustamente construída. Eu não estava assustado por aquela armadilha de tigre, até que nosso guia indiano apontou para um frágil e pequeno caixote do lado de fora, mas que estava acoplado à estrutura principal, mais adiante, onde estava a porta da armadilha. Por que o tigre entraria? Porque, meu pai respondeu, os tigres são criaturas preguiçosas. Quando eles vêm uma criança no caixote – então era por isso que o caixote estava lá – ele não se precipitaria para o garoto, mas andaria até a extremidade aberta da armadilha, entraria e bang! O tigre seria apanhado quando a porta levadiça descesse. Veja. Eu vi. O que fez a coitada da criança? Eu vacilei. Bem, é claro, ela não poderia fazer nada, você viu, por isso não estava na armadilha *com* o tigre. . . . Isto foi o suficiente para mim. Não poderíamos ir para casa? Eu *quero* ir para casa. Mas. . . não poderia eu ver? A criança estava bem segura. . .

Não só pensei que seria terrível ser o garoto, eu também sabia que eu seria um terrível bebê chorão e eu poderia começar a chorar, se nós fôssemos na proximidade daquela fortaleza. Pobre do meu pai! Ele era o famoso atirador, quem caçou com o lendário Corbett e o Rei George V e o General Ironside. . . e lá estava eu, um choramingador, que estava amedrontado até mesmo com a visão do tigre na armadilha. Como poderiam minha mãe e meu pai ter produzido um tal. . . um tal. . . Bem, um tal o quê? Eu não sabia. Deveriam ter feito balançando; que sempre foi algo terrível de lidar.

Chega de Gwalior. Chega de conversas sobre tigres; mudar a conversa para algo como irrigação, algo suficientemente sem graça para não me assustar - até eu chegar em casa pelo menos. Até chegar em casa eu já teria esquecido. Mas eu não esqueci. (Bion, 1982, p. 32)

Isso parece ter marcado sua personalidade, a ponto de não esquecer. No ano em que completou oito anos foi levado para a Inglaterra para estudar um colégio interno, uma prática comum das famílias britânicas que tinham condições financeiras de bancar essa empreitada. Bion foi para uma escola particular, porém não era das mais abastadas. A despedida de sua mãe foi marcada por uma frieza e distanciamento:

Délhi, carros a motor, pessoas ricas, mulheres inglesas com vozes altas – “Fantasioso como o reino dos céus preenchido com pessoas iguais”. . . Assim como minha aia e minha amiga Dhunia, a varredora? Eu esperava que sim, mas de fato eu sabia que isto não poderia ser para a casta baixa, os intocáveis seriam assim, mas os intocáveis eram como as belas e sorridentes damas inglesas. Agora sei também que eram horríveis, mas aprendi isso tarde demais para ser de grande ajuda. Nem mesmo a senhorita Whybrow e a sra. Thompson poderiam ter me ensinado. Se passariam mais doze anos da minha vida antes que eu tivesse a chance de aprender.

Mas Delhi: Nova Delhi! Não é esplêndido? Se eu não tivesse que ir para a escola...

O trem andou de forma constante, algumas vezes com dificuldade sobre aclives mais intensos das Cordilheiras Ghats, até chegar ao terminal em Bombaim. A estação férrea como outros monumentos arquitetônicos da Raj Britânica, era uma mistura de provincialismo brega e vida doméstica imperial, a qual em retrospectiva podia invocar sentimentos de nostalgia de grande emoção pungente. Por um tempo cheguei a acreditar que esses sentimentos eram o substituto para o que os outros chamavam de "saudade de casa". Mas eu não tinha um lar pelo qual pudesse sentir saudades - apenas pessoas e coisas. Assim, quando eu me sentia sozinho no pátio da Escola Preparatória da Inglaterra onde eu dei um beijo de despedida na minha mãe com seu olhar seco. Eu pude ver acima da cerca-viva que me separava dela e da estrada que era a fronteira para vastidão do mundo, o chapéu dela se movia para cima e para baixo, assim com alguma coisa enrolada na chapelaria, parecendo um bolo carregado na onda verde da cerca-viva. Até desaparecer. (Bion, 1982, p. 33)

Na escola, Bion também encontrou colegas sem discernimento, preocupados em apenas distinguir quais alunos pertenciam aos dormitórios, A ou B – sendo que o A era reservado aos de poder aquisitivo mais alto, o B, então, para os de menos prestígio financeiro.

No seu primeiro dia de internato, sentiu-se doente e chorou à noite. Aos poucos, teve que se adaptar àquele ambiente hostil e estranho.

No meu novo mundo, povoado com Nickell Sehns, Hodsons, Havelocks, todos disfarçados de garotinhos, as perguntas - como os que as faziam - eram muitas vezes enganosamente familiares ou incompreensíveis, como “Você é A ou B?”. Às vezes as

perguntas não podiam ser respondidas com meu arsenal de respostas, e minhas respostas improvisadas levavam a mais problemas. (Bion, 1982, p. 35)

Demorou um certo tempo para que sua comunicação criasse laços e camaradagem. Fez algumas amizades, e recebeu a compreensão do diretor da escola. Sua narrativa aponta para sua aguda capacidade de discriminar detalhes, marcando as diferentes exigências em que um solitário menino tem que se haver: disciplina austera, crianças desamparadas com todas as reativas formas de reagir diante disso, além de ter que se manejar a si mesmo, cuidando de sua sobrevivência emocional.

## 2.2 INDO PARA A GUERRA

Ao encerrar sua escola, em 1915, Bion se apresentou no recrutamento do Regimento do Exército Britânico (em inglês, *Inns of Court*) no Corpo de Treinamento de Oficiais (em inglês, *Officers Training Corps*). Um conhecido do pai intercedeu para que Bion, em janeiro de 1916, começasse a servir nas forças armadas. Como declarou a intenção de manejar tanques, foi encaminhado para a escola Bisley, no Corpo das Metralhadoras (em inglês, MGC – *Machine Gun Corps*). Em sua primeira e única folga de fim de semana, seus pais estavam em Londres para vê-lo, Bion lembrou dos horrores esquecidos em seu tempo de escola preparatória, na qual vivia os fins de semana como uma tormenta, já que seus pais moravam na Índia:

Eu odiava aquilo. Eu odiava cada momento daquilo. Não tenho lembrança de como passei o dia; eu devo ter sido consciente – minha bíblia psicanalítica me diz isso. Como foi para minha mãe, eu não sei e não posso tratar de lembrar. Eu fui cortado da minha base. E o inimigo estava trabalhando plenamente na minha mãe. “Amanhã para madeiras frescas e pastagens novas.” Sim, madeiras, você idiota! Estar lá sozinho na floresta, assim que você tem que aprender a viver. (Bion, 1982, p. 114)

O “Amanhã para madeiras frescas e pastagens novas” é um trecho do último verso do popular poema, aparentemente pastoral, “Lycidas” de John Milton (1637), que recorre a uma segunda voz justaposta para acusar Deus de ter punido injustamente um jovem cheio de futuro, valoroso e altruísta, seu amigo, que morre prematuramente em um acidente no mar com seu próprio barco. Milton se utiliza de outras vozes para elucidar no poema, outros pontos de vistas em relação às facetas e à continuidade da vida, com os diferentes contraditórios presentes nos acontecimentos. Bion traz luz, ao quanto se sentiu irritado frente às preocupações da mãe, colocando-o em um lugar de “*baby*”, sendo que, naquele momento, já não vivia o abandono dos oito anos de idade de outrora. Naquele momento, não havia espaço para o passado, e tudo o que ele mais queria ser era um soldado valoroso.

Com seu tipo atlético, conseguiu ingressar para o quinto batalhão de blindados em Wool e passou a utilizar a última tecnologia bélica da época: os tanques.

Recebi ordens de apresentar-me ao acampamento de Bovington, em Wool, onde vi meu primeiro tanque - bloqueava a estrada de acesso para o acampamento. O dia estava quente, ensolarado, imóvel. A estranha forma mecânica, imobilizada e imobilizadora, era assustadora da mesma maneira que tinha sido a armadilha primitiva de tigre perto de Gwalior; eu queria fugir. Um martelar metálico veio de dentro do tanque; um soldado saiu e o dia voltou à vida novamente. (Bion, 1982, p. 115)

Com apenas 19 anos, o jovem Bion mergulhou na guerra, e suas vivências extremas dessa inominável experiência não deixaram de atormentá-lo nunca mais. No front, teve medo de enlouquecer, mas era obrigado a retirar tais estados de sua mente e se ocupar com sua sobrevivência e dos outros soldados.

Em muitos momentos, Bion esteve na frente de batalha e descreve em detalhes o quanto viveu emoções limítrofes, terroríficas, tendo vivências de despersonalização, na medida em que se sentia alheio aos ideais do Império Britânico e, ao mesmo tempo, tinha que lutar de forma aguerrida e feroz. Relata a sensação emocional de estar à margem dos grupos aos quais pertencia. Ainda assim, precisava lançar mão de sua razão para permanecer vivo e desenvolver laços com seus colegas de tropa. Conheceu pessoas de todos os tipos, desde o mais mau-caráter e arrogante até um generoso e altruísta amigo.

Em 1918, Bion participou de uma ofensiva britânica contra os alemães. A Batalha em Cambrai aconteceu a partir da artilharia, da infantaria e um pequeno número de tanques tinha como estratégia o controle das defesas alemãs que estavam estabelecidas nessa região da França.

Eu conduzi meu tanque – naqueles dias a quatro milhas por hora (aproximadamente 10km/h) – para o meu objetivo, para o vilarejo de Flesquieres. O chão firme deixou isto fácil e exaltante. O chão inclinado indicou a posição do forte inimigo. Como nos aproximamos, eu pude ver quão formidável era; o arame farpado – pelo menos seis metros de altura e dez metros de espessura ao redor da fortificação posicionada. Como de costume eu fechei as abas e mergulhei em direção aos arames farpados; por um momento eu senti um leve puxão nos físgando. Mas logo conseguimos atravessar e passar por cima da barricada, o qual teria retardado qualquer ataque por semanas em Ypres (cidade Belga), não importando quanto poderosa fosse a artilharia de suporte, e provavelmente por tanto tempo quanto quiséssemos passar imaginando nossos cadáveres caídos pelo chão do combate. (Bion, 1982, p. 161)

O tanque de Bion, no entanto, fora seriamente atingido, avariando a bússola que orientava a direção para onde deveriam avançar. A essa altura, ele teve que guiar às cegas na medida em que o tanque tinha ameaçado explodir em função dos galões de gasolina e as das inúmeras munições. Também não havia percebido que tinha sido atingido, pois começou a perder sangue. Relata como se tivesse sido um corte superficial. Não restava outra alternativa, a não ser seguir o combate, até que o tanque parou por completo por causa dos danos provocados pelas rajadas das metralhadoras. A tripulação saltou dele, conseguindo tomar posse de uma trincheira dos inimigos. Ao ser atacados por cima, Bion decide pular fora da trincheira e faz fogo nos atacantes, promovendo à retirada do destacamento alemão.

Frente a essa batalha, Bion foi recomendado para receber a condecoração Victoria Cross, mas ele a declinou, pois bem compreendia o peso de tal honraria:

Eu não poderia ter explicado para ninguém porque pesava tanto sobre mim. Mas pelo menos, eu pude entender porque uma Victoria Cross era virtualmente uma sentença de morte; porque os homens diziam que ganhadores da VC também fracassavam e arranjavam empregos confortáveis na Inglaterra, ou eram mortos, subsequentemente, ao tentarem merecer a honra, que eles haviam ganhado.

Eu tenho uma leve lembrança, exceto uma infelicidade feroz. Gravado em minha mente era uma bobagem, ocasião trivial, e um descomunal entorpecente. (Bion, 1982, p. 190)

A Inglaterra enviou 9 milhões de soldados e aproximadamente novecentos mil morreram na Primeira Guerra Mundial, sendo que, em sua companhia, morreram dois terços, já que batalhavam na linha de frente.

Quem foi morto? Quainton lembrou disso – “Eu vi que nós não dispomos um refeitório do batalhão”. É o refeitório da divisão a partir de agora, diz Gull. É muito estranho porque você nunca pode obter qualquer notícia. Era o mais peculiar: na guerra sem notícias.

Green: morto em ação. Despard: morto em ação. Bayliss: morto por ferimentos. Cohen: ferido. Crankleton: desaparecido, provavelmente morto – muito provável, de fato, quando você considera que um de seus homens estava lá quando ele foi explodido em pedaços. Ball: muito bem vivo, mas. . . Ele era um cara tão legal, bom companheiro, espirituoso, uma parceria perfeita para seu amigo Green – até que um dia, ele ficou embaixo do tanque.

Os nomes deles viverão para todo sempre. Nos corações e nas mentes dos sobreviventes, até eles também morram. Mas o que aconteceu no 5th Batalhão, aquele grupo de boa aparência que cantava “Deve uma antiga amizade ser esquecida”, que manhã linda, na estação Wool? A ilusão que houve um 5th Batalhão foi mais poderosa que de fato; nós fomos absorvidos entre tantos novos garotos que mal existíamos. (Bion, 1982, p. 182)

Quando a guerra terminou, Bion tinha vinte e um anos e era considerado um herói de guerra. Foi condecorado no Palácio de Buckingham com uma medalha militar. O governo francês o distinguiu com a condecoração da “Legião de Honra”. Assim, alcançou a patente de capitão, mas abandonou o exército e ingressou em Oxford para estudar Ciências Humanas.

Bion obteve as titulações a seguir (Zimerman, 2004):

- estudou História Moderna;
- obteve Licenciatura em Letras com Bacharelado em Artes;
- estudou Filosofia, particularmente Frege, Hume e Kant;
- graduou-se em Medicina e especializou-se em Psiquiatria (aos 33 anos).

Em 1932, Bion empregou-se na Clínica Tavstoky e passou a trabalhar como psicoterapeuta. Já vinha fazendo aproximações com a psicanálise, quando tinha procurado fazer terapia por sentir-se muito ansioso. Nunca revelou o nome de seu primeiro terapeuta, mas acredita-se que tenha ficado em tratamento em torno de sete anos. De 1937 a 1939, aproximadamente, passou a fazer análise com John Rickman – este por sua vez fez análise Ferenczi e posteriormente com Melanie Klein. Quando a Segunda Guerra estourou em 1940, Bion foi recrutado como psiquiatra na reabilitação de soldados. Ao lado de Rickman e Clifford Scott desenvolveram no hospital programas preventivos de doenças psiquiátricas, além de executar trabalhos grupais de recrutamento, seleção e readaptação dos militares após as vivências no front da guerra. A partir daí Bion desenvolve suas ideias a respeito dos grupos, realizando com Rickman um notável trabalho de grupo no Hospital de North Field.

No início da guerra, conheceu aquela que seria sua primeira esposa, Beth Jardine, uma atriz muito sorridente, bonita, sociável, e de espírito agradável, o que atraiu o homem tímido, alto, introvertido, mas herói e oficial de guerra. Casaram-se e a felicidade do casal era repartida com as atividades de ambos, ele no hospital e ela em suas incursões ao teatro e ao cinema. O matrimônio foi interrompido de forma prematura e trágica, quando Beth, ao dar à luz, faleceu por complicações no parto. Bion se encheu de remorso e pesar. Não estava presente naquele momento com a esposa, e seu convívio inicial com a filha Parthenope recebeu essa carga emocional:

Nós ganhamos a segunda guerra? O único apontamento que eu faço é que eu gastei todos os meus recursos no serviço militar gratuito, sendo somente psiquiatra. Eu sabia que terminei na mesma posição que eu comecei. Tenho orgulho de dizer que pelo menos permiti reconhecer para mim mesmo que terminei, como comecei. Não existindo. “O homem que é nascido da mulher tem muito pouco tempo para viver. Ele sobe como um galho superior e desce como uma pequena lança voadora” (oração fúnebre), como algum poeta possuidor de concisão descreveu. Espero que Beth tenha gostado daqueles breves anos de fama que ela de fato conquistou. O bebê dela – nosso bebê – dependia agora de uma mulher que havia dado à mãe dela um abrigo do tipo que se encontra em uma cidade enfumaçada e escura como Slough e que agora cuidava dela enquanto seu pai, infeliz e malsucedido, contemplava o futuro que tinha os tons do arco-íris. (Bion, 1982, p. 62)

Foi, então, que Bion com a alma devastada, iniciou sua formação psicanalítica, na solidão do luto, refugiou-se nos prazeres da gula. Até que uma experiência com sua filha em um fim de semana denunciou algo estava errado e, de alguma forma, acordou-o:

Eu estava sentado no gramado, perto da casa e a bebê engatinhando perto do canteiro de flores no lado oposto da grama. Ela começou a me chamar. Ela queria que eu fosse até ela. Eu permaneci sentado. Ela agora veio engatinhando em minha direção. Mas ela chamou por mim como se esperasse que eu fosse buscá-la. Eu permanecia sentado. Ela continuou engatinhando e agora seus chamados tornaram-se angustiantes. Eu permanecia sentado. Eu assisti ela continuar na travessia dolorosa por meio da vasta extensão, como esta aparecia para ela, que separava ela de seu pai.

Eu permanecia sentado, mas sentindo amargura, irritação, ressentimento. Por que ela fazia isso comigo? Não era bem essa questão. Por que você faz isso com ela?

A babá não aguentou aquilo e levantou-se para buscá-la. “Não” Eu disse. “Deixe ela engatinhar. Isto não vai fazer qualquer dano.” Nós assistimos a criança engatinhar angustiada. Ela estava chorando amargamente agora, mas agarrada firmemente em sua tentativa de cobrir a distância.

Eu me senti como se estivesse preso em um vício. Não. Eu não iria. Por fim, a babá, olhando para mim com espanto, levantou-se ignorando minha proibição e foi buscá-la.

O feitiço se quebrou. Fui liberado. A bebê parou de chorar e estava sendo confortada por maternos braços.

Mas eu perdi minha filha. Eu espero que não haja vida futura.

Eu implorei a Betty que concordasse em ter um bebê: sua concordância em fazê-lo custara a vida dela.

Eu tinha jurado cuidar da criança. Não era uma promessa para Betty; foi um voto inesperado para mim mesmo. Foi um choque, chocante, encontrar tanta crueldade em mim mesmo. Eu tenho recordado muitas vezes as palavras de Shakespeare (Hamlet III): “Ninfa, em tuas orações, todos os meus pecados sejam lembrados.” (Bion, 1985, p. 70)

É assim que Bion termina de escrever sua autobiografia, sem querer esquecer. Acreditamos que, ao passar pela experiência de escrever aquilo que precisa ser lembrado, mostrou-se humanamente frágil e real. Sua vida, marcada por sofrimentos e por traumas, talvez tenha lhe dado um jeito peculiar de encarar e conviver no interior do movimento psicanalítico. Bion não possui um engajamento doutrinário em relação às políticas do dia a dia das instituições. Todo aquele clima competitivo e polarizado da época, parece não ter capturado seu estado de espírito.

### 2.3 UMA RELAÇÃO HELICOIDE COM MELANIE KLEIN

Bion tinha luz própria; como ele mesmo se autodescrevia, seu caráter tímido e introvertido acabava por fortalecê-lo, na medida em que transformava isso em ferramentas para criar sua forma de pensar. Nesse sentido, a demanda de reverência que Melanie impingia em seus colegas parece não ter afetado sua postura diante da sua formação e da psicanálise. Na época, os psicanalistas, em geral, mantinham um movimento oscilatório diante desse homem incomum: um psicanalista indiano, quando considerado irreverente e de difícil compreensão,

ou britânico, quando seu prestígio promovia uma idealização. Assim, Phyllis Grosskurth (1992) escreveu na biografia de Klein, ao se referir a Bion:

A estrela mais brilhante do firmamento de Klein durante a última década de sua vida foi Wilfred Bion. . . . Klein considerou um prêmio quando ele se candidatou para fazer análise com ela depois de ter sido dispensado do exército. Ele insistiu em que seria com a condição de que ele conservasse sua própria personalidade quando se tratasse de pensar e reagir. Ela concordou com suas condições – provavelmente por que estava ansiosa para tê-lo como paciente – embora tenha havido problemas inevitáveis quando Bion rejeitou a interpretação literal de que um bebê evacua partes de sua personalidade que ele não quer e empurra-as para dentro de outro corpo – em outras palavras, uma fantasia onipotente. Não obstante, ele aceitou que havia um núcleo psicótico em todo indivíduo, e fora atraído para o trabalho de Klein, inicialmente por intermédio do artigo “Notes on Some Schizoid Mechanisms”, de autoria dela. Durante a década de 50, ele escreveu seis artigos magníficos, todos, exceto um (“On Arrogance”) dedicados a casos fronteirços. Em certa ocasião, depois de uma reunião científica, Klein foi encontrada chorando no corredor porque Bion não apresentara seus agradecimentos a ela. Mas, Sra. Klein, protestou alguém, todo mundo sabe que as hipóteses dele são baseadas nas da senhora! ” Provavelmente em consequência da suscetibilidade dela, Bion diz em um de seus artigos: “mesmo quando não faço referência ao fato, a obra de Melanie Klein ocupa um lugar central em minha visão de teoria psicanalítica de esquizofrenia”. (Grosskurth, 1992, p. 453)

O ingresso de Bion na Sociedade de Psicanálise de Londres se deu em 1950, a partir da apresentação do artigo “O gêmeo imaginário”; em sua formação, teve como colegas o filósofo Money-Kyrle, o cientista social Elliot Jacques, a assistente social Beth Josef e médica Hanna Segal. Em Londres, a atmosfera era de uma produção intensa de trabalhos por parte dos psicanalistas, que se polarizavam entre as ideias de Sigmund Freud e Anna Freud por um lado e Melanie Klein de outro, e ainda começava a adquirir força, o grupo independente, o *middle group*. Mais adiante, alguns analistas passaram a se reunir em torno do modo de pesquisa e investigação de Bion, que propunha uma série de novas aberturas ao pensar clínico. Foram influenciadas por suas ideias Frances Tustin e Isabel Menzies Lyth – ambas analisadas de Bion –, além de Susan Isaacs, John Steiner e Ronald Britton, entre outros.

Em torno de Melanie, reuniram-se grandes pensadores que de alguma forma, contribuíram para que suas ideias evoluíssem com uma epistemologia mais consistente:

Durante alguns anos, Klein estivera pensando em formar um *trust* para promover pesquisa e ensino psicanalíticos baseados nos conceitos dela. Em fevereiro de 1955 foram escolhidos os primeiros membros do *trust*: a própria Melanie Klein, Wilfred Bion, Paula Heimann, Betty Joseph, Roger Money-Kyrle. (Grosskurth, 1992, p. 438)

Já final da década de 1950 as ideias kleinianas começaram a serem pesquisadas em outras áreas do conhecimento. Fundada pelo pintor Adrian Stokes a Fundação Imago formou um importante grupo para estudar arte associado as perspectivas psicanalíticas. O renomado professor de artes Richard Wollheim, juntamente com Stokes, passou a estudar com Donald Meltzer, Wilfred Bion, Roger Money-Kyrle, J. O. Wisdom e Stuart Hampshire (Grosskurth, 1992).

A essa altura, as difusões de seu modo de pensar diante das etapas iniciais do desenvolvimento, bem como das constituições psíquicas psicóticas, tornaram as ideias de Klein maiores que ela, e as desavenças construídas ao longo de sua carreira só permaneceram em vigor nos argumentos de seus opositores – principalmente aquelas relacionadas à morte do filho e à ruptura afetiva com a filha.

Muitas vezes, sentimo-nos inclinados em suspeitar que Klein estava deslocando seu sofrimento em relação à Melitta, ao reagir de forma excessivamente determinada à adversários como Glover e Anna Freud. No entanto, no Congresso de Paris, em 1957, ela rompeu em pranto, desabafando com Francesca Bion sobre sua desavença com a filha. (Grosskurth, 1992, p. 437)

Bion acabou mantendo uma atitude respeitosa para com sua analista, mas não se furtava de defender as próprias opiniões e tomar decisões que a contrariava, como por exemplo, no caso de votar a favor das propostas de Winnicott em reduzir os seminários com temas kleinianos que eram majoritários na época para equilibrar as diferentes correntes de pensamento existentes na formação psicanalítica da Sociedade Britânica. Bion não adotou uma postura combativa ou de polarização; acreditamos que ele percebia certas pressões diante das políticas das instituições psicanalíticas, mas preferiu se ocupar da produção em outros campos, como a própria organização de suas ideias. No entanto, em seu artigo “Sobre uma citação de Freud”, falando de distintos registros do psiquismo, escreve, no final do texto, uma ilustração irônica que revela sua ambivalência perante o lugar de autoridade de sua analista:

Estudei em um hospital em cujo pátio havia um gatinho preto. Nesta minha época de estudante, o gatinho costumava parecer em horas muito regulares, fazer seu serviço, cobri-lo com muito apuro, e sair andando. Era conhecido por Melanie Klein – Melanie, por ser preto, Klein, por ser pequeno; e Melanie Klein por não ter nenhuma inibição. Tenho um sentimento que isto se repete em um nível diferente do progresso helicoidal da mente humana; estou emprestando esta ideia da estrutura molecular do ADN. A pessoa volta às mesmas coisas, só que em um nível algo diverso. Penso que aquilo que estamos tentando fazer é voltar aos diferentes níveis, mas sem perder a contribuição vital feita por esses arcaísmos. (Bion, 1976/1987, p. 141)

Com um humor *nonsense*, sua escrita apresenta um movimento que gira em torno de um eixo, mas permanece se deslocando ao longo desse eixo central, convidando o leitor ao mesmo exercício de formulação das ideias, poético e crítico, até que um novo padrão estabeleça novas aberturas:

Eu não me surpreendo que a psiquiatria tenha estado desacreditada – assim como a psicanálise ou qualquer outra atividade humana. Porque por alguma razão “mente encontra mente”, ou “um garoto encontra uma garota”, “um garoto encontra um garoto”, ou X encontra Y, eles se espantam com isso, como se fosse um choque, e um começa a sentir que é perigoso gostar do outro da própria espécie. Assim é. Mas – não tudo perigoso. No entanto, se é medicina física, ou medicina psicológica, ou não é qualquer tipo de medicina, duas pessoas podem considerar muito difícil de fazer, psiquiatras e psicanalistas são tão ruins (piores?) quanto o resto. De qualquer maneira, você pode aprender como não fazer, e depois de tudo tirar uma lição muito valiosa. (Bion, 1985, p. 219)

No Brasil, foram os pioneiros da Sociedade de Psicanálise de São Paulo Durval Marcondes, Virgínia Bicudo e Lygia Alcântara do Amaral, os responsáveis por difundir Bion. Estas últimas também foram pioneiras no atendimento de crianças, ambas analisadas da Dra. Koch – começando seus trabalhos no Brasil – aprimoraram seus estudos em Londres. Lygia do Amaral estudando com Izabel Lyth e Frances Tustin, além de mais tarde fazer reanálise durante um mês – cinco sessões por semana – com o próprio Bion quando ele esteve em Brasília, em 1979. Já Bicudo permaneceu em Londres de 1955 a 1959, para aprimorar sua formação, tratando-se com Frank Philips, realizando supervisão com Rosenfeld e estudando com Tustin, Bick e Bion. Como mulher, negra e não médica sofrera muitos preconceitos no Brasil, mas, em Londres, sustentou e consolidou seus projetos:

Bion é quem recebe Virginia calorosamente no London Instituto of Psycho-Analysis, por meio de uma carta em que diz “very glad to see you at the seminars as you suggest”. Os dois se aproximaram e mantêm forte amizade até a morte de Bion, amizade essa que se revela na correspondência que mantiveram durante tantos anos. Virginia usa sua influência para trazê-lo para o Brasil, por várias vezes, hospeda-o e promove suas conferências e supervisões em São Paulo e em Brasília. Bion deixa uma forte marca na Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo. (Teperman & Knopf, 2011, p. 74)

Virginia também influenciou a vinda de Frank Julian Philips ao Brasil, onde ele permaneceu trabalhando e morando em São Paulo no período de 1969 a 1997. Philips (1906-2004), nasceu na Austrália, foi analisando Melanie Klein e posteriormente de Bion, e após sua

alta, ambos estreitaram uma relação de amizade no ambiente psicanalítico. A partir da década de setenta tornou-se um propulsor do modo de praticar a psicanálise a partir de Bion.

Bion foi um homem entusiasmado por seu trabalho, dedicou-se à psicanálise até o fim de sua vida. Não teve tempo de voltar para sua Índia, morreu antes de realizar esse sonho, aos 82 anos de idade, em novembro de 1979.

Para finalizar essa breve apresentação do homem Bion, retomamos ao poema de Rudyard Kipling, muito caro a Bion, já que ele fazia parte da memória afetiva de sua infância na Índia. Poema que encerra uma história infantil sobre a curiosidade de um filhote de elefante e o desdém de como os elefantes adultos tratavam suas inquietações e perguntas. O poema marcado por dois segmentos narrativos, bem pode evocar o movimento circular da busca do conhecimento, e o quanto a busca de interrogações exige o feito de tolerar uma maior área do desconhecimento. Do menino curioso e perguntador da Índia, a um pensador criativo, sua trajetória foi marcada por uma intuição de que mais importante na formulação das perguntas é instaurar um ciclo que sustente a incógnita, a capacidade de não saber. Bion não perdeu a empolgação daquele menino que corria e brincava cheio de alegria atrás de sua intuição, do sétimo servidor (o mestre indiano que medita no descanso da mente), dos espaços que provocam a fome e alimentam o buscar viver da mente humana. Para ele, pensar requer uma liberdade disciplinada, o sétimo servidor, operando como o psicanalista. Pensar reserva uma correspondência com o brincar espontâneo das crianças. Pensar é arriscar, na busca da função psicanalítica que desconstrói a lógica racional e positiva à intuição poética.

### **O filho de elefante**

Com seis bons servidores ando  
 (Me ensinaram tudo que sei);  
 Chamam-se O quê, Por quê, e Quando  
 E Como e Onde e Quem.  
 Eu os mando por terra e mar,  
 E para leste e oeste os mando,  
 Mas depois de trabalharem  
 Eu lhes dou um bom descanso

O respeito pela liberdade de criar e pelo pensar são os alimentos psíquicos para a alma de uma criança e, quanto a isso, Bion ainda tem muito a nos ensinar. Provocando uma circulação na investigação, reunimos uma música infantil, que oferece como tema a afirmação do viver no espaço infinito (inconsciente). Esse elemento, que caracteriza o contato com o desconhecido e, de certo modo, introduz a tematização dos limites do conhecimento, passa a pertencer ao senso

comum de uma determinada época da história, desde que a psicanálise chegou para perturbar o sono do mundo. Bion foi um homem do seu tempo, levando, para dentro da psicanálise, os próprios efeitos dela.

Eu vivo sempre  
no mundo da lua.  
Por que sou um cientista  
o meu papo futurista  
é lunático.

Eu vivo sempre  
no mundo da lua.  
Tenho alma de artista  
sou um gênio sonhador  
e romântico.

Eu vivo sempre  
no mundo da lua.  
Porque sou aventureiro  
desde o meu primeiro passo  
pro infinito.

Eu vivo sempre  
no mundo da lua.  
Porque sou inteligente  
se você quer vir com a gente  
venha que será um barato.

Pegar carona  
nessa cauda de cometa  
ver a via láctea  
estrada tão bonita.  
Brincar de esconde-esconde  
numa nebulosa.  
Voltar pra casa  
nosso lindo balão azul

(Guilherme Arantes, “Lindo balão azul”)

### 3 O MULTIVERSO DO CONHECIMENTO DA PSICANÁLISE EM BION

Os grandes pensadores possuem uma inventividade genial ou conseguem acessar em si aquilo que, no dizer de Chuster (2018 p. 119), engendra uma imaginação radical<sup>4</sup>, que os fazem compreender a trama de certas contingências e singularidades da vida, que ultrapassam o senso comum e o tempo cronológico instituído.

Essa capacidade intrínseca e inata do ser humano para o ordenamento dos registros sensíveis, a imaginação radical, sofre interferências tanto externas quanto internas ao indivíduo, sendo capaz de captar as três dimensões do espaço (largura, comprimento e profundidade). O tempo é a quarta dimensão que, simultaneamente as outras três, cria e é criado pela subjetividade. Tais ordenamentos dão aberturas às pré-concepções que potencializam o espectro narcisista social-ista. A subjetividade que inventa e é inventada pela raça humana. Uma expansão contínua, entrelaçada do indivíduo e de seu grupo social.

Já a instauração de uma invenção no ambiente social, seja em forma de conhecimento ou objetos materiais, demanda novas correlações e elaborações. Para ser incorporado, ou ainda que se torne uma realidade compartilhada, nós, pessoas usuais, precisaremos nos adaptar a esse modelo de entendimento. São os modos de olhar o mundo, as expressões de sensibilidades, são os legados culturais, revelados por meio de artes, literaturas, ciências e materialidades que marcam as sociedades e a história da humanidade. Diante dos destinos de cada movimento cultural, surgem pessoas que capturam expressões desses processos. Nas obras de William Shakespeare e Chimamanda Ngozi Adichie na literatura, Frida Kahlo e Leonardo da Vinci na pintura, Freud e Klein na psicanálise, Lucrecio e Einstein na física, existem contribuições originais que convidam e influenciam seus leitores a “pegarem carona” em um modo particular de compreender o mundo. Nas linhas e nas entrelinhas ocorrem as transmissões culturais em suas múltiplas versões.

Na construção do conhecimento, a humanidade vai inventando recursos e dispositivos que revelam campos a serem explorados. Como ferramenta de investigação, o telescópio abriu o universo a ser descoberto, além de aprimorar e sofisticar sua própria tecnologia: refratores e refletores permitiram a invenção de um novo instrumento, o radiotelescópio, capaz de captar, agora, a radiação eletromagnética fora da faixa do visível para o humano. O microscópio

---

<sup>4</sup> (ver neste texto, p. 12, a definição de imaginação radical). Chuster ressalva que a essa imaginação originária não se constitui só de imagens, mas de todas as qualidades sensoriais do humano, auditivas, gustativas, táteis, olfativas, térmicas, motoras, cinestésicas que um bebê intraútero já é capaz de vivenciar, junto às experiências rítmicas com sua mãe.

também vem desvendando os segredos do microcosmo atualmente, o microscópio eletrônico fornece imagens tridimensionais. Faz muito pouco tempo que o computador e a tecnologia digital começaram a abrir novas janelas sobre uma realidade que ainda estamos processando. A reprodução e a execução de novos padrões culturais podem alcançar todos os saberes, ainda que possa ser revelado na forma negativa por meio da resistência, do desprezo ou da exclusão. Atualmente na difusão dos conhecimentos parece predominar um certo caos, já que há uma nova velocidade nos achados, e as informações verificadas pelo computador denotam o surgimento de um excesso. As tecnologias surgidas recentemente demandam novas especulações, ampliam tanto os riscos quanto as soluções encontradas.

O projeto moderno de globalização descartou muito rapidamente certos conhecimentos já conquistados pela cultura priorizando o alcance e o poder das tecnologias. Em termos epistemológicos, o surgimento de um conhecimento novo não implica anulação do antigo, mas instaura revisões, correlações e questionamentos; nesse sentido, o avanço/retrocesso percorre tanto o presente e o futuro quanto o passado, eis o ser frente sua condição humana. Se tomarmos a teoria da evolução no campo da biologia, por exemplo, esta não encerrou o pensamento místico ou religioso, mas rearranjou os saberes. É impactante pensar, noutro exemplo, que a cultura alemã foi capaz de produzir o que tinha de mais avançado na época em termos de conhecimento, mas simultaneamente foi a nação geradora do nazismo e seus horrores. Como comportamentos tão destrutivos e bizarros foram produzidos? E o pior, como o genocídio dos campos de concentração, as mortes nas guerras, a devastação e o risco de extermínio do planeta que Hiroshima e Nagasaki passaram a evidenciar, não conduziram a humanidade a inibir o mal para promover prioritariamente uma cultura de paz? Aqui, precisamos correlacionar o uso do conhecimento com a manipulação política e a ambição do poder.

O interrogar-se sobre essas amplas questões, certamente impulsionou os debates nos diferentes âmbitos do conhecimento do século vinte. Acreditamos que esse legado cultural serviu como ancoragem para a formação dos pensadores da época. Bion viveu nesse contexto cheio de contrastes e nuances. Ainda assim, recorreu a obras míticas como a poesia da *Odisseia* de Homero; os textos filosóficos como a *Investigação acerca do entendimento humano*, do empirista David Hume, a *Crítica da razão pura*, do racionalista Emmanuel Kant, para apoiar sua visão de mundo. Também bebeu das ciências positivas, como o físico Henri Poincaré e o lógico matemático Gottlob Frege. Em sua perspectiva, não se tratava mais de posicionar a psicanálise enquanto saber entre ciências da natureza e ciências do espírito, mas, sim, de superar a aporia das distinções entre fenômenos mentais e fenômenos físicos. Tal dualismo foi problematizado por Bion, por meio da formulação de incógnitas, mantendo a ambiguidade

diante dos fenômenos físicos e mentais. Ele partiu da combinação de três modelos epistemológicos, a saber: científico-filosófico, estético-artístico e místico-religioso (Rezende & Gerber, 2001).

A abordagem de Bion não visa a acessar uma totalidade ou a universalização, pois não é ontológica, mas permitir que o conhecimento da psicanálise anuncie uma complexidade que expresse os modos de percepção de seu objeto. Utilizou-se daqueles modelos de conhecimento para envolver os diferentes pontos de vista do seu pensar. Tomemos por exemplo, o problema da relação emergente na condição humana diante da realidade tomada como verdade. Bion enunciou a importância dos conceitos correlatos, saturado e insaturado para descrever certos padrões do pensamento, a partir dos quais um indivíduo, ou um grupo de indivíduos, dispõe de certas escolhas, compondo um espectro de possibilidades e seus condicionantes implicados. Sua intenção é sustentar os elementos correspondentes do fazer psicanalítico e suas funções abrangendo as dimensões históricas, semânticas e sensoriais no humano.

A psicanálise é um saber que renuncia à solução do dualismo mente-corpo, humanidade-realidade. Eis que salta como uma força enquanto poder enunciativo da falta, da incógnita. Sendo linguagem e conhecimento, a falta não é pura indeterminação, também é, a cada vez, um desdobramento, determinante; portanto, consensualmente determinando os próprios dispositivos formais que possibilitam a manutenção da ausência como multiplicidade presente. Suportar essa incerteza dispõe o pensar.

Não queremos aprofundar isso propriamente, mas gostaríamos de chamar a atenção para as formas e as saídas de como Bion vai ordenando as informações diante do conhecido/desconhecido, para tolerar a incerteza. Tomando uma distância de seus enunciados, recorreremos ao diálogo de dois pensadores contemporâneos que debatem a respeito da construção do conhecimento na atualidade:

Latour – Pelo tempo. O aspecto mais espantoso, para nós que somos leitores modernos, é que você se mostra absolutamente indiferente à distância temporal. Para si, Pitágoras, Lucrecio não se encontram nem mais nem menos longe do que La Fontaine ou Brillouin. Dir-se-ia que, para si, o tempo não existe, tudo é contemporâneo. E nós, os peões, perguntamo-nos: Apesar de tudo, Tito Lívio está bem longe e bem enterrado. Como se pode misturá-lo com as ciências contemporâneas? O que é que permite abranger ao mesmo tempo todos esses gêneros, autores, livros, mitos? Falaremos depois do que faz a ligação.

Serres – Para dizer “contemporâneo”, já é preciso pensar num certo tempo ou pensá-lo de uma certa maneira. Lembra do que dissemos antes dos historiadores? Coloquemos, pois, a questão de outro modo: o que é ser contemporâneo? Pense numa viatura automóvel de um modelo recente: constitui um agregado heterogêneo, de soluções científicas e técnicas de épocas diferentes: podemos datá-la peça por peça: este

órgão foi inventado no começo do século, aquele há dez anos e o ciclo de Carnot tem quase duzentos anos. Sem contar que a roda remonta ao neolítico. O conjunto não é contemporâneo a não ser pela montagem, desenho, carroceria, por vezes apenas pela pretensão da publicidade.

É isso que, muitas vezes, acontece com a epistemologia: os dois elementos raramente datam da mesma época; dir-se-ia uma construção de que uma das alas seria grega, com colunas e um frontão, e a outra contemporânea, em betão armado e vidros fumados. Metade Gioconda, metade Max Ernst. Que diabo, não manipulamos os átomos com picareta. (Serres, 1990, p. 68)

A simultaneidade que é apontada por Serres marca a realidade, e são necessários dispositivos mais ou menos abstratos para capturar os diferentes aspectos das realidades, tais como falta, acaso, ruptura, excesso, brechas, saltos, contrastes. O que Serres sugere é uma correlação temporal para, então, dialogar no que tem de atual na pós-modernidade. Quando os saberes são trazidos simultaneamente, a busca do conhecimento se torna uma espécie de tramas de relações que o tempo todo se configuram como um agenciamento. Latour (2002) explorou essa captura das vinculações nas ciências sociais e desenvolveu a Teoria Ator-rede. Mais que busca, é preciso sistematizar, recolher e produzir interligações dos conhecimentos disponíveis. O diverso nas pluralidades dos tempos, dos sentidos e das tensões. O conhecimento e os acontecimentos se passam numa trama de mobilidades multitemporal remetendo para o passado, contemporâneo e o futuro ao mesmo tempo.

“A cada novo avanço, uma nova anamnese! Cada invenção desvenda ao mesmo tempo o real e o histórico.” (Serres, 1990, p. 81). Retomando o conjunto de ideias de Bion, ainda que tenha sido um psicanalista de formação moderna, sua aguçada intuição tomou o conhecimento da psicanálise e procurou abrir questionamentos em um cenário que começava a se desenhar a partir da complexidade. Parte de uma relação com o seu tempo, integrando, diríamos com uma antiga tradição socrática, na medida que concebe a psicanálise essencialmente como um diálogo com aquilo que escapa como falta. Sua tentativa foi justamente de resgatar a psicanálise de seus próprios riscos, no sentido de não se tornar um conhecimento objetivo ou dogmático, encerrado na própria institucionalização de seus métodos e suas práticas. Bion combatia a burocratização da psicanálise, de forma sutil, mas correlacionava com a investigação da técnica:

O que segue é uma tentativa de indicar a direção em que se pode encontrar a prova. Suponhamos que o psicanalista se adestrou para se desembaraçar do clamor da belicosa quadrilha psicanalítica, das pressões dos problemas diários de sobrevivência individual, a ponto de haver relativa tranquilidade no consultório. (Bion, 1971/1973, p. 120)

A ironia sutil de Bion provoca seus leitores a suportar a busca do conhecimento daquilo que não conhecemos, sem nos encerrarmos precocemente em algum continente conhecido. Gostaríamos de destacar a contribuição de Blanchot, cujo pensamento Bion também se influenciou, quando esse filósofo traz uma importante discussão para a psicanálise, no sentido de romper seu próprio *status quo* para preservar seu saber que confia no lugar de fala, enquanto construção finita e infinita:

A psicanálise – sabemos-lo bem – é a um tempo, uma técnica e um conhecimento: poder, ação e compreensão sempre num horizonte de ciência. Neste sentido, bastante próxima ao marxismo. O poder da técnica é poder de compreender, mas será a compreensão que dá poder? Será o poder que abre a compreensão? Um e outro, mas de um modo que se mantém obscuro e equívoco. O médico não pretende agir sobre o doente; o poder não está situado nem em um, nem em outro; está entre eles, no intervalo que os separa unindo-os e nas flutuações dessas relações que fundam a comunicação. Entretanto, na prática, há um doente que é preciso curar, uma técnica científica que não tem outra finalidade a não ser essa cura e o médico que tem essa responsabilidade. A “comunicação psicanalítica” é o mais frequentemente (em sua forma que continua sempre predominante) concebida em termos de poder, e a fala que ela garante é poder de falar nas condições normais de tal sociedade dada. De modo que a psicanálise, tornada caso ela própria uma instituição, arrisca-se, quer queira, quer não, a servir às formas institucionais que, historicamente detêm sozinhas a fala. (Blanchot, 1969/ 2007, p. 233)

Nesse sentido, Blanchot destaca que a exigência do psicanalisar como encontro, uma forma de comunicação com a verdade, que não está garantido a priori, mas exige um constante trabalho de fazer falar o inconsciente cujo modo de expressão é a linguagem. Verdade que é sempre desconhecida e por isso mesmo demanda a pluralidade e o respeito pelo movimento da direção à busca. Considerou, também, o conhecimento da psicanálise como política por que sua clínica produzirá as condições normativas de seu campo de atuação.

Blanchot desacomodou a psicanálise, ao debater acerca da comunicação, tomando determinados aspectos da narrativa da tragédia de Sófocles a respeito de Édipo e outros personagens, uma obra tão valorizada pelo saber psicanalítico. Interroga sobre a figura emblemática da esfinge e seu embate com Édipo. Destemido e despojado humano que a encara olhando nos olhos da esfinge e adivinha o mistério, mas cega-se frente à forma de alcançar a verdade sobre si mesmo. Mais uma vez, Édipo toma ao pé da letra a realidade, encurtando o caminho e fugindo de um entendimento mais profundo da sua destinação. Mais uma encruzilhada que o cega de compreensão e o incapacita ao diálogo; ao entrar na esfera maldita dos saberes retóricos, sua certeza é alimentada pela sua arrogância. Édipo ao achar que deixou seu passado e os supostos pais para trás, não percebe que não renunciou à sua soberba real. Só

alguém que ambicionasse ser rei teria enfrentado a experiência de ser sabatinado na armadilha da ardilosa esfinge, a qual pode expressar, também, o poder da linguagem e sua estrutura.

A circunstância em que se apresenta a esfinge a realizar as perguntas aponta para a direção de um não-eu, ainda que a resposta tenha uma aparência de decifração. Ao matar com a resposta o mistério, Édipo suspende o acesso a si mesmo por meio do pensar. Atalha o caminho, substituindo a busca da verdade pelo mérito de saber o que é uma meia verdade. Dá-se por satisfeito. Sua verdade, enquanto soberania, é o oposto do lugar socrático, “só sei que nada sei”. Filho de um pai ardiloso e corrupto, ele perde a chance de se desvencilhar desse não-ser, dessa versão retalhada de totalidade, ao não conseguir se reconhecer. Laio foi incapaz de reconhecê-lo como filho na ocasião do seu nascimento, como uma pessoa autêntica e íntegra e com uma travessia própria a ser trilhada. Dissimulou e caiu na dissimulação de um comerciante/pastor que compactuou com falsear as leis humanas, transformando-as em leis comerciais. Por sua vez este encontrou outro comerciante/pastor que para garantir seu privilégio ofertou ao seu rei a persuasão necessária para a perpetuação daquele tipo de poder. Essa transação ambição está escondida na narrativa da história, e revelada nas tomadas de decisões que cada personagem acaba tendo que fazer. No entanto, é essa estranha e invisível simetria que mantém a chamada democracia grega: enquanto um governante descarta e se livra de uma criança-problema, o outro garante que ela seja a solução para a perpetuação de seu status quo. Soluções antagônicas, mas apontam para realização de um destino. São dessas tramas que são configuradas as vidas humanas. De riscos e oportunidades os destinos são tramados pelo acaso, pelas circunstâncias e pelas escolhas. O teatro grego era rico em encenar os dilemas da vida, as capacidades e incapacidades de lidar com as forças construtivas e destrutivas, divinas ou terrenas. Dramas no berço da civilização ocidental frente aos quais uma força se ergue como conhecimento e uma sombra assola um outro genocídio cultural. Parricídio como incesto e o incesto como parricídio eram aspectos do enredo da peça que eram tramados com outros tantos fios, e jamais saberemos como, quando e porque os contratos sociais eram percebidos e entendidos pelos diferentes indivíduos da época. Podemos imaginar por meio dos registros históricos e inventar nexos coletivos a cada tempo para conjecturar sobre o passado. Foi assim com Freud, foi assim com Blanchot, foi assim com Bion e tantos outros que se utilizam do imaginário coletivo para criar e explicar contextos específicos, usando a arte como recurso para destacar certas características que elegeram debater. O uso que o coletivo social fará com esse conhecimento foge do alcance do pensador.

Bion recorreu a uma leitura ampliada do mito do Édipo para descrever as questões psicanalíticas abstraídas da tragédia de Sófocles como um modelo espectral. Nesse sentido,

perseguiu diferentes pontos de vista que consolidaram em sua teoria acerca do pensar e mais tarde sobre a teoria das transformações. Podemos especular que a primeira intenção foi retirar o caráter dogmático na leitura psicanalítica, juntamente a revisar a aplicação de algumas soluções da técnica. Ao demonstrar que os recursos clínicos deviam estar discriminados de um juízo moral, relativiza a formação e o treinamento das instituições e dos psicanalistas, incluindo questionamentos éticos para as finalidades clínicas, as quais se destinam ao trabalho psicanalítico. Assim, Bion passou a inventar conceitos permitindo que a psicanálise ganhasse mais uma modalidade teórico-clínica.

Entendemos que conceitos são criados para fornecer ferramentas que instrumentalizam a teoria e a prática do psicanalista. Podemos encontrar, em uma carta de Freud, por exemplo, vestígios de sua intuição genial, que, a rigor, não traz nenhum conceito histórico ou inovador, nem tão pouco algum postulado, ou operador técnico ainda útil, mas carrega seu modelo de trabalho. Consideramos que tal carta mereça ser lida em um sentido lúdico, de um exercício conjectural, para demonstrar o mergulho especulativo que ele se encontrava:

Aviseme quando você poderá viajar. Do modo como as coisas estão funcionando, teremos que dedicar dois dias, sábado e domingo, a essa excursão, o que só faz ampliar meu prazer. Um, afinal, é muito pouco. Será extremamente estimulante para mim conversar com você, sem nenhuma preocupação e a sério, depois de ter mais uma vez abrigado na mente, por meses a fio, as questões mais malucas, sem esvaziá-la e sem ter, por outro lado, uma única pessoa sensata com quem falar. Mais uma vez um gole de ponche do Letes.

Você consegue imaginar o que sejam “mitos endopsíquicos”? São o último produto do meu esforço mental. A tênue percepção interna do nosso próprio aparelho psíquico estimula ilusões do pensamento, que, naturalmente, são projetadas para o exterior e, tipicamente, para o futuro e o além. A imortalidade, a recompensa e todo o além, tudo são reflexos do nosso mundo psíquico interno. Maluco? Psicomitologia? (Freud, 1897/1986, p. 287)

Freud criou sua metapsicologia ao imaginar e descrever o aparato psíquico, o psiquismo. As dúvidas, o processo de encadeá-las em formulações, o enfrentamento dos impasses e as progressões dos fluxos das ideias se encontram num trabalho de construção. Já Bion faz um salto, e investiga um espectro, o universo da mente. Despoja-se do aparelho, tipificando-o somente na categoria de um modelo. Ainda seguindo o efeito imaginativo, oferecemos uma carta usual de Bion, a qual recomendava seus filhos quanto aos seus projetos profissionais:

É terrível planar num emprego e obter um conhecimento superficial, ou seja, nada mais do que uma cobertura fácil para encobrir a ignorância. É um hábito em que é fácil, mas terrível entrar, porque depois se continua a fazer de conta, mesmo que não

haja necessidade disso. Não cometam o erro de pensar que qualquer trabalho que valha a pena ser feito corretamente, alguma vez vá ser fácil. Infelizmente, enganar-se a si próprio e aos outros é simultaneamente fácil e não vale a pena. (Bion, 1985, p. 174)

Dessa forma, tomar contato com os escritos ordinários desses pensadores incomuns, prepara a mente para uma calibragem sutil que a pesquisa dos fenômenos inconscientes exige. Por exemplo, fazer uma visita a um museu, em que o objetivo não é restaurar o passado e encontrar o passado, mas criar um efeito estético de relativizar e vincular o tempo, discriminando certas texturas emocionais invocadas pelo despojamento do afã de querer compreender. Ou assistir a algum filme, ainda que com base em fatos reais, que possa nos levar para uma narrativa onírica e, com esse mergulho, despertar-nos para emoções inquietantes, reflexivas, instigantes. Podemos encontrar nas cartas de Freud e Bion, esse frescor poético emocional necessário, algo que vá acessar na leitura a emergência de um pensar criativo e espontâneo.

Ao lermos a carta empolgada de Freud ao seu amigo Fliess – que hoje podemos nomeá-lo como imaginário – poderá surgir, em nossas mentes, rudimentares tendências que revelam nosso modo de ser como pesquisador, nossas correlações com diferentes concepções, nosso espectro profundo, convergindo em um estilo privado de hermenêutica. Concordamos com Ricoeur (2002, p. 30) ao afirmar: “. . . não é a intenção do autor que conta, mas o que os leitores leêm.”

Como leitores dos textos psicanalíticos, selecionamos um uso: para fins de estudo e investigação, para o exercício permanente da formação, e por que não, para abrir uma dimensão de prazer para a árdua disciplina que exige o fazer pesquisa clínica, descobrindo nas arqueologias, as aberturas ou inibições que os textos provocam em nossa intuição? A pesquisa psicanalítica é interrogar-se sobre as condições de transmissão do humano.

Com isso, não pretendemos ficar desatentos para o risco de manutenção de uma postura reverencial, performática e sem crítica, que possa ser tomado para fins de manipulação de poder e de um controle do status quo. Mas se visitamos galerias, cultivamos as artes com vários propósitos, por que não usufruir daquilo que historicamente a psicanálise tem como legado cultural? Deixar a história e o passado de lado também tem seus perigos.

Como as cartas de Freud e Bion podem contribuir para uma dissertação sobre infância? Quem sabe um trocar, vestir despir-se, buscando que um ensaio lúdico descentre a padronização determinista e encontre, no vigor poético, o rigor da pesquisa psicanalítica. O mergulho no modo de pensar de Freud promove esse efeito, atento-desatento ao aleatório da suspeita incomum, ao produto maluco que surge como associação. Podemos observar, no brincar curioso

das crianças o uso de certos recursos análogos aos que Freud e Bion empregavam para investigar: eles se divertiam, mergulhavam em um exercício exploratório lógico e intuitivo. Trata-se de um explorar as possibilidades e as impossibilidades simultaneamente. Bion nomeou esse operar, como o fazer um uso da própria intuição, recorrendo à função  $\alpha$ , para construir por meio da linguagem onírica, formulações que conduzam a ampliação de significados da experiência emocional, possibilitando o crescimento mental que implica tolerar o desconhecido. Tais formulações, porém, são operadas a partir de uma conjugação constante com formulações fabricadas pela mente em consonância com o trabalho frente às incógnitas. Incógnitas procuradas desde Freud, nas artes, na literatura, nas ciências e, por que não, na matemática.

A psicanálise se aproxima daqueles que pretendem salvar por trás do discurso o novo que nunca se explicita inteiramente. É o novo onde se sabe que a verdade nunca se instaura definitivamente. Há, pois, um jogo de luz e sombra, um jogo de verdade e não-verdade. Aí está a sabedoria da psicanálise e este interstício não é salvo através dos autores – desses filósofos que denominamos filósofos da ordem – dos ordenadores epistemológicos. São os filósofos da instauração do novo, dos paradigmas instauradores que preservam a falta. (Stein, 1997, p. 75)

Questionar os modelos epistemológicos ordenadores e problematizá-los a partir de novos modelos instauradores implica fazer uma costura ética necessária, para viabilizar novos olhares no conhecimento. O reconhecer a falta, e viabilizar as incógnitas, dispondo de interrogações abertas e criativas, compõem as soluções funcionais do viver humano ao seu tempo. Trata-se de um processo infinito na medida em que não propõe achar uma essência, uma explicação ou uma substância para a realidade psíquica, mas, sim, aceitar que ela possui uma incompletude na qual circularmos por meio do movimento transitório do pensar aspectos da mente, definindo hipóteses, que são aproximações daquela realidade, criando normativas sem ser definitivas e imutáveis. Podemos pensar que a psicanálise foi uma realização produzida pela cultura do século XX, sistematizada inicialmente por Freud e constituída por diversos psicanalistas que transformaram essa prática terapêutica em um caminho viável para análise para que um indivíduo se autorize se conhecer por essa experiência. Como todo conhecimento, produziu lacunas que gerou movimentos que se expandiram para fornecer conhecimento.

É a partir dessa dialética que Melanie Klein demonstrou a importância das fantasias inconscientes, descrevendo tanto os impulsos de vida quanto à destrutividade constituinte do psiquismo. Consideramos que seu conceito mais valioso é o de reparação (Klein, 1935/1996). Ainda que suas deficiências epistemológicas favorecessem uma difusão doutrinária de suas

ideias, ela lançou uma importante pesquisa clínica com crianças, elucidando que é possível analisar a transferência nelas ainda muito pequenas. Com isso, pode elaborar suas ideias em torno da descoberta da existência de um complexo de Édipo precoce e a existência do superego arcaico no final do primeiro ano de vida do bebê. Nos mecanismos psíquicos (PS-D posição esquizoparanoide<sup>5</sup> e posição depressiva<sup>6</sup>), pode demonstrar como a compreensão do funcionamento mental dos bebês viabilizariam a explicação do funcionamento psicótico e um operar diante de pacientes que estavam em risco de desestruturarem suas vidas.

O legado de Melanie Klein permitiu o avanço no atendimento clínico com crianças e com pacientes psicóticos. Ela também ficou conhecida por não explorar a realidade externa em sua técnica de intervenção. Já em 1926, sustenta as fases arcaicas do complexo de Édipo no seu texto “Princípios psicológicos da análise de crianças pequenas”, mas vai ser em 1928, com “Estágios iniciais do conflito edípico”, que descreve as influências dos atores pré-genitais na formação da culpa e dos estádios iniciais do conflito edípico. Descreve, também, a origem da sensação de ignorância diante das ansiedades de castração precoce. Tais descrições, alavancaram a fundamentação para as técnicas do brincar e de interpretar as crianças pequenas nessa autora. (Klein, 1928/1996)

Já Bion pegou a psicanálise andando; no entanto, antes de ser psicanalista, sua trajetória de vida foi intensamente marcada por suas experiências de vida: a infância na Índia colônia da Inglaterra, ser soldado na Primeira Guerra Mundial, ser professor, o trabalho com grupos e como psiquiatra de um hospital do exército na Segunda Guerra Mundial, os estudos em artes e história. Todas essas experiências o fizeram considerar a realidade de outra forma.

Em sua formação intelectual da juventude, Bion cresceu em uma Europa que executava um projeto de colonização do mundo, que irrompeu no empreendimento de autodestruir a classe operária de seus países com a Primeira Guerra Mundial, e que ao final dessa presepada, selou um bizarro acordo de Versalhes, com o intuito de humilhar os vencidos. A recusa de Bion em aceitar a medalha de guerra revelou uma faceta de sua individualidade: era desprezioso

---

<sup>5</sup> Segundo Petot (1982), o mecanismo esquizoide foi descrito por Melanie Klein em 1946, no artigo “Notas sobre os mecanismos esquizoide”, e surgiu de uma elaboração de uma série de descrições a respeito dos mecanismos de defesa arcaicos do bebê. Em 1932, em Psicanálise da criança, MK descreveu o mecanismo paranoide, no qual predominam as forças sádicas que ejetam e projetam os conteúdos mentais maus para a defesa imaginária contra a sensação de aniquilação.

<sup>6</sup> Petot (1982) a elaboração da posição depressiva foi definida por MK pela primeira vez em 1934 e, em 1935, foi publicada no artigo “Uma contribuição à psicogênese dos estados maníaco-depressivos”. No psiquismo do bebê haverá um desenvolvimento em relação às percepções, antes sentidas como separadas e isoladas, mas que, ao atingirem a posição depressiva, serão mais integradas e realistas, e o bebê será capaz de se perceber com maior inteireza, além de também perceber sua mãe como uma pessoa inteira, tornando possível a vivência do sentimento de preocupação. (PD infantil começa no segundo trimestre, do primeiro ano de vida do bebê. Há o abrandamento do sadismo e a formação do Édipo arcaico).

quanto a ambições fáceis das vaidades ilusórias, evidenciando uma política profunda por meio de um pensar íntegro e respeitoso diante de si mesmo. A Segunda Guerra Mundial também o impactou profundamente, pois já como médico psiquiatra seria impossível testemunhar incólume os nefastos estragos nas vidas das pessoas, toda a brutalidade do nazismo, do genocídio dos judeus e das minorias, o incremento do uso das armas nucleares, e a culminação de que a autofagia da humanidade tinha provocado um derradeiro perigo de extermínio de nosso planeta.

As sequelas do pós-guerra instauram projetos que buscavam compreensão e restauração das relações humanas, simultaneamente acendendo a guerra fria. Bion tomou para si a condição de indagar frente a esses tempos terrivelmente sinistros, contribuindo que buscasse, no campo psicanalítico, entender o ser a partir da experiência emocional.

A essa altura, a ética era uma pauta nas discussões científicas, filosóficas e epistemológicas com outros saberes. Ricoeur (2008) indaga como as artes, as ciências, e a psicanálise incorporam as categorias de normal e patológico, sugerindo que elas sejam acompanhadas com as noções de amizade e respeito, a fim de manter uma perspectiva de debate dialético, traçando e contextualizando os usos relativos para tais categorias. Destaca que o normal e o patológico partem de uma categorização em que a norma representa uma tipificação numérica de um padrão, cujo critério é a frequência, e a discrepância ou anormalidade e o desvio padrão em relação à média. Também descreve que a norma pode ser “montada” por um ideal definido a partir de múltiplos critérios, tais como sucesso, saúde, bem-estar, satisfação, felicidade. Aponta, então, para a ambiguidade presente na estruturação desses critérios:

Ora, a saúde caracteriza um indivíduo em sua relação com a norma. Essa relação é inelutavelmente precária (uso a palavra precário no sentido ontológico, reservando ambíguo para o plano epistemológico). A vida apresenta-se como uma aventura, e não se sabe o que nela é ensaio, e o que é fracasso. É fácil entender por quê; o valor vital não é um fato observável. A vida é sempre avaliada, e essa avaliação é sempre relativa (Ricoeur, 2008, p. 212).

Qual observação opera nessa tensão que se apresenta no fazer da clínica psicanalítica? Qual o impacto na clínica psicanalítica de crianças? Como a avaliação normativa combina com a ética de valorizar a vida? Nesse sentido, a psicanálise de Bion se afasta do plano médico, procurando bases epistemológicas a partir de um modelo religioso-místico, estético-artístico e científico-filosófico (Bion, 1971/1973) para oferecer outras ferramentas de intervenção. Sua preocupação não visa a acessar a totalidade como uma estatística ou um ideal de valor, mas parte da observação, criando hipóteses para instrumentalizar a clínica para oferecer a

possibilidade de o paciente transformar seu vínculo consigo mesmo. Bion parte do princípio de que a vida humana é um multiverso em realização, por isso se expande a partir de infinitas possibilidades. Essa teoria concebe que a mente pode funcionar em uma condição infrapsíquica, impossibilitada de criar símbolos e significados por que todo registro está saturado pela experiência sensorial. Também se pode conceber uma condição como suprapísica, onde a experiência emocional produz um cálculo algébrico.

O processo psicanalítico procura, em termos simbólicos, pensar as experiências emocionais da vida humana. É nesse sentido, há a ressalva que sua teoria pode não ser um bom continente-conteúdo. Pode acontecer um momento que o continente não contenha determinados conteúdos e venha explodir. Por exemplo, se tomarmos uma criança que usa um jogo infantil para expressar sua experiência emocional de intolerância à frustração, que, encerrando-se no jogo, evita arriscar-se a sentir angústia. Um psicanalista pode, em uma sessão, encerrar-se em suas experiências emocionais e não perceber que alcança, em sua intervenção, apenas a determinados padrões psíquicos. Assim, a psicanálise é explosiva, podendo retrair e adquirir mais inibição do que crescimento. Estabelecer criativamente novos arranjos e novas combinações frente à capacidade humana de simbolizar e criar novos significados não é uma tarefa natural, vai exigir experimentar a realização de certos padrões complexos.

Acreditamos que os recursos epistemológicos da psicanálise de Bion corroboraram por uma pesquisa em torno de mais ética, não centrada a prática na patologização do indivíduo, mas no exercício de uma conversa. Contudo, criar a conversa clínica requer, além de uma formação psicanalítica disciplinada, uma abertura para a observação da subjetividade e das diferentes expressões estéticas da pessoa e da cultura. Bion adverte que o processo psicanalítico, promove uma grande dose de transtorno, uma turbulência emocional e que ambos, psicanalista e paciente, precisaram aprender a enfrentar e reconhecer: “Vai haver uma pressão emocional contra cada um de nós que ousa atribuir importância ao indivíduo e que ousa ser, ele mesmo, um indivíduo.” (Bion, 1961/1978, p. 74).

A psicanálise é, portanto, esse encontro com o singular, que desacomoda e reacomoda expressões do humano. Ao estudarmos aspectos inconscientes, os conflitos, não estamos diante de tarefas simples. A pressão pela qual o psicanalista vai sofrer pode estar relacionada com o próprio conhecimento da psicanálise no seu *establishment* do qual pertence e, conseqüentemente, exige a mesma atitude analítica. Nas práxis das instituições, assim como no exercício do trabalho profissional, instaura-se uma atmosfera na qual os papéis sociais passam a influenciar nas decisões clínicas do psicanalista. Paul Ricoeur (1969/1988) refere-se à psicanálise como um saber que coloca o próprio saber sob suspeita. Como método, seu

dispositivo é a incógnita, que se abre para a diferença e a diversidade da realidade da vida, além de possuir condições mínimas necessárias condicionadas por princípios éticos e estéticos que se articulam e permitem a possibilidade da experiência, sem garantir *a priori* que conseguirá ser bem-sucedida ou não. As dificuldades desse campo de conhecimento é que ele, assim como as ciências, o direito, as artes, as religiões, incorre no risco de ser nocivo, tóxico e destrutivo. Por isso, a constante revisão, crítica e elaboração dos modelos teóricos e operadores de intervenção.

Bion constrói posicionamentos diante de problemas da psicanálise, tais como a sexualidade e o desenvolvimento psíquico. Defende que, para observar fenômenos da vida mental, é necessário recorrer a vértices simultâneos e multidirecionais manifestados no aqui e no agora do relacionamento entre psicanalista e paciente, levando em consideração tanto a realidade interna quanto externa dessa relação. Esse campo de interação é entendido como um espectro infinito, que inclui desde a percepção quanto a outros operadores (os elementos, as funções e os fatores) da mente agenciados pela dupla relacional.

De acordo com esse ponto de vista, podemos pensar uma criança e o seu mundo como preconcebidos em um interjogo, no qual ambos são continente e conteúdo. Em suas vivências, experimenta as duas posições sutilmente mutáveis, em que continente se toma conteúdo e vice-versa. Desse modo, como filha, a criança toma-se continente da “maternidade” da sua mãe, que poderão, para ambas, consolidar ou não essas funções. Assim a criança busca conjugar essas oscilações psíquicas por meio de uma atitude de confiança e segurança criando um movimento em direção ao aprender a pensar. Essa conquista não está nunca garantida, nem é transmitida pela condição biológica. A condição psíquica humana é transmitida por um ato de fé (que não é um estatuto religioso de alguma religião concreta, mas uma expectativa humana), é utopicamente buscada pelas interações e relações humanas. Essa é a travessia que toda criança percorre ao viver sua vida. A esse movimento, Bion representou como situação edípica, que se inicia desde antes do nascimento e segue ao longo da vida, como condição do psíquico, engendrando a ideia do reconhecimento da incompletude, do enigma e da incerteza.

Junto à formação e à instrução profissional e ao cultivo do exercício de abstração por meio da Grade<sup>7</sup>, Bion chamou a atenção para o risco de se perder a iniciativa diante do trabalho e destaca a importância da capacidade de intuir vivências inconscientes que ocorriam durante

---

<sup>7</sup> A grade é uma ferramenta abstrata de organização dos elementos da psicanálise. Em forma de uma tabela com dois eixos – horizontal e vertical – é um sistema de organização de notação para o psicanalista explorar suas observações e ampliar sua capacidade intuitiva. (Ver anexo 2)

o trabalho. Nesse sentido, a curiosidade na busca do conhecimento é um dos aspectos que move o pesquisador.

Perante o que a psicanálise já tinha consolidado na cultura, Bion demonstrou a importância dos aspectos primitivos da mente de qualquer indivíduo, conduzindo sua pesquisa para eles. Reformulou o modo de interpretar. Diante da usual monovalência da interpretação, apresentou a polivalência das construções nos diferentes vínculos, em que as modalidades de funcionamento da dupla, analista e analisando, estabelecem uma forma própria de realizar o trabalho analítico. Passa, então, a pensar nos diversos modos de comunicação que se estabelecem entre analisando e analista, já que abrangência de como os pacientes levam suas vidas reais não cabem em um único modelo interpretativo inventado pela psicanálise. Além disso, sugere que cada fato a ser observado no campo relacional possa ser visto a partir de uma visão binocular: percebe que tanto o espectro do macro, universo ou o grupo por exemplo, quanto o espectro micro, a célula e o indivíduo guardam simetrias, correspondência, contrapartes, que podem ser investigadas.

A matéria, em que a psicanálise me parece seriamente deficiente, é quantos aos modelos (C) de onipotência – (desamparo absoluto). Como resultado, identificam-se os elementos constantemente conjugados como unidades isoladas em que têm pertinência só em raras ocasiões que falham no estimular uma resposta quando deveriam fazê-lo, ou seja, nas ocasiões que ocorrem com mais frequência. A deficiência pode ser mais aparente que real. Se os mitos do Éden e de Babel forem aproveitados como modelos para o tema da onipotência-impotência, e a Esfinge decifrada do mito de Édipo os reforçar, a deficiência fica minorada. A “moralidade” da divindade pode também ser desenvolvida, considerando as concepções expressas no capítulo 2 do Bhagavad Gita. Tais modelos ajudam o psicanalista a transpor o hiato entre a teoria e o material que surge na experiência psicanalítica. (Bion, 1971/1973, p. 127)

Para essas investigações, Bion lançou mão da Grade: um dispositivo técnico inventado por Bion para que o analista, após seu trabalho, possa treinar seu senso de observação e interpretação em relação ao que se passou na sessão. Trata-se de uma ferramenta para aguçar a intuição e a função psicanalítica.

Os modelos C correspondem a um modo do pensar, colocados na fileira C do eixo genético da Grade; são os fenômenos compostos por pensamentos oníricos, imagens visuais, sonhos, alucinações, mitos coletivos ou individuais e a combinação de ideias formadas numa narrativa. Ressalta, ainda, que:

Se o mito de Édipo, além do lugar que já ocupa na teoria analítica, for reconhecido como uma parte essencial do aparelho de aprendizado em estágios

primitivos do desenvolvimento, vários elementos discerníveis nos fragmentos de um ego desintegrado assumem uma nova importância.

O mito privado, corresponde ao mito de Édipo, capacita o paciente a compreender a sua relação com os pais. Se esse mito privado, em sua função de investigação, for danificado, mal desenvolvido ou submetido a uma tensão excessiva, irá se desintegrar; seus componentes são dispersos e o paciente fica sem um aparato que o capacita a compreender a relação parental e, assim, ajustar-se a ela. Nessas circunstâncias os fragmentos de Édipo irão conter elementos que são componentes do mito de Édipo, e que deveriam ter operado como uma pré-concepção. Como reconhecer os componentes dispersos de um ego desintegrado? Nesse caso o analista que procura iluminar os fragmentos do aparato de aprendizado do paciente pode ser levado a reconhecê-los notando fragmentos isolados do mito de Édipo (e os mitos que associei a ele) (Bion, 1965/2004b, p. 79).

Pensar a partir desse nível de abstração, mitos, pensamentos oníricos é pensar por meio de modelo. Ter modelos é diferente de ser. Uma criança pode ter um modelo de como é ser um adulto, do que é ter proteção e acreditar na “fada do dente”. Isso é um recurso, mas ela não tem o conhecimento de passar pela experiência. Se a mente está funcionando nesse padrão, existe um descolamento entre ter o modelo da experiência, compreender a partir de uma correspondência, ou analogia, e atravessar, sentir, viver uma experiência.

Bion aponta que os elementos da situação edípica não são rigidamente "cimentados" em conjunto, mas estão em uma configuração que dá significado particular ao sexo e até mesmo ao que é identificado como sexo em uma combinação de elementos daquele contexto. Em que isso modifica a clínica? Bion está alertando contra a visão de que podemos usar um mecanismo, um modelo para entender o funcionamento humano e lançar luz sobre o efeito da mente do observador (analista) em relação ao que é observado. Sua visão também encoraja a consciência de que um modelo de um paciente pode apresentar diferenças, o mito privado, e essas merecem ser consideradas e respeitadas, em vez de patologizar, restringir ou adaptar o paciente a modelos que a analista consegue trabalhar.

Sabemos que a experiência psicanalítica contém uma força disruptiva, que promove uma turbulência em maior ou em menor grau nos participantes. Torna-se necessário que o analista aprenda a reconhecer essa tormenta emocional, que implica na busca de um reconhecimento, procurando ferramentas que desmontem as percepções preexistentes, promovendo uma modificação mental e uma transformação na estrutura da personalidade do paciente. A teoria do pensar de Bion assinala que todo crescimento aciona uma mudança catastrófica, termo que emprega para descrever situações inerentes aos processos de mudança e crescimento: violência, invariância e subversão ao sistema já consolidado.

#### 4 SELECIONANDO FATOS PARA A SUSTENTAÇÃO DA CLÍNICA DE CRIANÇAS

O lugar de Bion na psicanálise se insere, a partir das influências e dos legados deixados por Freud, Abraham, Ferenczi e Klein. Alguns dos conceitos ou até mesmo a atitude diante da pesquisa desses psicanalistas podem ser fígados ao longo dos trabalhos de Bion e se encontram, de alguma forma, assentados como parte de sua própria experiência. Em seus escritos, os conceitos identificação projetiva, posições esquizoparanoide e depressiva de Melanie Klein (1935/1996), por exemplo, são bem evidentes. Outras consonâncias menos evidentes giram em torno da necessidade em descrever como se desenvolve as relações de objeto. Foi Abraham (1916/1970) quem elucidou essa pesquisa, dando destaque aos momentos iniciais na constituição psíquica, descrevendo o modo de funcionamento dos objetos parciais e totais, assim como o sadismo nas fases orais de uma mente primitiva. Já Ferenczi (1933/1992) foi um psicanalista que falou das confusões de línguas na relação entre o erotismo das crianças e os papéis dos pais no desenvolvimento emocional dos filhos, bem como das descrições a respeito do efeito de um trauma na mente.

Pensamos que as contribuições e as compreensões de diferentes psicanalistas criaram as circunstâncias, para que a psicanálise pudesse ser pensada a partir de distintos paradigmas. Além disso, foi nas fontes da história, lógica, literatura, física quântica – Poincaré (1908/1999) e matemática – Whitehead (1958) que a originalidade de Bion foi beber, para, então, propor e criar novos vértices de observação para a investigação. Acreditamos que cada psicanalista, em sua formação permanente, hoje de posse de vários autores, de várias teorias, é convocado a realizar suas próprias conexões e escolhas que instrumentalizam sua prática. Bion apresentou mudanças, desafiando que as teorias dialogassem para que iluminassem a complexidade da clínica, permitindo que cada psicanalista construa um estilo próprio de trabalhar. Seu sistema dedutivo científico para a psicanálise só faz sentido quando se abre para essa utopia, tentando assegurar um espaço infinito para a singularidade e para as diferenças que marcam a interação humana.

A originalidade do “diálogo” psicanalítico, seus problemas, seus riscos e, talvez, por fim, sua impossibilidade, só fazem aparecer melhor. Esta libertação da fala por si própria representa uma comovente aposta em favor da razão entendida como linguagem, e da linguagem entendida como um poder de recolhimento e de reunião no seio da dispersão. (Blanchot, 1969/2007, p. 231)

Bion era um profundo leitor da psicanálise. Encontramos em sua obra várias indicações de que mantinha uma preocupação de elucidar e criticar os princípios que regem a psicanálise, retirando-a do campo da moralidade, da medicina, da pedagogia. A partir desse ponto de vista, depura seus operadores clínicos e sua pesquisa:

Winnicott diz que os pacientes necessitam regredir; Melanie Klein dizia que eles não devem regredir; eu digo que eles estão regredidos e que a regressão é observável e interpretável pelo analista, sem que haja qualquer necessidade de compelir o paciente a ficar totalmente regredido, antes que ele consiga fazer o analista observar e interpretar a regressão. (Bion, 1992/2000, p. 174)

Em seu tempo, Bion (1962/1991) também foi convocado a costurar suas escolhas com o que até então a psicanálise já havia realizado. Assim, no início de sua construção teórico-prático, procurou apresentar uma teoria do pensar, ao observar que, em sua própria experiência clínica, certos transtornos do pensamento não pareciam ser modificados pelas interpretações psicanalíticas. Então, em vez de partir das categorias ou classificar seguindo o ponto de vista dos diagnósticos no sentido nosológico de determinar e delimitar um quadro psicopatológico, ele passou a explorar e a descrever os eventos clínicos como modos de funcionamento, em que a construção da experiência humana consiste no próprio campo de investigação da psicanálise. Um dos recursos escolhidos por ele foi o emprego de certos modelos que pudessem oferecer novas direções em relação à ideia de causa e efeito do que se passa na clínica. Lembremos que tal perspectiva já era a essência e o propósito do conhecimento psicanalítico. No entanto, o que os trabalhos de Bion sugerem é uma ampliação do método, na medida em que o próprio método também é colocado em análise para garantir a manutenção de um espaço para a crítica e para as ambiguidades, permitindo a análise de certas manifestações psíquicas enigmáticas, obscuras ou inacessíveis. Assim, para garantir esse posicionamento epistemológico, recorreu aos termos funções da personalidade e fatores para tentar abarcar as diferentes facetas da vida do paciente.

. . . considero que o comportamento do paciente é um palimpsesto no qual posso detectar várias camadas de conduta. Como todas as camadas que eu detecto devem estar operando – pelo próprio fato de serem detectáveis – é provável que haja conflito entre os pontos de vistas conflitantes que estão obtendo expressão contemporânea. Desse modo, o conflito que é tão importante para os sofrimentos do paciente e para as teorias da psicologia dinâmica, fica de acordo com o meu ponto de vista, acidental e secundário à existência de dois pontos de vista a respeito da mesma situação. (Bion, 1992/2000, p. 174)

Entendemos que essa sua ampliação do espectro de observação de Bion exigiu uma preocupação epistemológica que garantisse a manutenção de uma flexibilidade e, ao mesmo tempo, a conservação de uma atitude científica disciplinada diante da investigação psicanalítica. Analisar implica em perceber simultaneamente as diversas “camadas”, as diferentes constelações que se justapõem como padrões da personalidade do paciente, buscando compreender as diversas relações envolvidas no campo da observação da realidade. O espaço mental possui uma multiplicidade de dimensões e de fenômenos: a experiência emocional, o enunciado linguístico, suas diferentes complexidades e seus usos, a temporalidade, o continente-conteúdo, a dispersão-integração. Analisar, além de decompor em partes, os conteúdos mentais com a intenção de revelar as complexas camadas sobrepostas é permitir que novas combinações possam se realizar em benefício do crescimento mental do paciente e do analista.

Essas combinações bem podem revelar padrões, assim como variantes, mas o que Bion persegue é que o paciente possa se encontrar com sua própria personalidade; portanto, revelar a singularidade. Por isso, não se detém em teorias que descrevam estruturas clínicas, mas está preocupado em criar condições necessárias para que a psicanálise possa emergir da relação paciente e analista, revelando perspectivas nos diferentes vértices de observação.

O analista tem que usar o que esperamos ser um método não-patológico de clivagem, porque a situação total que se nos apresenta está além de nossa capacidade, assim como nós supomos estar além da capacidade da criança ter a compreensão do mundo que nós adultos temos. É natural para criança ver uma parte do mundo da realidade; esta visão especial não é errada – ela é inadequada. Limitarmo-nos a observação somente do que compreendemos é negar a nós mesmos a matéria-prima da qual a sabedoria e o conhecimento presentes e possivelmente futuros podem depender. O fato de serem incompreensíveis agora, porque nossas mentes não estão preparadas ou estão mal-ajustadas para apreendê-los, não é razão para limitar os fatos tais como se apresentam realmente. (Bion, 1975/1981a, p. 133)

Como garantir que a leitura do analista diante da clínica favoreça o crescimento do paciente? Bion (1962/1991) teve que desarticular certos modos de pensar da psicanálise de certos conceitos que se amarravam com a ideia de patologização. Abriu caminho para novas conceituações, chamando de personalidade o conjunto de funções que, a princípio, conduzem a pessoa ao pensar, englobando os mais diversos acontecimentos: pensar pensamentos, dimensionar o espaço mental (as contrapartes da altura, profundidade, largura e temporalidade no registro psíquico), temporalizar o tempo, sentir sentimentos, sonhar sonhos, conduzir ações. As fronteiras desse conceito permanecem indefinidas intencionalmente para criar condições de

explorar a complexidade do humano. Partindo do sentido do conceito de barreira de contato de Freud, Bion explorou os desdobramentos e as implicações de tal conceito, para, então, ter condições de observar e instrumentalizar o campo de intervenção psicanalítico.

Quais os limites da capacidade humana de pensar? Em vez de explorar o caminho já trilhado por Freud – perseguido pelo do exame dos aspectos conscientes e inconscientes – Bion (1967/1994) buscou ampliar o percurso; assim, descreveu o pensar. Na situação analítica, é importante compreender o modo de pensar do paciente e articulá-lo com os efeitos que ele incrementa o campo da sessão e o modo de pensar do analista. O pensar se constitui conforme a natureza de seu processo evolutivo e possui as configurações a seguir:

1. Pré-concepção – são expectativas mentais ainda sem conteúdo. Retirado das ideias de Kant, que argumenta: “Pensamentos sem conteúdo são vazios, intuições sem conceitos são cegas” (Kant, 1781/2001, p.87). Ainda que exista um conhecimento independente da experiência e mesmo de todas as impressões sensoriais, ele é vazio, anuncia-se como uma expectativa, está *a priori* da experiência. Bion exemplifica com a expectativa inata que um recém-nascido tem de ir em direção a um seio que o alimente.

2. Concepção – associada invariavelmente a uma experiência emocional de satisfação, a concepção se inicia por meio da conjunção de uma pré-concepção com uma realização. A realização é o encontro com a experiência no sentido de estar no campo do real por uma ação específica. No caso de um bebê com uma expectativa inata de procurar um seio, este irá conceber o seio a partir da experiência da mamada e o registro mental dos vínculos implicados nessa experiência, as emoções do bebê, o amor da mãe, a constância de sua presença e confiança de seus cuidados. É o encontro com seio real e com a personalidade da mãe que promovem a concepção. Nesse processo haverá sempre uma hiância entre a expectativa do seio e o encontro com o seio real. Assim, a realização deixa uma diferença e nunca satisfaz totalmente a pré-concepção. É a partir dessa hiância, que Bion designa como não-seio, que vai haver a possibilidade da constituição do pensar. A concepção do seio acende as condições do mental, alimentando os elementos que se arranjam no espaço/tempo, no dentro-fora, no continente-conteúdo.

3. Conceito – a partir dos arranjos de diversas concepções, há condições de a mente construir uma abstração mais sofisticada, designada de conceito. Sua finalidade é servir como um instrumento de elucidação ou expressão de uma verdade, uma aproximação. Já a verdade é inacessível, só apreensível no campo da linguagem e suas estruturas lógicas. Assim, os conceitos permitem a comunicação, uma base que armazena certas informações para as trocas e as interações.

Tendo essa compreensão, Bion concebe que o pensar não é dado *a priori*, mas depende dos desenvolvimentos dos pensamentos e, posteriormente, da formação de um aparelho psíquico de pensar os pensamentos. Esses pensamentos são postos à prova a cada nova experiência e interação social; portanto, passíveis de transformações ou inibições, dependendo dos padrões que adquirem ao longo de um contexto de um indivíduo e seu ambiente social. “Restringirei o termo pensamento a união de uma pré-concepção com uma frustração.” (Bion, 1967/1994, p. 129).

O passo seguinte para o desenvolvimento do pensar depende de que uma decisão seja tomada diante do fracasso: fugir da frustração, ou modificar a frustração a partir da abertura de um trabalho de processamento dos pensamentos. Daí surge no indivíduo a demanda de consolidar esse acionamento por meio das funções da personalidade, para que os desejos possam ser realizados pelas experiências emocionais.

Podemos entender, então, as funções da personalidade como qualidades vitais do pensar de um indivíduo, próprias de um número de fatores operando em consonância. O que caracteriza essencialmente a função é o fato de ela ser não saturada e incompleta, o que lhe permite penetrar na dimensão dos objetos, transformando-se com eles em unidades que se constituem assim inteligíveis e comunicáveis para outras pessoas.

Chuster (2018) toma a formulação espectral de Bion e correlaciona a função social (que fornece uma mediação entre os grupos aos quais um indivíduo pertence) com a função intuitiva (que fornece a autenticidade ou a singularidade de um indivíduo). Ao entender que é a cultura e os grupos que fornecem para uma pessoa certos símbolos, depreende que certas ideias, certas concepções e certos conceitos sociais são convenções criadas ao longo da formação desse senso comum e inculcadas ao indivíduo para contê-lo. Assim, abrangem um espectro de possibilidades que expressam desde heteronomia/dependência em um polo, até autonomia/responsabilidade noutro polo. Podemos entender, então, que certos conceitos são arranjados a partir da internalização de objetos que possuem um matiz saturado por esses símbolos heterônomos, pois são adquiridos por intermédio das regulações sociais por meio de códigos de conduta, leis, rituais cerimoniais e civilizatórios. Já outros conceitos podem apresentar matizes insaturados, uma vez que os símbolos autônomos permitem um maior trabalho de processamento e interação, gerando mais flexibilização e expansão do pensar/sentir.

Simultaneamente, a função intuitiva opera acionando os símbolos autônomos, permitindo aos objetos internos condições não saturadas de consolidação e, assim, beneficiando a flexibilidade psíquica, a singularidade na criação simbólica individual por meio de um viver singular, da arte, da ciência e dos mitos. A partir dessa constelação, ocorre a instalação de um

conflito inerente entre a manutenção da individualidade, na medida em que a função social tenciona os aspectos mentais que fizeram nascer o singular no indivíduo. Chuster (2018) sustenta que o social, de certa forma, passa a se opor ao lugar do sujeito, pois prioriza o consenso. O conflito, portanto, é intrínseco e exige uma coalizão e arranjos dessas facetas na mente. Nesse sentido, são necessários o desenvolvimento do pensar para que a mente opere uma solução que abranja a amplitude das diferentes funções, ampliando as operações do pensar/sentir, sofisticando os processos de abstração por meio do crescimento mental, o que nem sempre é alcançado.

Nesse sentido, os consensos simbólicos produtos da cultura, presentes nos rituais cerimoniais, nos códigos de ética e das leis presentes nos grupos sociais, expressam as diferentes forças presentes no conflito. Se o senso comum está constituído a partir de funções com polaridades mais heterônomas, há um risco do que é consensual se padronizar e engendrar uma inibição ou até mesmo o assassinato de quaisquer características que expressem o novo. Ou a mente poderá recorrer a outros caminhos, como o da idealização do novo, para, em seguida, adaptar tais aspectos ao *establishment*, conservando a ordem tradicional. Outros caminhos são possíveis de ser destinados nesse amplo espectro de possibilidades: o social poderá evoluir para consciência social e autonomia sociais, mas esses são aspectos que o tempo todo estão sendo confrontados com outras facetas da mente (destrutividade, primitivismo, aleatoriedade, singularidade) e o vivenciar das circunstâncias do viver. O próprio acontecer do tempo, dando sentido a sua passagem, é um fator que dispõe a mente a enfrentar a tarefa do viver, retificando ou não as decisões tomadas pelo indivíduo e pelo grupo.

Essa análise é muito relevante quando refletirmos sobre a infância, principalmente quando se trata de traçar terapêuticas ou propostas educacionais, pois permite incluir o campo e o contexto social na análise dos fatores que incidem no desenvolvimento da personalidade da criança. No dia a dia do atendimento clínico de crianças estamos diante de distintas relações: famílias, escola e diferentes grupos sociais. Um psicanalista pode ter em seu consultório diversas crianças que estão implicadas em diferentes relações de poder ou por sofrerem ou por praticarem bullying. Terá como tarefa de trabalho psicanalítica a intervenção e o exame das diferentes relações implicadas, tornando-se necessário ampliar seu campo de observação dos fatores implicados.

São múltiplos os fatores que incidem na personalidade de um indivíduo, já que ela é multifacetada. Pessoas muito identificadas com o grupo, por exemplo, socialmente envolvidas com esse polo, podem diminuir suas capacidades intuitivas, como no caso de grupos religiosos, ao passo que aquelas que possuem uma tendência a vivenciar experiências intuitivas podem se

recolher no grupo, já que estão percebendo e lidando com situações que, provavelmente, não estão sendo assimiladas pelos indivíduos em torno, visto que a intuição está fora do senso comum. Tais pessoas podem ser vistas como diferentes, excêntricas, malucas, geniais e suas mentes são exigidas para buscar uma adaptação frente á faceta social de suas personalidades.

Os fatores são atividades mentais que operam em consonância com outras atividades mentais, construindo uma função, assim como são valores dados a variáveis. Deduzíveis da observação das funções das quais fazem parte, conservam uma mútua combinação, ou vinculação. Podem expressar as teorias ou as realidades que as teorias representam. Os fatores são constantes e fixam significados. Podem ser descritos com uma linguagem comum quando o paciente e o analista se comunicam, ou também as palavras empregadas de forma científica que o psicanalista usa para realizar sua pesquisa (Bion, 1970/2007; 1963/2004a).

Por exemplo, quando uma paciente comenta na sessão: *“Minha mãe disse que eu venho aqui pra brincar. Eu sei que não pode estragar os brinquedos. Mas por que não posso quebrar?”*. Recém-feitos 4 anos, essa pequena explicita a riqueza de seu mundo interno, já procurando entender. Podemos formular várias hipóteses a respeito do que se passa na relação com a analista, a saber:

- Simultaneamente se assusta com o que se passa em sua mente, sua vontade de estragar?
- Sua curiosidade em desmanchar os brinquedos para ver o que tem dentro?
- Comunica comigo sua fantasia de que eu possa estragá-la?
- Quer se livrar de realidades incompreensíveis a ela?

O tratamento para a criança mencionada oferece a oportunidade que ela possa entender e viver, principalmente, aquilo que ela ainda desconhece sobre si mesma. Posso explorar um raciocínio abstrato recorrendo à teoria edípica de Bion para entender as emoções vividas no início do seu processo analítico.

A criança pequena está em contato com seu crescer e, concomitante a isso, psiquicamente, um tempo e uma vivência já aconteceram. Esse período inicial, sabemos, é vital para consolidação de um funcionamento mental. São fatores que, combinados, compõe sua personalidade, seu modo de ser diante do mundo. Percebe que existem experiências boas e más simultaneamente, se sua destrutividade não é excessiva, já que pode se interrogar e perceber que os brinquedos servem para brincar, e isso possui várias direções.

Bion afirma que o processo de análise promove, na dupla, uma turbulência emocional, na medida em que a psicanálise trabalha com o desconhecido, a imprecisão, a suspeita, as

incógnitas do humano. Para enfrentar tal tarefa, esse autor vai recolher da teoria freudiana o conceito de barreira de contato. Tal noção corresponde à função de regular, de direcionar a passagem de quantidades de energias necessárias para transformá-las em ações específicas. As barreiras de contatos são as formas de vinculação das representações mentais. Nesse sentido, são as construções de estruturas lógicas e os objetos internos, necessários para conservar provisões de memórias, discriminar estados conscientes e inconscientes e articular os processos primários e secundários, princípio da inércia e princípio da constância (Freud, 1895/1992b).

Para Bion, a barreira de contato é uma “ponte”, um platô, responsável pela manutenção da distinção entre consciente e inconsciente, preservando o inconsciente e construindo vínculos entre os diferentes espaços mentais. A função  $\alpha$  orchestra essas ligações, fornecendo elementos  $\alpha$ , que precisam ser armazenados, mantidos fora da consciência e são acionados quando o impacto da realidade é sentido como fora do usual, ou altera a ordem do pensamento. Composta de uma infinidade de objetos internos, a barreira de contato permite a digestão de diversos circuitos mentais com a finalidade de armazenar experiências dentro da mente. O não digerido ainda ganha os suportes das funções sociais e intuitivas. Se ainda as funções da mente falham, o não digerido vai se manifestar no corpo, onde ocorre a produção de elementos beta ( $\beta$ ), capazes de destruir o conhecimento do self e dos objetos.

Pode-se esperar que a barreira de contato se manifeste de forma clínica – se é que em realidade se chega a manifestar-se – como algo que se parece aos sonhos. Como foi visto, a barreira de contato possibilita uma relação e uma manutenção da crença nela como um acontecimento real, sujeito as leis da natureza, sem que este enfoque fique afogado pelas emoções e fantasias que são originados endopsiquicamente. Da forma recíproca, o impedimento que as emoções de origem endopsíquicas resultem oprimidas pelo ponto de vista realista. (Bion, 1962/1991, p. 46)

Assim, Bion vai distinguir esse modo de regulação psíquica exercido pela função  $\alpha$ . Entende a existência de uma mente capaz de dar conta, lançando mão de várias estratégias, para garantir a operação dos modos de ser no mundo. Nesse sentido, a função  $\alpha$  é uma capacidade da personalidade com qualidades necessárias para tomar contato com objetos vivos e estabelecer relações consigo mesmo que impliquem construção de uma autonomia, ainda que interdependente. A nomenclatura  $\alpha$  foi designada para enfatizar, como um operador lógico e linguístico, a incógnita, pois a priori não possui significado. O significado vai ser dado a partir da experiência emocional.

Existe, no indivíduo, uma necessidade de captar a vida, assim como as relações com os objetos vivos. Quando realiza essa experiência, pode surgir interesse a respeito da gratidão, seja

sobre ele mesmo, ou sobre os promotores deste cuidado. Essa busca de pertencimento, consolo, prudência e aconchego é nomeada por Bion como estado mental de interesse pela verdade. Essa experiência precisa de um suprimento de amor, no qual quantidades se transformam em novas qualidades, os elementos  $\alpha$ . Assim, podemos pensar que essa expectativa de dar sentido à vida está presente em um indivíduo, desde o nascimento ou até mesmo antes, em uma mente embrionária intra-útero, que já captura emoções.

A função  $\alpha$  constitui os objetos internos, também chamados objetos psicanalíticos. Os elementos alfas garantem espaços não saturados. Dentro do objeto há sempre pontos de saturação, pertencendo a dimensão simbólica. Os objetos revelam-se a partir de zonas tanto saturadas como insaturadas, se apresentam na forma espectral, como diz Bion em seu modelo de mente, então os objetos se expressam do símbolo ao elemento  $\alpha$ .

As falhas na função  $\alpha$  estão sempre presentes na mente de uma pessoa, na medida em que seu funcionamento não alcança toda a abrangência da realidade, por isso, concomitantemente, também acontece outro processo, um temor e um interesse de livrar-se dos complicadores emocionais implicados na captação da vida. Esses aspectos da mente são vividos como incômodos, não digeridos e vivenciados como um excesso, além de ser tomados como resíduos que necessitam ser evadidos da mente e descarregados no corpo. Foram chamados por Bion de elementos  $\beta$  (beta). No lugar em que as funções da personalidade falham, ocorre uma evasão da mente dos elementos dispersos, descarregados no corpo. De alguma forma, a pessoa, em vez de sentir os sentimentos, por exemplo, dissocia-se deles evacuando-os mediante a identificação projetiva. Caso haja um incremento desse ciclo, a evasão e a identificação projetiva vão debilitando a capacidade da barreira de contato em funcionar e produzir crescimento mental, produzindo-se uma tela  $\beta$ . Onde a função  $\alpha$  fracassa, a tela  $\beta$  constitui objetos bizarros e impossibilidade do pensamento onírico e do pensar inconsciente de vigília, possibilitando a intrusão de um funcionamento psicótico na personalidade.

Em uma entrevista com um grupo de psicanalistas no Brasil, em abril de 1973, em São Paulo transcrita, traduzida e publicada, Bion quando interrogado sobre qual seria a forma do paciente psicótico simbolizar, responde:

Eu não penso que ele o faça. . . . a peculiaridade com o símbolo é a de que ele envolve aproximar duas ideias para criar uma terceira. Agora, isto eu não penso que certos pacientes, sejam capazes de fazer. Eu penso que existem certos pacientes que parecem que são capazes de fazê-lo, eles podem usar a linguagem de uma forma que soa como se estivessem expressando de uma maneira comum, mas não estão! Eu não penso que eles podem aproximar duas coisas dessa maneira. Se você me perguntar: “de que maneira?” Eu diria de uma maneira que daria início a. . . para usar uma expressão

verbal: gerador de pensamento, ou se você estivesse usando uma linguagem matemática, um gerador de números. Veja a coisa importante a respeito de ambos: número e gerador. Significado para gerador, alguma coisa que está gerando; isso definitivamente tem um sentido pansexual e disto sabemos. Mas não penso que o paciente seja capaz de fazer isto. Assim, quando o paciente tem o que chama de sonho, eu penso que o analista necessita de ser uma pessoa que não se importe com esta coisa que ele chama de sonho, mas possa decidir, por ele mesmo, se de fato, isto é, ou não um sonho. (Bion, 1973/1992, p. 449)

Nessa lógica, o símbolo compreendido por Bion é polissêmico, polimórfico e pansexual, o que instaura uma tridimensionalidade no psiquismo (sentido, mito e paixão)<sup>8</sup>, que se expande para novas dimensões. Essa relação triangular estará presente em todos os elementos da mente e precisa ser levada em consideração em toda investigação psicanalítica na medida em que configura os vínculos. Portanto, é essa configuração tridimensional e as imbricadas realizações que compõem o curso do viver humano que Bion concebeu como situação edípica.

Assim sendo, essa condição psíquica, pensada pela psicanálise como configuração edípica está, supostamente, presente desde o início na vida de um bebê, até mesmo quando ele está no útero de sua mãe e se relaciona com o meio aquoso do líquido amniótico, assim como com a personalidade desta mãe. De tal modo, os momentos iniciais de uma vida já são cruciais para que todo esse processo seja engendrado e que o crescimento mental de uma personalidade possa ir acontecendo. Por isso, Bion chama atenção para os momentos em que a função  $\alpha$  perde sua funcionalidade precocemente, como o caso do paciente psicótico de que fala na entrevista citada acima. Descreve, então, em suas teorias, que o impulso do bebê lactante em busca de provisões pode ser obstruído e cindido, fazendo com que haja uma divisão entre satisfações materiais e psíquicas. A internalização dos elementos  $\beta$  incrementa a necessidade de uma comodidade material em detrimento da psíquica e se converte em voracidade, que, por sua vez, incrementa a destrutividade e a inveja. As sabedorias material e afetiva passam a ser substituídas pela dependência de objetos inanimados. A partir disso, surgem estados psicóticos.

Podemos pensar em um bebê que não consegue ser consolado. Cabe à mãe a função de compreender as necessidades dele e iniciá-lo na experiência do viver e ser. Com uma disponibilidade regular, constante e amorosa, os cuidados psicossomáticos acionam, no bebê, percepções sensoriais e emocionais.

Cito uma intervenção que realizei quando uma paciente entrou no consultório com seu bebê – darei um nome fictício para o bebê de Fernanda – e o colocou em meus braços, dizendo

---

<sup>8</sup> Bion (2004), ao tomar a diferença entre geometria euclidiana da geometria não-euclidiana, a partir da leitura de Poincaré, explorou a multidimensionalidade da mente. Ver cap 3 e 18 do seu livro.

que não sabia mais como fazê-lo dormir, deitando-se no divã. Ambas pareciam cansadas. Comecei a balbuciar para o bebê. *“Oi, Fernanda. Vamos ver como tu reage ao meu colo. Esse colo não tem cheiro de mamãe, não tem cheiro de leite, mas tu pode aprender a relaxar. . . Pronto, pronto, tá tudo tranquilo, pode dormir agora.”*. No começo ela seguia chorando, a mãe perdeu o campo de visão de sua filha e permanecia deitada, a nenê passou a olhar para meu rosto e parecia ter fixado o olhar para meus óculos e, aos poucos, foi relaxando e adormeceu. A paciente começa a falar baixo como se sente vulnerável e instável, ora enfrentado ondas gigantes, ora desfrutando de uma enseada tranquila e paradisíaca.

A capacidade de a mãe de Fernanda diminuir sua exasperação e seu cansaço; assim como confiar nas qualidades emocionais que emergiram de dentro dela, fez com que tomasse contato com diferentes matizes de sentimentos, além de selecionar aqueles que a fazem cuidar suficientemente bem da filha, criando decisões para ir realizando sua maternidade. Conseguiu se desprender de uma fantasia que *“deveria saber o que se passa com minha filha”* para viver no campo da análise, o temor, a experiência, a solidão que não é capaz de dar conta de tudo. Assim, tolera construir um ambiente acolhedor no qual continências-conteúdos seja fornecedora de condições psíquicas, ainda que fluidas, de segurança e tranquilidade para a experiência de sua intimidade com sua filha.

Com poucos meses de vida de um bebê, não distinguimos claramente o que se passa no mundo emocional da dupla. No entanto, senti um certo excesso, como se a bebê não conseguisse se desligar da mãe, nem a mãe permitisse que ela dormisse por si mesma. A sessão serviu como um mediador continente-conteúdo para regular a diversidade de ritmos, implicados no escutar, cheirar, sentir e perceber certas nuances dos vínculos afetivos da paciente. Ao longo de outras sessões, defrontou-se com seus desejos diante da maternidade, amores e ressentimentos de não mais ter acesso a partes suas, e ao que se passa no mundo emocional da bebê. O reconhecimento de sua filha como uma pessoa separada de si e ao mesmo tempo dependente pode ser experimentado. De alguma forma, o campo emocional da sessão, seu processo de análise, permitiu que Fernanda vivenciasse um entrar no estado mental que incluiu relaxar, dormir e sonhar a partir de uma mudança emocional de sua mãe.

Podemos ligar o que se passa na clínica com bebês aos processos teorizados por Bion a partir de suas concepções em relação ao nascimento de um bebê, aos cuidados iniciais. Teoricamente, ele formula hipóteses a respeito do desenvolvimento dos objetos na constituição da personalidade, nomeando que a função *rêverie* da mãe institui uma íntima comunicação como seu bebê. O forte vínculo formado entre mãe e bebê atenua as intensidades das vivências sentidas como catastróficas pela dupla, e a mãe, ao elaborar essa situação, fornece por meio da

sua mente, a continência necessária para o crescimento do bebê. Descreveremos melhor tais aspectos no próximo tópico. Entretanto, queremos destacar que, em suas ideias, também existe a ampliação das concepções de vivências pré-natais, que também fornecem um modelo para o pensar no ser humano. A partir do conceito de mente embrionária e cesura são explorados os aspectos mais rudimentares da mente, mas que podem provocar intensas reações, tanto na mãe e no pai quanto no bebê.

O que os analistas chamam de fantasia são, pelo menos em alguns casos, os sobreviventes atuais do que foram modelos que o paciente formou, de modo que corresponderam a suas experiências emocionais. Neste sentido o mito de Édipo é a sobrevivência de um modelo projetado para que corresponda com a experiência emocional de um lactante. Se o caso apresenta uma perturbação do pensamento se descobrirá que este modelo nunca se formou adequadamente. Como resultado disto, a situação edípica aparecerá mal desenvolvida ou não existirá. Em análise de tal paciente, se a análise progride, revelará tentativas de formular esse modelo. (Bion, 1962/1991, p. 108)

Ao formular modelos, a mente se prepara para pensar os pensamentos. No caso de Fernanda, nunca saberemos o que pensa, mas podemos captar por meio da intuição, dos sentidos e de nossa função psicanalítica (função  $\alpha$ ) que um vestígio embrionário a impedia, junto à sua mãe, de acolher a hora de se desligar e dormir. Como se o cheiro, os elementos inacessíveis e as fantasias nascidas da dupla a impedisse de se separar da mãe. Sufocada pelas exigências do puerpério, a mãe pode processar seus sentimentos pela análise. No aqui e agora da sessão, pode, assim, nomear seu bebê como um sujeito, com reações legítimas, sendo capaz de discriminar, digerir e diferenciar suas fantasias e suas concepções de envenenamento e desamparo, diante da fragilidade e das necessidades da filha.

O conceito de modelo, quando introduzido, permite demonstrar outras facetas do campo de investigação, que necessitam ser ampliadas. Para a teoria bioniana o emprego do modelo do mito de Édipo expressa o percurso do ser, por meio da elucidação dos fracassos, dos êxitos, dos enganos das meias-verdades que vão tecendo o ser e o pensar na vida de uma pessoa. Como ferramenta metodológica, emprega a visão binocular, que analisa a parte psicótica da personalidade e parte não psicótica da personalidade por um lado e, por outro, discrimina a amplitude do espectro situação edípica.

Partimos, agora, para examinar a ideia de modelo:

. . . a aplicação da teoria das funções exige que o modelo seja formado primeiro, e logo se examine para verificar se isto pode ser representado por uma abstração teórica.

Chamo o vínculo e se isto pode representar, se assim for, a realização que estimulou a produção de modelo. A função alfa representa algo que existe, quando certos fatores operam em consonância. Se supõe que operam com a dita consonância, ou se não, que por alguma razão não o fazem, si são fatores dos quais se dispõem não tem função alfa, então a personalidade é incapaz de produzir elementos alfa, portanto incapaz de pensamentos oníricos, consciência ou inconsciência, repressão ou aprender com a experiência. (Bion, 1962/1991, p. 85)

Assim, o modelo tem qualidades que o habilitam cumprir algumas das funções de uma abstração; nesse sentido, é somente uma aproximação da realização. Tem origem em uma experiência emocional e aplica-se a uma experiência futura. O modelo acentua os elementos reais, como as imagens visuais; no entanto, tais aspectos têm menos relevância.

Distingo entre modelo e abstração reservando o termo modelo para uma construção nas quais são combinadas imagens concretas entre si; o vínculo entre imagens concretas produz frequentemente o efeito de uma narrativa, implicando que alguns elementos desta narrativa são a causa de outros. Isto é construído com elementos do passado individual, considerando que a abstração está, tal como era, impregnada com concepções do futuro individual. Sua similitude com o modelo encontra em sua origem uma experiência emocional e sua aplicação a uma nova experiência emocional; sua diferença reside em ganhar uma flexibilidade e aplicabilidade que são obtidas pela perda de imagens concretas particulares; os elementos de uma abstração não são combinados por uma narração, se não por um método que tem por fim revelar a relação em vez dos objetos relacionados. (Bion, 1962/1991, p. 64)

Podemos reconhecer que o emprego do modelo preserva uma descrição particularizada, que faz sentido dentro de um contexto temporal para pontuar e selecionar determinados elementos designados. De forma geral, os modelos podem apresentar elementos teóricos e evidências empíricas, principalmente por elementos históricos. As aproximações promovidas estão a serviço de sua aplicabilidade, fator sempre presente na compreensão clínica. Por isso, carregam certo grau de saturação que precisa ser sempre contextualizada na medida em que revela uma generalização.

A partir dessas premissas, podemos pensar que cada grupo social cria modelos históricos, míticos para se aproximar da atmosfera cultural para abarcar o tempo presente e a tradição vigente. Nesse sentido, para compreender aspectos psicanalíticos de um indivíduo ou de um grupo, pode-se construir novos modelos. Bion (1992/2000) pensou em novos modelos usando vários mitos da cultura ocidental (Éden, Babel, Édipo, Palinurus), mas também utilizou, ainda que em menor grau, outras referências, como, por exemplo, a descoberta arqueológica dos túmulos reais da cidade mesopotâmica de Ur.

Aqui, abrem-se campos para que os psicanalistas constituam novas referências culturais para elucidar e pesquisar a clínica, por exemplo, a utilização da mitologia africana, ou o modelo de resistência dos quilombolas na cultura brasileira, o modelo presente no pensamento filosófico da “Banalidade do Mal”, aprofundado por Hannah Arendt (1963/1999) a partir do julgamento em Jerusalém de Adolf Eichmann.

Retomando as ideias de Bion, podemos destacar que a forma como um paciente usa de uma generalização para tentar definir ou comunicar algo para o analista também pode ser empregada para tentar criar sistemas inteligíveis que conduzem a construção de teorias. Essa forma de comunicação necessita de um trabalho do pensar, que ambos, paciente e analista, necessitam realizar, para que não se transforme as teorias em crenças por parte do analista e por parte do paciente; o conhecimento de si mesmo possa ser transformado em alucinação ou, em moralidade, no sentido de criar um juízo fixo do que é certo ou errado. Tais empregos revelam uma condição do pensar que precisa ser contextualizada, para evitar que o trabalho psicanalítico se configure em uma doutrina, moldando a individualidade das pessoas e impondo normatizações sociais.

A forma como vamos organizando os pensamentos e os acontecimentos da vida tem essa figuração, de uma modelagem, que vai de uma tentativa de capturar e construir uma compreensão da realidade. Na concepção de Bion (1962/1991; 1992/2000), a realidade se compõe por meio dos objetos e dos fatos (fenômenos). Os objetos ocupam o espaço psíquico, são distribuições de energias, informações e materialidades. Já os fatos ocupam o tempo, são as transformações temporais dos objetos. A criação da realidade é concomitante e simultânea com a criação do tempo. No instante seguinte, inicia-se a transformação da realidade coincidindo a expansão do espaço e a implantação do tempo.

Dessa forma, ao especular quando a personalidade nasce, e aceitar a hipótese que mesmo um feto sofre pressões intra-útero, assim como, inclui essas experiências e sensações pré-natais como aspectos presentes e atuantes na constituição de uma personalidade, Bion formula, como hipótese, que provavelmente essas pressões e impressões são capturadas como uma memória e transformadas em ações.

Não suponho que algum dia vá existir qualquer probabilidade de se saber, por assim dizer, o que um feto pensa; mas, continuando com minha ficção científica, sugiro que não existe nenhuma razão por que um feto não deveria sentir. Realmente, penso que seria bastante útil considerar que alguns estágios de medo, de intenso medo, são por nós visualizados ou imaginados como se alguém pensasse sobre eles como um modo subtalâmicos, ou como algum tipo de manifestação glandular, algo que tivesse a ver com as adrenais ou aquilo que posteriormente virão a ser as estruturas genitais. Bem,

vocês podem olhar para isto como desejarem. Digamos assim: como traços de memória. Mas estes mesmos traços de memória podem também ser considerados uma sombra que o futuro molda antes. Eu poderia dizer que esta própria reunião pode ser encarada como uma expressão, como uma revisão de tal experiência e conhecimento que conseguimos abarcar no curso de nossas vidas. Só que isto também pode ser encarado como mostrando a sombra de um futuro que não conhecemos, não mais do que conhecemos o passado, uma sombra que ele projeta ou molda antes. A cesura que nos faria acreditar, o futuro que nos faria acreditar, ou o passado que nos faria acreditar, dependendo da direção em que vocês viajam e do que vocês veem. Agora, parece-me que há certos desenvolvimentos prematuros e precoces que são muitos prematuros e precoces para serem toleráveis. Portanto, o feto, o id, se houver tal coisa, faz o melhor que pode para desfazer esta conexão. (Bion, 1976/1987, p. 138)

Salientamos o quanto Bion acredita que o ser humano guarda em si diferentes e aprimorados sistemas que se intercomunicam para capturar o real, engendrando distintos níveis de pensamentos que operaram sobre a realidade: abarcam os elementos, que se estendem em um espectro de fenômenos mentais. Expressa essa simultaneidade complexa, tomando emprestado a ideia da estrutura molecular do DNA, descrevendo que a mente progride por meio de um movimento helicoidal: “A pessoa volta às mesmas coisas, só que em um nível algo diverso. Penso que aquilo que estamos tentando fazer é voltar aos diferentes níveis, mas sem perder a contribuição vital feita por estes arcaísmos.” (Bion, 1976/1987 p. 141)

Assim, as funções da personalidade se articulam desde vestígios da mente embrionária até os sistemas ou conjuntos que procuram captar a realidade. A seguir está traçado um esquema para representar a aquisição destes conjuntos:

Mente embrionária – conjunto tátil – conjunto olfativo – conjunto auditivo – conjunto motor e proprioceptivo – conjunto vazio – cesura do nascimento e função  $\alpha$  – conjunto vazio – conjunto visual – oralidade – analidade – fálico edípico – concepções – conceitos

É a partir dessa perspectiva crítica que passamos aprofundar, no próximo capítulo, a teoria do pensar de Bion para correlacionar com o desenvolvimento psíquico infantil.

#### 4.1 APROXIMAÇÕES DA TEORIA DO PENSAR COM A CLÍNICA INFANTIL

Nenhum termo – “criança autista”, “psicótico”, “borderline” – é de muita utilidade, porque a experiência numa análise é mais sutil, detalhada e difícil de categorizar nessas, de alguma forma, cruas classificações, quando nós as tomamos emprestadas da prática da medicina, ou das filosofias existentes, ou teorias analíticas. (Bion, 1975/1981a, p. 129)

Chamando atenção para a experiência de um processo analítico, Bion marca a importância do viver na experiência que sempre será mais complexa que qualquer tentativa de entendimento ou categorização. A partir desta perspectiva, um de seus modelos usados para sistematizar a Teoria do Pensar é o da relação mãe e seu bebê. Postulou a existência de fenômenos primitivos de vida mental, denominados de sistema protomental ou somatopsicótico (Bion, 1962/1991). São matrizes emocionais combinadas que contêm os supostos básicos de grupo. Entendemos por supostos básicos as emoções básicas, comuns e primitivas correspondentes aos seguintes impulsos emocionais: dependência, acasalamento (pareamento), luta e fuga (guerra). Nesse sistema o físico e o psicológico são indiferenciados; assim, esse tipo de funcionamento mental exerce forte influência no grupo social, já que as ansiedades não têm uma distinção psicológicas, são expressadas no corpo. Tais estados mentais podem facilmente se infiltrar em funcionamentos grupais, podendo até dominar a vida mental do grupo. Potencialmente, quando ativado, o sistema protomental pode tornar um grupo inoperante.

Pensemos em um grupo familiar no qual uma gravidez está presente. O que se passa no estado sensorial intrauterino? Essa condição se impõe diante de todos os membros do grupo, e uma mãe e um pai podem não ter condições emocionais de fornecer as qualidades necessárias e suficientes para o crescimento do feto. Se a unidade indistinguível feto/útero presenciar eventos da realidade que incrementem vivências destrutivas, aparecerá um terror sem nome. Outros membros do grupo podem se identificar com esse estado. A instalação desse padrão pode gerar, no feto, uma ruptura e destruição do mecanismo onírico. Lembremos que o trabalho onírico tem a função de transformar o material pré-comunicável em material armazenável e comunicável. A relação mãe / bebê será ameaçada. Foi observando pacientes graves na clínica que Bion pode analisar situações nas quais apareciam um terror inominável. Passou a investigar o surgimento das falhas do sistema onírico, que, por sua vez, provocavam falhas no contato com a realidade e na constituição do pensar.

A partir dessa perspectiva, um de seus modelos usados para sistematizar a teoria do pensar é o da relação mãe e seu bebê. A experiência de ser amamentado, inaugura uma experiência emocional, desde as impressões sensoriais relacionadas com o processo digestivo, assim como das impressões sensoriais associadas com a presença da mãe.

O termo *rêverie* pode ser aplicado a quase quaisquer conteúdos. Eu gostaria de reservar este, somente para aquele banhado de amor ou ódio. Neste sentido restrito, a *rêverie* é estado mental aberto a receber quaisquer “objetos” do objeto amado e, portanto, acolher as identificações projetivas do bebê, sejam boas ou más. Em suma a *rêverie* é o fator da função alfa da mãe. (Bion, 1962/1991, p. 36)

Bion (1967/1994) destaca que a *rêverie* materna está a serviço dos cuidados de um bebê recém-nascido, que transforma sua descarga emocional das identificações projetivas do bebê e da própria mãe acolhendo, metabolizando, desintoxicando, filtrando e separando os elementos  $\alpha$  dos elementos  $\beta$ . Quando essa função é capaz de formar vinculações nas matrizes de significações, novos significados são criados na mente do bebê, crescendo e ampliando seus recursos, assim como as qualidades das formas de uso desses recursos.

Para Sor e Senet de Gazzano (1992), a *rêverie* é uma nevoa envolvente de ternura e amor que facilita o trânsito das emoções primitivas, incluindo terrores profundos, talâmicos e subtalâmicos, oriundos da neotenia e imaturidade psíquica; portanto, associados ao desamparo, à voracidade, promovendo a evolução ligada ao crescimento mental. A mãe envolve seu bebê em um profundo estado de mente, *at-one-ment* – unicidade, em um aqui agora, em uma ilusão de constância infinita, como se fosse a coisa em si mesma. O bebê, por meio da *rêverie* materna, humaniza-se e experiencia e cria o “si mesmo”.

Lisondo (2010), sobre a finalidade da *rêverie*, enfatiza:

Uma alfa-betização emocional é impulsionada. Ela sustenta a aprendizagem. Esta contribuição de Bion permite conjecturar que, em muitos pacientes que apresentam um diagnóstico de Transtornos Globais no Desenvolvimento Emocional, o retardo e o atraso mental podem ser consequência do déficit na formação do aparato para pensar os pensamentos. Entre os infinitos fatores convocados, destaco as falhas na função materna para poder metabolizar, transformar e digerir os conteúdos do filho. (p. 70).

A tarefa do bebê de crescer e de sobreviver fisicamente e psicologicamente demanda um dispêndio de energia intenso. Essa situação envolve todo um ambiente, que inclui as pessoas que convivem com esse bebê e os aspectos da materialidade envolvida no contexto de sua vida. Além disso, o ser bebê abrange o que ele faz consigo mesmo, suas ações, emoções e percepções. Seu equipamento disponível para lidar consigo mesmo e com o ambiente já está em pleno movimento, funcionando, e vai gerando registros, armazenados como memória. Simultaneamente, o emocionar-se do bebê promoverá destinos na sua mente, e eles dependerão das qualidades dos vínculos emocionais vividos.

Bion (1967/1994) refere que a condição imatura e a pré-concepção inata do seio evocam um pensamento sem pensador, produzindo, na mente do bebê, um impacto perturbador e persecutório. Sua prematuridade impede que ele consiga digerir essa situação. A presença da mãe instaura amor, ódio e ânsia de conhecer simultâneos como experiência emocional. O sistema senso perceptivo vai capturando as coisas-em-si-mesmas e paulatinamente vai

distinguindo as qualidades primárias – consideradas objetivas – a solidez, as quantidades, o movimento, o repouso, as noções de espaço/tempo, assim como as qualidades secundárias – consideradas subjetivas – são produzidas pelos arranjos e pelo reconhecimento dos pensamentos, como cores, sons, cheiros e sabores. Assim, as experiências materiais e emocionais vão sendo amparadas pela função  $\alpha$  da mãe. O bebê que comunica suas necessidades para mãe, será interpretado e atendido por ela. Evidentemente, essa comunicação não consegue ser plenamente efetiva, já que existem as singularidades do bebê, da mãe e do entorno. Desse modo, alguma coisa vai falhar; portanto, a função *rêverie* não é completa. E é esta falha que vai garantir o aprender a lidar com todas as contingências do viver, com a quebra da onisciência da experiência, da onipotência do pensar e onipresença do ego do bebê.

As oscilações entre o que o bebê acha que é e o que ele acha que deveria ser vão constituindo simultaneamente sua identidade, suas experiências emocionais, suas experiências estéticas, suas experiências sexuais, sua interação com as pessoas que o cercam. Esse processo, se constituído por meio da função  $\alpha$  produz ordenamentos lógicas capazes de selecionar e combinar elementos em uma harmonia complexa. Esta complexidade é precária na medida em que a mente possui partes prematuras e primitivas. Caso apareçam transtornos no desenvolvimento do pensar, a tela  $\beta$  invade o lugar da barreira de contato.

## 4.2 A PSICOMECÂNICA DO PENSAR

### 4.2.1 O interjogo entre $\text{♀}^{\text{♂}}$ (continente-conteúdo) e a oscilação PS e D (posição esquizoparanoide e posição depressiva)

O ser humano tem uma personalidade multidimensional – uma identidade física tridimensional e uma identidade psíquica multidimensional – possuindo um movimento ininterrupto que põe em funcionamento sua vida. A existência da mente marcha a partir de dois movimentos elementares e simultâneos: o elemento  $\text{♀}^{\text{♂}}$  (continente-conteúdo) e o elemento que é a oscilação PS e D (posição esquizoparanoide e posição depressiva). Como se trata de uma teoria complexa e esses elementos correspondem a abstrações, podemos compreendê-los se os vincularmos a outros elementos. Podemos, por exemplo, criar um modelo com base na imagem; assim, podemos formular uma precária e imperfeita compreensão por analogia: seio continente e boca conteúdo. No entanto, Bion adverte que, quando atalhamos um caminho, não podemos esquecer do contexto, da forma como se desenvolve a travessia.

Os elementos C (pensamentos oníricos, sonhos e mitos da grade) são usados para proporcionar apoio para a relação, a boca é um esteio, o seio é outro esteio. Tem-se considerado ambos os termos como o aspecto essencial da analogia. É exatamente este ponto que marca a divergência “entre o caminho do desenvolvimento e o caminho da deterioração. O seio e a boca só são importantes na medida em que servem para definir a ponte entre ambos. Quando os esteios usurpam a importância que cabe às qualidades que eles conferiram à ponte, o desenvolvimento é prejudicado. . . . A interpretação ou construção produzida pelo psicanalista depende do vínculo intuitivo entre analisando e analista. Como este vínculo é constantemente posto em perigo por ataques deliberados, pela sua fragilidade essencial e pela fadiga habitual, é necessário protegê-lo e mantê-lo. (Bion, 1971/1973, p. 124)

Desse modo, o aparelho de linguagem e as funções às quais se destina, principalmente no que se refere ao emprego da comunicação, criam e são criados por esses dois operadores. Esse processo é progressivo e sofre uma orquestração dos diferentes fatores que coexistem no acontecer da existência do indivíduo. Tal circuito é uma autoconstrução recorrente, e o tempo todo demanda um operar sobre si mesmo, engendrando um percurso do pensar. São esses mecanismos que engendram as condições de possibilidade para o pensar e o não pensar, que, simultaneamente, autoconstrói o aparelho para pensar os pensamentos. Nesse sentido os elementos que o compõem são funções da personalidade, governados por uma finalidade ou dirigidos a esta, implicando fatores ou metas. Esses constantes movimentos ainda que não possam ser observados, foram elucidados por Bion com analogias entre as qualidades primárias (♀♂, por exemplo) e qualidades secundárias (linha C da Grade: pensamentos oníricos sonhos e mitos; ver Anexo B, na medida em que só podem ser reconhecidos na prática da psicanálise, na relação intuitiva entre analista e analisando.

Como expressão do referido processo, Bion conceituou o ♀♂, continente-conteúdo como um elemento central que articula o campo linguagem, viabilizando diversas transformações. Os sinais espelho de Afrodite (ou Vênus na mitologia romana) ♀ e a lança de Áries (ou Marte) ♂ expressam a função matricial do elemento; portanto, fatores não saturados, que não representam, em um primeiro momento, o masculino e feminino, (a concepções psíquicas de sexos, masculino e feminino já denotam qualidades secundárias do processo de desenvolvimento do pensar, pois são atravessados pela realização). Assim, toda matriz, mais que forma ou conteúdo expressa o trabalho que se destina a fazer. Dessa forma, são aberturas, são pontes que viabilizam a construção das vinculações das diferentes partes mentais. O mecanismo ♀♂ entra em jogo, e os produtos de suas operações são os significados.

Quando reconsideramos que são os elementos de psicanálise, veremos que a importância disso está no fato de aqueles elementos, supostamente, possuírem certas

características como voracidade, amor, ódio, inveja, curiosidade. Os mecanismos envolvidos nesses fenômenos primitivos podem ser considerados, em sua forma simples, como PS-D (ou fragmentação – integração) e ♀♂ (ou expulsão – ingestão). Vou descrever agora estes mecanismos, reformulando-os em termos de modelos. (Bion, 1963/2004a, p. 55)

Usa o modelo da fecundação e da digestão como contraparte para designar essa condição inaugural, mítica, da origem e da manutenção da vida na mente do ser humano.

Para explicar a mecânica do pensar, abarcando tanto a produção, como o emprego dos pensamentos, Bion considerou a oscilação PS – D como mecanismos referentes da criação – delinear o objeto – e da elaboração, assim como ♀♂ como os mecanismos relativos ao emprego – significado do objeto.

Continente-conteúdo, ♀♂, é denominado por Bion (1963/2004a, p. 19) como “a relação dinâmica entre continente e conteúdo” e “como a característica fundamental da concepção de identificação projetiva de Melanie Klein”. Refere, como modelo, a relação bebê-boca-seio-mãe como o protótipo da relação continente-conteúdo.

Em seu livro *Aprender com experiência*, o autor dedica-se a desenvolver esse conceito. Descreve que a psique primitiva toma a realidade como a coisa-em-si de Kant. Um bebê recém-nascido vive um estado indiferenciado entre qualidades animadas e inanimadas, entre o eu e o outro, entre o contato com a realidade e a fantasia. Quando a mente do bebê sofre um incremento de estímulos, preponderará dois fatores na vinculação com a mãe: a identificação projetiva e o excesso de objetos dispersos, incompreensíveis, tomados e designados como maus.

A identificação projetiva divide a personalidade, cindindo-a e expulsando uma parte de aspectos de si não integrados para o externo, bem como convertendo essa em uma coisa. Assim, o interno fica garantido, mantendo a sensação de segurança e bem-estar por meio da onipotência, que, ainda que precariamente, organiza uma estabilidade imaginária e emocional na experiência. A princípio, trata-se de uma tentativa de comunicação, uma expectativa que o indivíduo possui de encontrar alguém que possa lhe acudir e lhe atender. De acordo com Bion, é essa a capacidade de transformar algo psíquico em uma “coisa” concreta, o padrão instaurador da abstração, motor de todo o pensar. De início, é a *rêverie* da mãe que permite a parte interna “boa” da personalidade do bebê se consolidar como um continente favorável ao crescimento psíquico e a vivência da confiança em sua vitalidade.

Aquilo que foi lançado para fora como identificação projetiva, em parte, foi percebido pela *rêverie* da mãe. Como resposta, a mãe acolhe, atende e fornece o que demanda o bebê, constituindo simultaneamente, esse espaço de comunicação continente-conteúdo.

#### 4.2.2 Posição esquizoparanoide

As ideias mencionadas pressupõem que há um momento, quando o ser humano está entre o zero e os três meses de vida, no qual seu ego é vivido como que craquelado, dividido em inúmeras partículas, ora contidas dentro dele e podendo ser expelidas para o exterior, ora, simultaneamente, contendo o objeto externo ou destruindo partes dele. Esse funcionamento esquizoparanoide, ainda que elaborado a partir do crescimento mental, permanecerá como um registro mental primitivo presente nos indivíduos ao longo da vida.

Para Bion, nesse primeiro momento, o bebê é uma unidade com a mãe, em que divide as facetas de elementos  $\alpha$  e  $\beta$ , já que seu controle onipotente não sustenta sua prematuridade orgânica e psíquica.

A aprendizagem depende do  $\varphi$  permanecer integrado e, ainda assim, perder a rigidez. Esta é a base do estado de espírito do indivíduo que pode reter seu conhecimento e experiência e, ainda assim, estar preparado para reconstituir as experiências passadas de uma maneira que lhe permita ser receptivo a uma nova ideia. Utilizando esta última afirmação como modelo a partir do qual abstrair, os elementos ( $\varphi$ ) de  $\varphi_n$ , devem ser mantidos por uma constante + que seja capaz de ser substituída, em outras palavras, deve funcionar como uma variável. Só então pode representar um aparelho capaz de mudar a emoção. (Bion, 1962/1991, p. 93)

Bion atribui que a vivência pela mãe de um estado de encantamento e sua devoção de um amor ardente por seu bebê é o que garante que as oscilações da mente do bebê possam ser suportadas por ele, permitindo que um estado fluido e integrado crie uma textura emocional consistente e constante. Além disso, o espectro de oscilações amor e ódio na posição PS do bebê necessitam ser contido pela *rêverie* da mãe, e transformado em paciência e segurança, organizador da constância objetal que em curso será ou não alcançada.

Sendo a *rêverie* o fator da função  $\alpha$  da mãe que comunica e cuida por meio do predomínio do amor, será garantido que o bebê experimente sensações de ansiedade, relaxamento, amor, ódio sem que todos esses espectros de qualidades psíquicas entorpeçam, confundindo o lactante. Lembremos que, para Bion, aquilo que o bebê não suporta psiquicamente é evadido imediatamente para o corpo por meio dos elementos  $\beta$ . São as qualidades psíquicas, a textura emocional a tridimensionalidade do psiquismo (extensão dos domínios dos sentidos, mitos e paixões) da mãe que impactaram as qualidades psíquicas expectantes do lactante, garantindo a expansão e o crescimento, não permitindo que sua mente se esvazie de conteúdos.

Ainda que exista a unidade mãe-bebê, a posição esquizoparanoide é uma lógica de instauração de uma nova fase psíquica, em que a modalidade esquizo representa uma primeira cesura instaurada após o nascimento, uma outra relação além da relação embrionária. O que está implicado é a cisão, constituindo uma fase de reconhecimento e discriminação do mundo, formativa e normativa, selecionando fatos mentais para se conjugarem e salvaguardarem o mundo interno da ameaça da desintegração.

Em termos fenomenológicos, a posição é esquizo porque o bebê recorre à cisão do self e do objeto como recurso para organizar as vivências (só o faz em conjunto com a *rêverie* da mãe), e é paranoide por que simultaneamente recorre às preconcepções e à identificação projetiva para enfrentar o temor de aniquilamento. A cisão permite o lactante odiar sem perigo e em segurança.

Lembramos que, na posição esquizoparanoide, o bebê ainda não consegue se ocupar de um lugar em que ele compreende a realidade, não sendo capaz de sozinho realizar o papel de leitor e mediador entre suas próprias percepções, não sabendo discriminar o perigo e qual o efeito de suas respostas, sejam elas específicas ou não. O modo predominante dessa fase é a indistinção entre símbolo e simbolização (vivência da coisa em si). A individualidade é sentida de forma descontínua e fragmentada.

Um psiquismo sem sujeito é o paradoxo da posição esquizoparanoide. . . . Pensamentos e sentimentos não são reações personalizadas, são sucessões que ocorrem. Não são interpretadas como próprias, se relaciona diante delas com um grau muito elevado de automatismo. Nossos símbolos não refletem um substrato de significados pessoais que se pode interpretar e entender, só são representados. Se está no reino das coisas em si. (Ogden, 1986/1989, p. 60)

Aqui, a interrogação de Bion (1962/1991, p. 35) passa a ser: “O que um lactante é capaz de pensar o que é um sentimento?”. Nessa fase o bebê ainda não possui concepções, essas são vividas em simbiose com a mãe e sua cultura, juntamente às pré-concepções inatas, e lançadas pela mente embrionária.

Trago o relato de uma paciente que, em seu puerpério, diz ter começado a sonhar coisas esquisitas:

*“Esta noite eu acordei num salto. Meu sonho não tinha enredo. . . nem pé nem cabeça, era um bombardeio de sensações incompreensíveis o mais perto que eu chego disso é a evocação que experimento quando li, por exemplo, esses livros doidos tipo Finnegans Wake do Joyce, ou a Maça no escuro da Lispector. Sabe, uma sucessão de acontecimentos, sem sentido. Não*

*dá para se deter nos sentidos. . . só vivê-los. No sonho não sabia me reconhecer, não sabia falar, ia existindo, até que uma visão das prateleiras que estão ao lado do berço da minha filha trouxe o reconhecimento de onde eu era, eu habitava o corpo da Sofia, sabia que era ela, mas as palavras não estavam, assim dentro da minha cabeça. Só veio aquela revelação, só uma noção, eu era a Sofia. Foi daí que eu fiquei nesse sentimento por uns segundos e pulei da cama com a certeza de que minha filha me chamava para mamar. É doido isso, mas é um amor infinito, e me trouxe a certeza de que ela estava bem. Acho que sou capaz de cuidar da minha filha apesar do medo também ser infinito. Tenho medo de me encontrar desse jeito, quando estiver com raiva. Parece que eu estou a um palmo da loucura. Mas em fim acho que o que me salva é que eu amo ser mãe e essa experiência de amamentar é o mais próximo do divino que eu posso chegar. Me sinto a deusa da vida, abençoada por simplesmente existir. ”*

Estaria ela usando seus recursos emocionais para intelectualizar o laço com a filha, ou seria o sonho uma captação e uma elaboração de sua *rêverie*, e, agora, no divã, passa a indagar e descrever as sutis percepções do mundo de Sofia, acalantadas e apaziguadas por seu mundo? Estaria vivenciando a sua análise como um processo muito intelectualizado, tão distante do corpo a corpo do puerpério? Pensamos que não. Acreditamos que o sonho forneceu para essa mãe devota o emergir do *eu sou* de sua filha, reconhecendo-se uma mãe já em transformação, acompanhando o sentir da filha com qualidade e o enlace emocional. Só quem recebeu este suceder de experiências de sua própria mãe é capaz de transmitir esse reconhecimento e respeito do lugar da singularidade, tolerando aflições e incertezas, bem como emergindo, assim, um compartilhar de uma sabedoria, o vínculo K.

Por outro lado, Bion também examinou como a mente se consolida, caso ocorra uma intensa falha nessa etapa da vida infantil: o resultado será desastroso para a organização psíquica do bebê. Sua mente desamparada experimentará um contínuo despojamento de conteúdos, e um mútuo mal-entendido entre mãe e bebê emergirá. Ao contrário de uma textura emocional rica em vínculos e uma personalidade preenchida de bons registros, a memória será evacuada para fora, promovendo um vazio de sentido. Ali, onde deveria haver vivências emocionais integradoras dos conteúdos ainda dispersos em função de imaturidade psíquica, só há partículas dispersas. Onde os vínculos emocionais deveriam construir um colchão de amor, guardião de sua sabedoria, que envolve o bebê com confiança e segurança, surgem espaços vazios, cascudos, duros e fantasmagóricos. Em vez do vínculo K, irão emergir ligações cruéis, disruptivas, formando uma matriz que anula novas ligações e estabelece um padrão de organização rígida. Os vínculos, tanto internos quanto externos, assumem, prioritariamente, a

adesividade e a viciosamente com uma inconsistência emocional. Dessa forma, fica obstruído, na mente, todo um processamento mental mais polivalente e maleável que, no futuro, criaria a fluidez da capacidade de antecipação (Bion chama de premonição), ou um bom uso da própria intuição – tudo aquilo que poderia desabrochar na estruturação da posição depressiva. Tais empregos darão lugar a padrões binários: a mente fica restrita, monovalente e as emoções são registradas a partir dos significados superioridade/inferioridade. As emoções básicas de amor, ódio e busca de conhecimento serão experimentadas por meio da avidez, da arrogância e da estupidez respectivamente (Bion, 1962/1991).

Resumindo, a posição esquizoparanoide é um estado primitivo presente em todo indivíduo, um modo de funcionar, no qual as relações entre as partes são vividas de modo cindido, esquizo e, por conta dessas disjunções, os elementos e as qualidades são experimentados na forma oposição binária: amor ou ódio, causa ou efeito, bom ou mau, tudo ou nada; ou seja, não se apresenta a integração necessária, do estado multidimensional da mente. Os padrões, em linhas gerais, são (lembrando que essa descrição na obra de Bion ainda possui uma nomenclatura kleiniana):

- o uso de fantasia onipotente como meio de amar seu objeto, ou partes do objeto;
- cisão patológica, ou explosão do continente, incapacitando a mente de se comunicar com a exterioridade;
- uso da identificação projetiva como alternativa par a seleção e conjunção dos conteúdos;
- risco de se tornar um padrão arraigado, obstaculizando a emergência de outros modos de pôr em movimento a mente, em função do recuo e do enclausuramento na posição esquizoparanoide, não evoluindo para posição depressiva;
- expulsa da personalidade aquilo que captura como relação única com a mãe;
- a alucinação se instaura em vez do pensamento se instaura;
- hiperatividade da expulsão com a megalomania. Ódio à origem e aos pais sexuais, prevalece; então, pedaços do ♀ ou ♂ são expulsos. Os objetos parciais, como o pênis e o seio, são cindidos e evadidos da mente e perdidos. (Bion 1962/1991).

Bion (1967/1994) também descreve a evolução de traços básicos quando a parte psicótica da personalidade adquire uma dominância. Prevalece o modo arraigado de funcionamento esquizoparanoide, no qual o que predomina é o vínculo de não conhecimento:

1. Predominância de impulsos destrutivos, que mesmo o impulso de amar se transforma em sadismo.
2. Ódio à realidade externa e interna, que se estende a tudo que contribua para a percepção dela.
3. Pavor eminente de aniquilação.
4. Formação prematura e precipitada de relações de objetos, cuja tenuidade se constata com a adesividade que o mantém.

É a partir dos achados clínicos mencionados que Bion começa a esboçar sua teoria do pensar. Mais tarde deixará de usar os termos figurados da teoria kleiniana (objetos parciais, pênis, vagina, casal combinado, boca genitalizada, entre outros), pois os considerava imprecisos para expressar a complexidade da mente, assim como da prática psicanalítica. Em seu próximo livro, ele formula:

A vantagem de empregar o símbolo ♀ para designar o rol de fatores em K é que pelo menos indica que a compreensão do leitor de meu significado deveria conter um elemento que permanecerá insatisfeito, até que encontre a realização apropriada, um elemento que pode ser representado pelo símbolo Ψ (ξ), sendo (ξ) para o elemento não saturado. (Bion, 1962/1961, p. 96)

Descreve, então, que as falhas na relação ♀ e ♂ podem ser substituídas pela inveja. Isso quer dizer que o lactante substitui um elemento valioso e bom por um resíduo sem valor, já que o medo de estar morrendo acaba por conter um terror sem nome. Como consequência, o sentimento de si é distorcido pela evitação comprometendo as matrizes emocionais que regulariam a autoestima, ocorrendo uma inibição dessas qualidades responsáveis pela modulação da autoconfiança. Quando as dualidades em relação às expectativas de si entram em conflito com as expectativas do outro não é regulada pela *rêverie* materna, vai haver a organização precipitada e prematura de um superego assassino que passa a regular as experiências emocionais, incapacitando o bebê de desenvolver a função do correlacionar. Ali onde deveria nascer a curiosidade em buscar as relações do viver das emoções e da cognição, estrutura-se uma falha na consciência rudimentar e em vez da sensação de orgulho de si, emerge um automatismo e a arrogância.

Retomamos a concepção de Bion (1967/1994) – quando ainda usava uma nomenclatura híbrida entre as suas compreensões e as da metapsicologia kleiniana – do funcionamento mental, composto de quatro características, que são:

1. Processo do pensar – associado à modificação e à fuga.
2. Identificação projetiva – associada à fuga por meio da evacuação, não devendo ser confundida com a identificação projetiva normal.
3. Onisciência (a base do princípio saber tudo, condenar tudo).
4. Comunicação.

Para que ocorra a constituição desse processo, são necessárias as aquisições de novas funções. Em torno dos quatro aos seis meses de vida irá acontecer a entrada do bebê na posição depressiva.

Tais descrições são teorias levantadas por Bion na clínica com adultos, mas muitos analistas infantis deram segmento para se pensar o atendimento clínico e o desenvolvimento dos bebês e das crianças, como Susan Sutherland Isaacs, Betty Joseph, Edna O'Shaughnessy, Frances Tustin, entre outras.

Bruna, aos cinco anos, durante os primeiros quatro meses de tratamento, vivenciava as sessões de forma aflita e intensa. Mantinha um certo desprezo pelo contato comigo, tratando-me como se eu fosse sua serviçal, demonstrando raiva da mãe, por deixá-la “naquele lugar horrórico”. Estabelecia essa mesma relação com sua babá, que, apesar do clima tenso, falava com calma e tinha uma relação afetuosa e tolerante. Em algum momento de cada sessão, quando abandonava o papel de menina má, queria levar, para sua casa, algum material de escritório que correspondia ao uso no meu trabalho. Não manifestava desejo de levar os brinquedos. Travava uma conversa truculenta e, quando entendia que não conseguiria levar o objeto, invariavelmente terminava: “vou mandar minha mãe te demitir”.

Diante da iminência de uma aproximação afetiva, Bruna usa a raiva e a desqualificação do outro para evitar a frustração emocional. Sua raiva operava contra qualquer avanço do tratamento. O desprezo experimentado impede que possa reconhecer os bons sentimentos e que eles possam ser vividos na sessão, pois não consegue confiar, reconhecê-los e aproveitar a constância da relação comigo. Todo seu autoritarismo esconde uma menina que não sabe o que é o vivenciar o amor. Sua avidez por se apropriar por coisas que acabava nomeando por “troço” ou “isso” pertencentes à analista permitia reconhecer algum valor a minha pessoa, mas tomar o se apropriar tem o intuito de despojar esse valor. Quando, depois desses meses iniciais, conseguimos partilhar e conversar sobre sua frustração por vivências de abandono, ela pode tolerar pode se entristecer. Ao não se sentir mais ameaçada por experiências de abandono,

passou a reconhecer que podia experienciar sua vida a partir de outros afetos. Paulatinamente, foi permitindo “me engolir” como parte de sua vida, sem me inferiorizar.

Em situações clínicas nas quais há um predomínio de um funcionamento mental na posição esquizoparanoide, é importante observar que tipo de desdobramento a interação analista e analisando irá ocorrer. Caso o passar do tempo das sessões, permita diminuir os afetos hostis, indicará que a criança poderá recorrer à função  $\alpha$ , conseguindo, então, explorar, por meio do sonhar e do brincar, novos recursos no seu sentir. Bruna, ao tolerar que sentir não é causa de sua crença de abandono, voltou a fornecer para si mesma a possibilidade de aguentar o vivenciar outras experiências, permitindo que sua personalidade cresça. Passando a lidar com sua dependência e seu medo de solidão, sem precisar ser cruel e autoritária, percebeu novos contextos. O “fazer as pazes com seu abandono” a fez tomar contato com suas capacidades.

#### **4.2.3 Posição depressiva**

A partir do predomínio de boas vivências o antigo modo impessoal e automático vai permitindo a instauração de novos elementos na mente. Segundo postulou Melanie Klein (1933/1970, 1991), os fenômenos da posição depressiva se iniciam, incipientes e imaturos, em torno dos três a seis meses de idade e, progressivamente, continuam em direção à integração psíquica. O bebê que já percebia passou a discriminar e vai construindo uma rede de circuitos mentais responsáveis pelas funções de contrastar, reconhecer, aprofundar, lembrar, localizar, verbalizar e experimentar. Os objetos parciais são reconhecidos como partes de um objeto único, inteiro. Ogden (1986/1989) descreve que na medida em que a constância e a confiança vão se consolidando no mundo interno do bebê, abre-se um espaço que permite o surgimento de um salto quântico que dá lugar a um outro padrão de funcionamento mental, a vivência psíquica da posição depressiva, que mantém uma relação dialética com a posição esquizoparanoide.

Essa transformação qualitativa se dá no aprender com as vivências de satisfação do bebê. A realização incrementa a diminuição dos sentimentos persecutórios, e há um amadurecimento adquirido com o crescer, ocorrendo um armazenamento dessas experiências em boas lembranças, permitindo a sensação de continuidade do self. Salta, no bebê, concepções de si mesmo como um sujeito, bem como dos cuidadores como sendo objetos externos distintos. Há, também, o desenvolvimento da capacidade para a formação de símbolos, o aumento da modulação de tolerar os diferentes afetos e a noção de prova de realidade.

Todas essas modificações exigem uma organização psíquica gradual e cada vez mais complexa, principalmente no que diz respeito à espacialidade/temporalidade. Começa a haver a extensão das vivências, o que promove novas percepções de si como um ser separado de sua mãe. O pensamento coisificado, concreto e imediato da posição esquizoparanoide ganha outras tonalidades e extensões: o símbolo passa a ser distinto do simbolizado e o bebê passa a ser intérprete de sua própria mente, mediando sobre o que está percebendo e o que está pensando, começando a ser capaz de modular sua vivência emocional, ainda que tudo isso seja ainda extremamente incipiente no início. O bebê se percebe como um sujeito, na medida em que é capaz de tomar suas vivências como se fossem sua criação.

Ao renunciar o estado mental onipotente, o bebê começa a estabelecer relações entre as circunstâncias do ambiente e instaura uma nova fonte de satisfação sobre o aprender o conhecer, o reconhecer e o criar, começando a haver uma construção de uma realidade histórica. Ele também é capaz de perceber que as outras pessoas também têm sentimentos e reações acerca do entorno e dele próprio. A partir disso, pode se preocupar com o outro, nascendo, assim, o sentimento de culpa e o desejo de reparação, além de ser capaz de perceber se feriu outra pessoa emocionalmente.

Na posição esquizoparanoide, a vivência dos impulsos de ódio e destrutividade por meio da onipotência é realizada de forma mágica, a construção e reconstrução de conteúdos psíquicos operam pela alucinação. Já na posição depressiva vai existir o surgimento de um estado designado como preocupação, visto que existe o temor de perder, danificar, ou até mesmo matar o objeto. A concepção de perda é instalada, e o luto e a elaboração da ansiedade depressiva se dão por meio da reparação.

Bion postula que o funcionamento das posições PS e D retrata a complexidade do crescimento psíquico até o primeiro ano de vida no desenvolvimento de um bebê. Em termos das funções psíquicas, muitas coisas podem dar errado nesse período, uma vez que o grupo social pode não garantir as condições mínimas necessárias para esse processo. O tempo todo, o senso comum da cultura de um grupo coloca, em um plano secundário, as demandas individuais do bebê e seus pais, as polaridades social-ista e narcisista da personalidade, o que tende a frustrar os impulsos psíquicos. É o paradoxo do existir humano. Para não sucumbir esse paradoxo, a mente recorre a um aspecto intrínseco de sintetizar, e tornar viável o interjogo das posições esquizoparanoide e depressiva. As lembranças são revisitadas e harmonizadas pela seleção de um fato unificador, visto como a “causa” do ponto de vista espaço-temporal: a relação entre os elementos é estabelecida e o lugar de cada elemento é visto na relação com o todo. Aqui, surge a operação psíquica capaz de trabalhar em prol de si mesma: o sonho. O

sonhar garantido pela posição depressiva alavanca a mente humana para a elaboração do trabalho onírico.

Para Bion, a personalidade oscila entre os dois funcionamentos mentais referidos e, para sair da vivência persecutória da dependência e da solidão, ela necessita abstrair da experiência emocional os elementos esperados e repetidos, a fim de formar uma base desses elementos, um modelo que preservará algo da experiência original. Todavia, tal modelo precisa preservar uma flexibilidade suficientemente tolerante que permita a adaptação a experiências novas, porém que a personalidade suponha similar (crença que vai dar certo). A personalidade abstrai elementos para construir um modelo, uma abstração ou ambos, também conhecido como trabalho onírico. Ao longo de sua vida, um indivíduo poderá usar esse processo como um recurso mental, transformar elementos sensoriais em elementos  $\alpha$  e, assim, promover um modelo de experiência, que tem potencial de expansão e desenvolvimento. O modelo é uma aproximação daqueles acontecimentos que se quer elucidar, um trabalho que não se esgota e, se usado recursos psíquicos cada vez mais lógicos e sistematizados, chega-se ao um sistema dedutivo científico. Lembremos que para Bion a psicanálise não chega a ser um sistema dedutivo científico.

Eu usarei o termo modelo onde a construção é forjada para atender uma “necessidade urgente” da concretude (materialidade). (Construção, forjar e concretude. Todas as três palavras carregam implicações dos modelos dos quais as palavras foram abstraídas. Deixei a passagem como um exemplo da influência latente, embora neste caso perceptível, do modelo). Se a necessidade é de um modelo, esses elementos serão abstraídos do estoque de elementos alfa que têm, como imagens visuais, uma reminiscência da experiência emotiva durante a qual o elemento alfa foi formado. Quanto mais elementos forem empregados, mais rígido se tornará o modelo e mais restrita será sua aplicação; a restrição é modificada se o modelo formado a partir de uma combinação desses elementos for então submetido de acordo com as regras da lógica. Esse sistema de abstrações é o sistema científico dedutivo. (Bion, 1962/1991, p. 75)

É tênue o limiar no qual a concretude representa uma possibilidade de comunicação e representação da realidade; portanto, há um predomínio dos impulsos de vida. Voltando a elucidar o modo de pensar de uma criança na primeira infância, esse processo de criar símbolos e um pensar onírico favorece o incremento de uma autoestima, da organização de uma personalidade com o aprender a tolerar frustração. Por outro lado, se ocorreu um importante predomínio dos impulsos destrutivos na personalidade, essa concretude se converterá em rigidez, pois “o modelo” não será uma representação simbólica, mas, sim, uma aglomeração de funções psíquicas deterioradas ou inativas, que desencadeiam uma perda nas percepções

internas de adequação, legitimidade e humildade. Dessa forma, a culpa e a busca de reparação do ódio destrutivo em relação aos objetos internos e externos serão mitigadas ou desaparecerão.

Para expressar o funcionamento dessas duas posições mencionadas, podemos tomar o conto de Clarice Lispector (1971/1998), chamado “Felicidade clandestina”, no qual uma garota, aparentemente antes de atingir a puberdade vai à casa de uma colega, cujo o pai é dono de uma livraria, pedir emprestado um livro. A narrativa do conto possui muitas nuances, como a tensão entre a busca por viver uma experiência criativa por meio da leitura de um livro muito desejado pela menina e a relação cruel que a dona do livro passa a protagonizar, e com de uma desculpa qualquer acaba por não o emprestar. A tensão gradativamente vai aumentando, na medida em que a polarização entre as meninas cria um padrão, a cruel e a inocente e bem-intencionada vítima.

Podemos pensar o conto como um modelo que demonstra a oscilação PS – D de modo de funcionamento da personagem principal, uma menina que está tomando contato com suas emoções, suas frustrações, suas invejas, sua sensualidade, seus sonhos e suas fantasias. Seu rico mundo interior promove ansiedades depressiva e persecutória, recorrendo a identificação projetiva para colocar na colega tudo que reconhece como mau: a colega é diferente, gorda, baixa, ruiva, busto enorme, cabelos excessivamente crespos, cruel, toda trabalhada na vingança, mas possui um pai provedor de objetos bons, dono de uma livraria. A menina loira, bonitinha, esguia, alta e cabelos livres faz um uso dessa polarização para reconhecer seus objetos internos por meio de concepções falsas. Está aprendendo a experimentar prazer, os livros estão fora de seu alcance e os aprecia; já a colega possui os livros e não se interessa por eles.

Anulando a identidade da colega, não a reconhece como uma pessoa que possui anseios, que, talvez esteja precisando ser olhada, respeitada e que animosidade entre ambas deflagra uma disputa pelo poder, impedindo a realização de outras destinações que não a polarização invejosa entre elas. Perdidas na incapacidade de lidar com rivalidades, aproximações e agressividade ambas não conseguem legitimar no espaço relacional, público, suas personalidades. Não há troca de conteúdos amorosos, mas posse de intolerâncias clandestinas. O livro é tomado como um objeto onipotente, no lugar do amante, ela deixa de aprender na experiência do feminino no campo do real, ao lado de outra mulher, sua colega. Ambas seguem no plano da idealização do amor.

## 5 OBSERVANDO A INFÂNCIA

Por meio da psicanálise, Freud (1917/2014) nos deu como legado, a construção de um conhecimento a respeito das predisposições psicosexuais das crianças. A partir dos pontos de vista topológico, econômico e dinâmico, compreendeu as formações inconscientes juntamente com o desenvolvimento da libido como os fatores que fornecem as características para as sucessivas produções psíquicas, revelando a importância das fantasias na vida mental. Ao tentar compreender o patrimônio filogenético no crescimento do psíquico, nominou e destacou a influência das fantasias originárias, tão invisivelmente presentes nas vivências humanas, que são: regressão ao ventre materno, sedução por um adulto, ameaça de castração e cena primária. Essa transmissão não é da ordem biológica, constituiu outro campo para difusão, a linguagem. Todas as crianças de uma cultura recebem essas transmissões culturais de seus grupos. Daí, a importância da obra de Bion, pois ele acaba explorando esse universo das relações e da comunicação humana. Compreender a mente de uma criança é traçar as relações nas quais ela está implicada, entre sua singularidade e a pluralidade de línguas que seu entorno se constitui.

É por meio da capacidade de comunicação que se transfere a herança cultural-grupal-individual em um fluxo discursivo, abarcada pela hiperestrutura da linguagem humana realizando os fluxos de transformações dos operadores simbólicos. É nesse ponto que Bion (1992/2000) se ancora para suas pesquisas. A partir dessa premissa, formula, no universo da linguagem, o termo noosfera – conceito de Teilhard Chardin que indica a “camada pensante”, o universo da linguagem, para além da biosfera da natureza – para designar o domínio de constelações  $\alpha$ . Essas constelações possuem espaços multidimensionais de extensão e forma, assim como têm características impensadas e impensáveis; contêm e são contidas por noções como “vazio”, “infinito e sem forma”, “deus”, “inconsciente”. Aqui, Bion procurou descartar a precisão imprecisa dos conceitos psicanalíticos – sem negligenciar os conceitos – que estavam associados ao corpo biológico, bem como o determinismo explicativo embutido nos conceitos de consciente e inconsciente, das fases de desenvolvimento da libido, entre outros. Sua tentativa foi evitar a penumbra de associações que os termos da psicanálise clássica provocavam, pelo fato deles terem uma confusão em termos da biologia. A palavra sexualidade, por exemplo, possui essa perspectiva; neste sentido, é pouco utilizada por Bion para descrever o que se passa com um paciente. A mesma opacidade encontraremos nos termos masculino, feminino, heterossexual, homossexual que foram empregadas pela psicanálise como conceitos relacionados à disciplina da biologia e aos enunciados a partir dessa indistinção.

Bion (1992/2000) recorre ao sinal  $\Sigma$  (sigma), para abarcar o espectro da noosfera<sup>9</sup>, pois pretende mantê-lo destituído de significado tanto quanto possível – como um indicativo de uso na comunicação que conserva o lugar da incógnita – a fim de preservar, discriminar e expandir certos aspectos da lógica inconsciente, que se estruturam a partir de uma trama infinita e inacessível, resguardando suas características essenciais: jamais o conheceremos integralmente.

A visão psicanalítica clássica supunha que a mente ou a personalidade fossem idênticas à identidade física de uma pessoa. O objetivo de minha proposta é dispensar tal limitação e considerar a relação entre corpo e mente (ou personalidade ou psique) como aquilo que é sujeito à investigação. (Bion, 1992/2000, p. 322)

Portanto, a imprecisa identidade física/psíquica pode ser tomada como um artifício impreciso para comunicação, pois ao se dialogar sobre certas experiências emocionais, os recursos empregados – pictogramas, escrituras, narrativas, representações visuais e/ou quaisquer artifícios que modelam memória, desejo e entendimento – de algum modo, são precários, na medida em que não dão conta de descrever a experiência. Podemos só aludir a realidade humana por meio de diferentes padrões de abstração. Bion (1992/2000) recorre como modelo as linhas de Fraunhofer para formular que o espectro de  $\Sigma$  possa ser intuído (ainda que na forma precária, pois o modelo visual é só um dos recursos para “demonstrar”, pode-se, por exemplo, recorrer ao modelo auditivo ou táctil). Conjectura que as condições nas quais operam a intuição se apresentam como transparentes ou opacas. Podemos denominar essas opacidades de forma rudimentar e nomeá-las como memória, desejo e entendimento. Tais condições turvam a possibilidade de a intuição surgir, uma vez que se apresentam a partir de inscrições já estabelecidas.

Lembremos que, para Bion, a intuição é um elemento da mente capaz de captar conhecimento em relação a O, a verdade inacessível. Portanto, reitera que alguns aspectos de  $\Sigma$  não são possíveis de ser formulados empiricamente pela escrita, ou comunicação verbal e/ou escrita. Bion ressalva que o que se pode empregar são formulações transformadas em ideias, pensamentos oníricos e mitos, mas ainda assim são inacabadas e precárias. Sugere que essa capacidade da mente humana de captar o visível e o invisível por meio da intuição deva ser

---

<sup>9</sup> Chardin (1970), quando cria o conceito de noosfera, quis explorar as modificações humanas provocadas na biosfera. Graças ao recurso do pensar e criar linguagem, a humanidade inventou uma nova “crosta planetária” a partir do próprio processo de hominização da espécie fruto de milhões de anos: “É verdadeiramente uma camada nova, a “camada pensante”, exatamente tão extensiva, mas muito mais coerente ainda, como veremos, do que todas as camadas precedentes, que, após ter germinado no Terciário declinante (500 milhões de anos), expande-se desde então por cima do mundo das Plantas e dos Animais : fora e acima da Biosfera, uma Noosfera.” (p.191)

Esta camada “coerente” segue as lógicas do pensar, que não é só cognitivo a ação, mas inclui as forças conscientes, inconscientes, as emoções e as senso percepções.

treinada e posta em funcionamento. O treinamento é a experiência da psicanálise. Desse modo, refere que a psicanálise foi um dos constructos humanos que possibilita esse exercício, podendo vir a ser jogado a partir de condições mínimas com prudência e tolerância. Ressalva que o entendimento, em certas condições, tem um efeito danoso para a intuição, por isso é necessário um constante trabalho psicanalítico sobre o pensar, assim como trabalhar no tecer formulações e reformulações.

Essas áreas de turbulência indicam uma constelação que pode ser efêmera, ou pode demonstrar certa durabilidade. A durabilidade é significativa e precisa ser avaliada em seu domínio: pode ser significativa de  $\Sigma$ , ou de  $\Sigma$  (nação: Ruritânia), ou  $\Sigma$  (era: cristã), ou de  $\Sigma$  (indivíduo John Smith). Existem certas áreas de  $\Sigma$  que ficam relativamente estáveis a tal ponto que o fato de se estar em contato com um indivíduo (sensível e, portanto, denotado por mim como  $\Theta$ , indicando somático) torna-se peculiarmente sedutor levando, portanto, à conclusão enganosa de que  $\Sigma$  (indivíduo: John Smith) é idêntico à  $\Theta$  (John Smith). Mas o exame psicanalítico cuidadoso convence a pessoa de que  $\Sigma$  é o fato significativo e de que  $\Theta$  só é importante como receptor ou emissor de  $\Sigma$ . Colocando de outro modo:  $\Sigma$  está abrangendo um espectro de “comprimento de onda” pertencentes ao aspecto psicótico. Essa área é caracterizada por “ondas extremamente curtas”, falta de espectro e, portanto, falta de discriminação – aquilo que um músico descreveria como uma incapacidade de “ouvir”, ou de ajustar-se àquilo que é dito, de tal modo que a afirmação que foi feita não possa ser “ouvida”, a menos que esteja exata e precisamente afinada com o receptor. Pode-se dizer o mesmo sobre aquilo que se vê: existe algo no espectro de percepção da cor que é análogo ao tom perfeito da música. Não há resposta a uma afirmação a menos que ela seja exata e precisamente endereçada ao receptor; parece não haver modo de ajustar o emissor e o receptor entre si, caso se precise corrigir algo – uma falha é absoluta, “ou tudo ou nada”. (Bion, 1992/2000, p. 325)

Por meio da constelação sigma  $\Sigma$  passamos, então, a explorar a abrangência e diferenciação dos processos do pensar, que vão desde aquilo que não se pode representar (infra-perceptível), como os elementos  $\beta$ , por exemplo, até mais sofisticada capacidade de abstração sem objeto relacionado, como a formulação do cálculo algébrico (supraperceptível). Nesse sentido, o que era nominado como fantasias originárias perdeu a roupagem, a forma determinista, e recebeu uma ampliação epistemológica para preservar o alcance da concepção freudiana e, ao mesmo tempo, ampliar as dimensões e as formas dos fenômenos observadas na clínica psicanalítica. Para fins didáticos e de rigor precário, esquematizamos as fantasias originárias com as correspondentes transformações espectrais dos supostos básicos de Bion. Se os supostos básicos funcionam como matrizes arcaicas, inconscientes de uma relação, eles podem ser formulados mediante outras derivações, e *a posteriori* ao processo de transformação:

- fantasia de retorno ao ventre materno: suposto básico espectral da dependência;
- fantasia de sedução por um adulto: suposto básico espectral de luta e fuga;
- fantasia da cena primária: suposto básico espectral de acasalamento;
- fantasia de ameaça de castração: exigência da formação de grupo de trabalho.

Podemos pensar que aquilo que Freud (1905/2016) intui e formulou como fantasias primárias, herdadas filogeneticamente, presentes em um indivíduo, são tentativas de abstrair esse espectro multidimensional, a constelação  $\Sigma$  e necessitam ser relacionadas a outras categorias lógicas. Evidentemente, as fantasias não seguem essa progressão pura, pois, na realidade, as pré-concepções coexistem no entrelaçamento dos derivados. O espectro favorece a captura de aspectos que a necessidade de modelagem e formatação da comunicação ofuscam. Compreender como os sistemas de comunicação se desenvolvem, em termos de modelos e formas no processo do pensar, permite não saturar de preconceitos e prejuízos o campo que se quer intervir. Tais aspectos foram sistematizados no eixo vertical paradigmático da Grade, que se articulam com o eixo horizontal sintagmático (ver Anexo B) correspondente aos diferentes usos dessas distintas construções de linguagem categorizadas nesse dispositivo clínico, formulado para o treinamento da intuição do analista. Acreditamos que esse exercício de investigação enriquece o olhar e a intervenção no campo da psicanálise da infância.

O trabalho clínico com crianças exige simultaneamente lidar com o inacabamento e com a busca do cuidado diante do crescimento psíquico. O infinito, a restrição, as lógicas progressivas do pensar e o acaso instaurados na relação cotidiana da criança com seu mundo produzem uma reivindicação do pensar. Criança e cuidadores se defrontam com inúmeros contextos, como, amamentação, alimentação, desfralde, fala, alfabetização, socialização que necessitam de reflexão. Todo esse crescimento requer tempo, tolerâncias e transformações em todos os atores, incluindo a noosfera ( $\Sigma$ ).

Maturana e Verden-Zoller (1993/2010), são cientistas que aproximaram os estudos da antropologia e da biologia de forma complexa, destacando em suas pesquisas, que as crianças são as portadoras da transmissão da cultura nos grupos sociais, mas, além disso, “bagunçam” e rearranjam os padrões de inteligibilidade, de comunicação e de conduta, fornecendo novas formas de se emocionar, de amar e de viver. Independentemente da vigília e da tutela dos adultos, cada nova geração carrega essa permeabilidade e influência que o “ambiente pensante” fornece. Algumas dessas crianças terão condições de praticar suas novas concepções diante do mundo que as cerca. Transmitir implica arranjo multidimensional de tempo e espaço, sendo

uma missão humana que precisa ser incentivada, respeitada e negociada nos múltiplos campos do viver humano.

Ao longo de sua obra, Bion faz inúmeras referências ao modo de ser das crianças (Bion, 1967/1994; 1962/1991; 1970/2007; 1975/1981a; 1963/2004a; 1997/2015). Em um de seus últimos textos, parte de uma citação de Freud e apresenta sua contribuição em relação aos modos de observação não verbais, que são importantes tanto no treinamento da intuição quanto na compreensão da experiência. A citação de Freud em *Inibição, sintomas e angústia* é a seguinte: “Há uma continuidade muito maior entre a vida intrauterina e a primeira infância do que a impressionante cesura do ato de nascimento permitir-nos-ia acreditar” (Freud, 1926/1992a, p. 131). Bion (1969/2007, p. 91) reitera: “Com certeza a observação psicanalítica não pode se permitir a ficar confinada àquilo que é apenas verbalizado: que tal usos mais primitivos da linguagem?”.

Ao investigar aquelas comunicações além das palavras, Bion criou modelos mais flexíveis que podem investigar aquilo que os psicanalistas chamam de “sexualidade infantil”, de forma a considerar maior número de fatores, para não reduzir a modelos que mais destacam uma simplificação moral de vinculação e categorização (certo e errado; superior e inferior; verdadeiro e falso; masculino e feminino, sadismo masoquismo; passivo agressivo), propondo aproximações mais possíveis no sentido de respeitar a complexidade das singularidades das transformações nas personalidades das crianças.

Conforme já discorremos, Bion, em suas hipóteses teóricas, conjectura que cada bebê recém-nascido possui uma capacidade de abstração que vai ser colocada à prova a partir das contingências de sua vida, de seu grupo social e de seus pais. Discorre que certos bebês podem ser capazes de tolerar mães com poucas condições de *rêverie*, enquanto que, para outros, isso vai representar um desastre psíquico.

Bion (1962/1991) usou o sistema de alimentação como um modelo para demonstrar os processos de pensamento, compreendendo as funções da relação mãe e bebê para descrever como ocorre a construção do sistema dedutivo abstrato a partir das combinações das representações, formadas por diversos fatores da função  $\alpha$ . Além disso, tomou outros modelos do desenvolvimento das crianças para conjecturar a respeito do crescimento mental, como, por exemplo, a função da comunicação e o modelo do bebê aprendendo a falar “pa-pai”. A constância da vivência emocional, e a sensação de que o bebê é amado por um homem, de que necessita dessa pessoa para sua sobrevivência, e de que sua mãe lhe comunica que esse é seu pai promovem que o bebê abstraia uma complexa combinação de experiências e aprenda a falar “papa”. Toda a inter-relação dos elementos constantes desse acontecer permite que esse

enunciado seja emitido em forma de vocábulo, promovendo uma realização correspondente à representação abstrata da experiência emocional do bebê com seu pai, na qual certos elementos estão constantemente reunidos. De tal modo, o bebê pode lançar sua hipótese “papai” para outros indivíduos em que ele vivencie “realizações” similares. Uma onda de abstrações será revisada, abandonada e consolidada como um sistema dedutivo. Outros vocábulos podem ganhar esse significado. Por exemplo, a palavra “cadeira” ou a palavra “azul” podem corresponder a modelos de teorias progressivamente mais complexas, que representam além de sua hipótese ou seu sistema dedutivo abstrato, assim como também é o nome da realização que acredita estar próxima de sua teoria. A coerência é dada pelo ato da nomeação, e não pela palavra em si.

Observar as montagens das teorias dos bebês é útil para compreensão de suas personalidades. Mergulhado na vastidão do mundo do conhecimento cada bebê terá que tolerar sofrer a dor do desamparo por múltiplas circunstâncias, aprender a incerteza da temporalidade, aprender conviver consigo mesmo combinado com intensidades emocionais de certos sentimentos com os quais a sua precária mente sofre a pressão de se relacionar. O tempo todo a criança é convocada a pensar, a tomar decisões e essas contingências provocam um sofrer. Esses processos são determinantes no modo como essa personalidade produzirá abstrações.

Stitzman (2011, p. 131) faz uma interessante contribuição para compreensão do pensar da criança, ao formular uma revisão de algumas abstrações da teoria freudiana clássica. Tomando a Teorias Sexuais Infantis e a fantasia da cena primária de Freud como categorizações C da Grade, enuncia as abstrações delas na categoria F, G e H: um modelo que exprima experiências emocionais combinadas, pode ser enunciado por meio de teorias que compõem os objetos relacionados entre si; por sua vez, essas teorias vão compor um sistema dedutivo científico. Por último, a abstração algébrica permite estabelecer as relações sem os objetos relacionados. O objetivo desse exercício de ampliação é favorecer os progressivos processos de abstração e outras realizações de experiências emocionais distintas do psicanalista.

A intenção de Stitzman é demonstrar os distintos níveis de formulações dos enunciados de uma comunicação entre um paciente e um psicanalista. A comunicação humana revela diferentes operadores mentais; discriminá-los é função do psicanalista. Isso permite observar o que se passa na sessão com maior amplitude, não reduzindo um modelo (por exemplo, o fálico, ou da sexualidade) a generalizações que obstruem a análise das relações implicadas.

*Quadro 1*

Sistema de notação e formalização da experiência emocional em transformação

<b>Categoria</b>	<b>Premissa fálica universal</b>	<b>Concepção sadomasoquista do comércio sexual entre os pais</b>	<b>Concepção pela cloaca</b>	<b>Cena primária</b>
C Modelos	Todas as coisas têm pênis.	Papai machuca a mamãe com seu pênis.	Os filhos são concebidos pelo ânus.	Mamãe e papai não me pedem permissão para ter relações sexuais nem para me ter concebido.
F Conceitos	Princípio de homogeneidade: todas as coisas são iguais.	Princípio de heterogeneidade: tudo o que é distinto atenta contra o que é igual.	Princípio de equivalência: Tudo o que é distinto é igual.	Princípio de existência: o fato de existir implica tolerar a exclusão da não-existência.
G Sistemas dedutivos científicos	Se existe um elemento qualquer, então todo outro elemento que existe vai ser igual a esse.	Para todo o elemento particular existe outro elemento distinto a si e igual ao equivalente negativo desse.	Dado um elemento qualquer existe outro elemento qualquer distinto e equivalente a esse.	Para todo elemento existe outro elemento distinto a si tal que conjugados dão origem a um terceiro distinto a ambos e não pertencentes ao conjunto destes.
H Cálculo algébrico	$\forall a \exists \sim a/a = a \wedge \sim a = \sim a \wedge a = \sim a$	$\forall a \exists b/a = a \wedge a \neq b \wedge b = -a$	$\forall a \exists b/a = a \wedge a \neq b \wedge a \equiv b$	$\exists a/\forall a \exists b \neq a \wedge \neq b \rightarrow a + b = c \leftrightarrow c \neq a \wedge c \neq b \wedge c \in \{a; b\}$

Fonte: Stitzman (2011, p. 139).

Por outro lado, também temos a contribuição de Anne Alvarez (2015) em seus estudos com crianças autistas, nos quais apontou para uma manifestação clínica de determinadas crianças pequenas que não conseguem, mediante à conjunção de experiências emocionais, sair da disjunção psíquica e criar um continente necessário para integrar e selecionar os elementos indispensáveis para abstrair e realizar uma vivência comum em uma experiência emocional, ou uma vivência para uma vivência restauradora. Sugere que existe uma falha na mente em transformar uma pré-concepção em uma realização antes que uma concepção possa ser

formulada. Trabalhar nesse nível de funcionamento exige sustentar uma continência ativa, e vívida no aqui e no agora da sessão. Ela desenvolveu o conceito chamado de convocação, no sentido de pôr a mente do paciente a “trabalhar” em favor instauração de uma forma para se ocupar diante dessa falha. Destaca que essa atitude clínica é necessária para crianças com disfunções graves, mas se interroga, se em determinados momentos nos quais a falha aparece de maneira mais branda, não se deva realizar uma espécie de “microconvocação”, de uma intensidade mais suave. “Em muito de nossos pacientes, que sofreram abusos e privações, o aspecto positivo é muito subdesenvolvido, e quando começa a se desenvolver, não deveria ser tratado como uma defesa contra o aspecto negativo, mas como um desenvolvimento em si.” (Alvarez, 2015, p. 77).

Nesse sentido, interrogamo-nos a respeito da relação continente-conteúdo na constituição das relações de objetos a partir do vivenciar os vínculos L (amor), H (ódio) e K. Quais as condições de possibilidade de mudança psíquica relacionada com a constância objetal nessas crianças? Como se inscreve no psíquico uma nova experiência emocional e qual o papel do prazer, da vivência corporal? São aspectos importantes para se compreender o funcionamento mental de cada criança. Em seus estudos com crianças autistas. Anne Alvarez apontou para uma situação clínica, em que as crianças pequenas permanecem em um funcionamento mental anterior à posição depressiva.

Trago dois momentos de um trabalho psicanalítico realizado numa Escola Infantil, na qual atuava como psicóloga, para construir um debate teórico.

### ***Cena 1***

*Semanalmente, pela manhã, tinha como hábito iniciar meu trabalho como psicóloga nesta escola de educação infantil, participando alguns minutos do momento da chegada das crianças nessa escola. Vivenciar essa passagem, era a oportunidade de tomar contato com os pais, avós ou cuidadores, e deles me conhecerem, num ambiente de rotina. Ao mesmo tempo, eu experimentava e acolhia os gestos, as falas, as atucanações, as manhas, as ambivalências da separação, as diferentes situações deste cerimonial e informal cotidiano. Naquele dia estava aguardando a chegada de uma aluna especial, cega, 4 anos, que há pouco começou a frequentar a escola. Muito chorosa na adaptação, parecia perdida.*

*Tanto a mãe quanto a professora, relataram que a menina tinha episódios de “ausência”, nos quais não escutava ninguém, e se “masturbava”, “roçando” num vai-e-vem*

*e segurando com a mão a região de seu órgão genital, tanto na sala, ou no chão de seu quarto em casa.*

*Naquele dia, pego Maria no colo com delicadeza, apresento-me, e sugiro que ela toque meu rosto para me conhecer. Dá uma risada quando toca em meus olhos, mapeia com suas pequenas mãos cada pedaço da minha cabeça. Vou conversando, e nominando o que vivíamos naquele instante. Pergunto se já tinha feito esse reconhecimento com sua professora, e ela disse que não. Ao reconhecer o rosto dela, pela primeira vez, Maria nomeia sua professora. Em seguida, convido duas coleguinhas a se apresentarem assim. Depois, junto às meninas, começamos a reconhecer e a mostrar partes do colégio, como a porta de entrada, o pátio, uma pequena escada de três degraus que dá acesso ao prédio.*

*Maria foi se sentindo, aos poucos, mais confiante na escola. Conversando com a mãe, tentei descrever o que imaginava que poderia estar se passando nas emoções de sua filha. Disse que se sentir por meio da “cosquinha na pepeca” era uma forma dela se sentir mais segura, com sensações prazerosas. Aos poucos, a mãe foi se dando conta o quanto não enxergava a angústia da filha e tinha dificuldade de ajudá-la a arranjar soluções que a fizesse interagir nos ambientes de forma mais confiante. Buscou análise para si e seu vínculo com a filha se tornou mais carinhoso e firme. Maria, por sua vez, abandonou o ferrolho da cosquinha e permitir-se explorar mais sua curiosidade.*

Bion propõe a existência de mudanças catastróficas como desencadeantes de processos transformacionais da personalidade. Destaca a importância da continência, na “alfabetização” – transformar impressões sensoriais em capacidade de pensar. A personalidade irá encontrar uma forma para lidar com as exigências de mudança. Maria não possui o recurso visual para integrar sua experiência. Sua mente teve que recorrer a suas outras maneiras de perceber, para se relacionar com o que se passa em sua vida. O sentir, escutar e o tatear, passam a ser os recursos formadores de vínculos com a realidade para que ela possa instrumentalizar seu viver. Seu problema é construir uma relação de proximidade, já que as pessoas ao seu redor ordenaram seu viver contando com a visão e não enxergam seu modo de captar seu mundo. No seu “pepequear”, ela expressa aspectos de sua personalidade que não compreendemos. O que salta aos olhos é o incômodo da memória e do desejo. Se conseguirmos construir uma ponte para outras dimensões do observar, perceberemos que a ação dela não se restringe a um autoerotismo, ou uma tentativa de chamar a atenção; no entanto, revelava um caminho que oscila entre um reassegurar seu continuar sendo e, ainda, uma expectativa de um dar-se conta de que algo possa oferecer uma ancoragem, e a convoque para a internalização de uma nova

conexão de sentido e emoções. Um modelo de cuidado para ajudá-la a conceber sua mente a realizar o percurso de um pensar ainda inédito. Um modelo cujas evidências sensoriais partam de sons, cheiros e cinestésias. Abstrair e dar continência a tais modelos faz parte do papel do psicanalista que trabalha com uma instituição e com a inclusão de crianças especiais.

Entendemos que Maria tinha, em sua mente, uma capacidade de se perceber, mas seu campo de observação encontrava-se saturado à espera de um continente que pudesse acolher para ajudá-la, a fim que ela pudesse ordenar laços emocionais para suas vivências. Por outro lado, como cuidadores, não estávamos conseguindo nos comunicarmos com seus conteúdos internos, acarretando, também, uma falha na sua operação da função  $\alpha$ , além de indicar que a noosfera, a camada pensante, pouco pensa empaticamente nas condições de crianças especiais. Aprender junto, estabelecer confiança e constância para ela, em um ambiente que não vê Maria, exige um trabalho onírico diferente, diverso, desconhecido e aflitivo. Intervir e participar como psicanalista, nessa etapa do desenvolvimento de Maria, restitui suas chances de ter um crescimento psíquico mais integrado e rico, assim como oportunizar para o psicanalista um aprender com a experiência.

Clinicamente, podemos pensar a respeito das frustrações e das falhas na elaboração das contingências de seu crescimento, que aponta para seu modo de pensar, assim como perceber o mundo e a constituição das relações de objetos. Outro aspecto é a deficiência física e os efeitos específicos que isso impacta na mente. Maria quase se prostra diante da frustração, a masturbação é um baluarte para não sucumbir mentalmente a dispersão. Maria não sabia o que fazer com a sensação de se entender como diferente e de logo sofrer o desencontro com um mundo não ordenado, levando em conta sua existência; além disso ela não possuía, ainda, um aparato psíquico que pudesse ler essas aflições, mas elas já se apresentavam. A modificação que conseguia realizar era projetar no corpo a necessidade de ação. Ao mesmo tempo, experimentar a excitação promovia um movimento resistencial perante o não saber sentir de outra forma. Preparar-se para enfrentar tais realidades, exigiu paciência e tempo.

Lembremos que Bion considera que existem dois caminhos a serem percorridos diante da frustração: modificar a realidade ou evitar a frustração. “O vínculo entre a intolerância à frustração e o desenvolvimento do pensamento é fundamental para a compreensão do pensamento e seus transtornos.” (Bion, 1962/1991, p. 52).

A habilidade de tolerar mudanças e atravessar os momentos que realidade vai impondo, exige um contato com o mental e uma capacidade de suportar as oscilações psíquicas, entre elementos mais desintegrados presente na posição PS e aqueles elementos mais organizados encontrados na posição depressiva. A partir da teoria bioniana, Sor e Senet de Gazzano (1992)

trazem uma contribuição importante ao descrever quatro aspectos da tolerância, necessários para se enfrentar um processo de crescimento e sustentação de uma amplitude psíquica, que são:

1. Tolerância à incerteza: quando ocorre a ruptura dos componentes da conjunção constante integrada, é solicitado tolerar a incerteza, na medida em que não se sabe qual é o resultado dessa desconfiguração. Lidar com o desconhecimento e não se saber ao certo qual o desfecho que se vai chegar.

2. Tolerância à aleatoriedade: o estar aí do ser humano é contingente, no qual o acaso opera no sistema de transformações. Esse conjunto de mudança psíquica aleatória se chama estocástica. Podemos pensar em uma sequência de eventos que combina um componente fortuito com um processo seletivo, de maneira que só certos resultados do azar podem perdurar. Designamos que essa sequência é estocástica.

3. Tolerância à decisão de pôr fim à dispersão a partir do fato chamado “fato selecionado”. Um fato eleito entre outros fatos, capaz de precipitar os elementos dispersos, compondo uma nova conjunção. Assim, adquire um novo nome, ganhando um novo significado. Tal significado é psicológico, mas não é logicamente necessário. O autor destaca que tal distinção é importante, na medida em que a mente tende a não tolerar o não significado. Se isso ocorre, a pessoa pode nesse caso, sentir que o significado foi roubado.

Afirma, também, que, na realidade, são os fatos que elegem a mente, e não o contrário; esse ponto é de suma importância, dado que a situação é muito diferente, se o fato eleito deriva de uma projeção da personalidade ou de uma observação da realidade. Dito dessa forma, se a personalidade faz uma identificação projetiva, a configuração resultante é débil para fazer evoluir a própria personalidade.

4. Tolerância ao fato selecionado: a implicação da seleção radica em que toda a conjunção constante contém uma área de sombra, na qual se apresentam elementos que ficaram fora da eleição e servem como fonte de um novo ciclo transformacional. O fato selecionado vai necessitar dessa tolerância, em parte, porque é o que se pode fazer e, em parte, porque o não eleito é mais abrangente que o selecionado. Permanecem abertos caminhos até futuras verificações. Cada psicanalista, leitor da obra de Bion, investigará as ideias marcadas no espaço-tempo pelo autor, e terá a oportunidade de explorar aquilo que não foi alcançado pela

seleção feita por. Um exemplo disso é usar outras teorias (psicanalíticas ou não) como modelos para traçar analogias e contrastar contradições. Tal exercício visa reconhecer o inacabamento do pensar e ampliar o diálogo com vértices discordantes. Assim progridem as teorias. Sor e Senet de Gazzano (1988) acreditam que suas ideias não são pontos de chegada, se não de partida, podendo selecionar novas concepções que, até então, estavam inviabilizadas na psicanálise.

Se costurarmos essas concepções teóricas mencionadas com certos aspectos da vinheta sobre Maria, podemos nos aproximar da deficiência física e dos efeitos específicos que impactam sua mente para produzir intervenções que nos tiram da nossa barreira insensível criada em torno dela. Essa incapacidade de sintonizar com Maria se refere, também, ao quanto somos incapazes de fornecer sentidos que ampliem sua relação com o mundo. Sua mente não reunirá sua sensorialidade a partir da visão; porém, ao tolerarmos que a mente possui outros modelos, podemos entender que pode ser até vantajoso para nós que a reunião da abstração não venha da cor azul ou rosa, por exemplo, mas de calor, timbres, pesos, asperezas, movimentos, vibrações que expressão a mente de Maria.

Selecionar um registro que permita Maria abstrair seu corpo se formou mais como funcional, organizou suas experiências emocionais. Podemos pensar que o sentimento oceânico fluído da gravidez dela, por exemplo, pode auxiliá-la nessa tarefa de renunciar a dispersão. Tomar sua identificação projetiva como um recurso de comunicação, é oportunizá-la na condição de poder viver. Tais nuances são importantes para que se possa liberar padrões resistenciais da menina. Não se está aqui com a preocupação diagnóstica em relação a seu caso, mas trabalhar junto com Maria suas chances de transformar suas possibilidades, convocando suas habilidades para proporcionar seu crescimento.

O uso da masturbação compulsiva enclausura as vivências de prazer de Maria, acomoda seu sistema de percepção e decompõe sua capacidade de abstração. Alcançar padrões mais plásticos e flexíveis para assegurar seu desenvolvimento, é observar quais foram os recursos usados para evasão de estados confusos. Assegurar sua confiança em si mesma, impulsionará a aprender por meio de outras facetas da mente. As funções de abstração são mobilizadas, e a expectativa de mudança, pode favorecer seu amadurecimento. Maria, a partir da interação com a escola, ganha um lugar seguro para poder construir suas experiências emocionais. A terapêutica psicanalítica, no dizer de Bion é um ato de fé, que cria expectativas a ser alcançadas no futuro. Pautada por princípios éticos e estéticos do ser, pode sonhar seu viver.

Faz parte da ética da psicanálise em uma escola, dar condições para que crianças vulneráveis como Maria possam encontrar um ambiente no qual possam se sentir acolhidas, garantindo possibilidades de inclusão emocional, educacional e social.

Tomo outro recorte da história de Maria para ilustrar seu processo de inserção na escola, e sua mudança em relação à tolerância de viver conflitos e frustrações.

## **Cena 2**

*Um ano se passa e Maria está aprendendo a usar sua bengalinha. Ocorre um assalto, com tiro, o carro de uma mãe é levado na porta da escola, esta desmaia, tendo um leve machucado com a queda. Seu filho grita desesperado, e todos na escola são tomados pela situação. Os pais levam a mãe desmaiada para dentro, e a criança me é encaminhada pela monitora, para que possamos acalmá-la. Maria, no pátio, escuta minha voz e me chama. Com o menino no colo, digo para Maria que Mateus está muito assustado, porque sua mãe caiu. Sento com os dois na sala da psicologia, e Maria cola sua testa no rosto de Mateus que ainda berra. Com uma voz doce, fazendo carinho nas orelhas vai dizendo palavras de conforto: “Tá tudo bem! Tua mãe já, já, já vem! Mateus foi se acalmando. Continuamos conversando e digerindo o que havia acontecido.*

*Em uma situação crítica como essa, não imaginava que a forma como as crianças interagiram uma com a outra, fosse resultar em uma experiência tão reconfortante para nós quatro que vivenciamos aquele momento. Maria sabia o que era cair. Pode ocupar esse lugar de continência e cuidado em relação ao seu colega. Pode viver a instabilidade dele, na medida em que já sabia acalmar as suas.*

Rodolfo (2012) aponta cinco instâncias da subjetivação na infância contemporânea: a família, a escola, os pares, a tela, o ficcional. Abrem-se, portanto, uma exigência para pensar esses aspectos constitutivos. Se crianças entram com poucos meses de vida em uma instituição de ensino e cuidado, outros personagens entram no circuito do crescimento. Modalidades de interação grupal se agregam com as das diferentes famílias que frequentam tais instituições.

Durante um ano, Maria pode ser vista de uma forma especial na sua escola, além de fazer duas sessões por semana de terapia e sua psicanalista muito contribuir para que nós como profissionais da escola, pudéssemos atendê-la respeitando sua individualidade.

Percebemos, aqui, uma transformação no psiquismo de Maria. Ocorreu um incremento das funções psíquicas ligadas à capacidade de lidar consigo mesma, de interagir com colegas e de responder ao ambiente, além de uma estabilização daquilo que se denomina de transformações autísticas. Korbivcher (2001) oferece uma relevante contribuição ao investigar essas transformações, elucidando como a mente de uma pessoa reage frente à aproximação e ao afastamento em relação a seus objetos. A faceta autística corresponde a um padrão de funcionamento muito primitivo da mente, envolvendo a ausência da noção de objeto externo e interno, e que os vínculos estabelecidos sejam dominados por sensações. Estas, por sua vez, não adquiram representação na mente. Tais padrões invariantes manifestam-se por meio da experiência de “ausência de vida afetiva”, da experiência de “vazio emocional”, da presença de “atividades autossensuais”. Podemos pensar que, de início, a mente de Maria lançava mão desse recurso para se proteger de vivências de terror que lhe acarretariam uma sensação de desagregação e de vulnerabilidade intoleráveis.

Bion (1992/2000) descreve o tropismo, como uma tendência

A ação apropriada aos tropismos é a busca. Até esse ponto considerei que podíamos pensar que esta atividade está relacionada com assassinato, parasitismo e criação – os três tropismos. Assim, considerados individualmente, vemos os tropismos conduzirem à busca de:

- 1) um objeto para se matar ou que seja matador
- 2) Um parasita ou hospedeiro
- 3) Um objeto para ser criado ou criador. (Bion, 1992/200, p. 47)

No início, em sua adaptação à entrada na escola, Maria perdia o contato consigo mesma e com os outros, tendo momentos de apatia, ou de uma compulsão em relação à masturbação. Na medida em que recebeu cuidados (terapia e inclusão na escola), pode construir recursos internos, ampliando sua capacidade de comunicação. Esses arranjos, lembrando que se está falando sempre em funções que sua mente colocou em funcionamento, puderam lidar com a falta de percepção visual, sem precisar lançar mão de recursos tão incapacitantes como a faceta autística.

Bion (1992/2000, p. 48) descreve:

Os tropismos são a matriz a partir da qual brota toda a vida mental. Pois, para sua maturação ser possível, eles precisam ser resgatados do vazio e ser comunicados. Assim como a criança precisa de um seio, ou seu equivalente, para sustentar sua vida, é necessário que haja uma contraparte mental, o seio primitivo, para que a vida mental seja mantida. O veículo de comunicação – o choro da criança, as sensações táteis e

visuais – não está envolvido apenas na comunicação, mas também no controle do tropismo.

De alguma forma, Maria aprendeu desde cedo a se comunicar, não se deixou passar por invisível, enfrentando medos, incapacidades dos outros em reconhecê-la; buscou o olhar. E o que os olhos não veem, Maria aprendeu a olhar através do coração, e por meio de suas outras funções perceptivas. Os novos padrões psíquicos do pensar de Maria permitiram que ela reorientasse seus investimentos amorosos. A constelação das relações de objeto será investigada nessa pesquisa e poderemos estabelecer contrastes, assim como elaborar hipótese no material da evolução de sua configuração edípica. Ampliar sua perspectiva a respeito de seu mundo interno, ambiente, família e grupo de colegas e amigos favoreceu que ela vivesse por meio dessa pluralidade de vínculos, sentindo-se suficientemente mais confiante, amada, admirada e investida.

Acreditamos que as teorias de Bion possibilitam investigar e abrir essa perspectiva pluralista do mundo infantil. Muitos são os caminhos a ser explorados e debatidos teoricamente. Retomando as teorias sugeridas por Bion, no livro *Transformações*, destacamos:

1. A identificação projetiva comunicando o tipo de funcionamento da função alfa.
2. A intolerância à frustração.
3. A inveja desqualificando os objetos por despojamento de qualidades, ou por exaustão.
4. A situação edípica representada por objetos parciais.
5. A teoria kleiniana clássica da inveja e da voracidade.
6. O pensamento como produto de um objeto ausente.
7. A teoria da violência das relações primitivas.

Podemos, também, agregar questionamentos que permitam a psicanálise revisar seus padrões conceituais. A vinheta de Maria remete ao trabalho de Judith Butler, *Bodies that matter* (1993), a respeito de corpos nominados como abjetos no plano social, pois estão excluídos pelas visíveis ou invisíveis violências simbólicas e físicas. Por meio de matrizes normativas, dispositivos jurídicos, religiosos, científicos e outros dispositivos institucionais, esses corpos, e, portanto, esses indivíduos possuem um lugar na estrutura social de abjeção e exclusão. Certas características como a homossexualidade, a transexualidade, as deficiências, são marcadas por esse lugar. Também afirma que todo corpo ameaçado, rechaçado, tomado como não importante pelas práticas discursivas de poder é um corpo que acaba se contrapondo diante dessa

hegemonia, seja pela resistência ou pela simples existência. Podemos incluir nesse espectro o machismo estrutural, o racismo estrutural, a intolerância à imigração.

Partindo desse ponto de vista, a pequena Maria e tantas outras crianças com deficiência instigam que a psicanálise repense suas premissas normativas. Ao falarmos do impacto que certos estados desorganizados da mente promovem, podemos tomar o conceito de tropismo e detectar essa invisível e intensa tendência emergir: assassinar, parasitar e criar. Mais do que cuidar de Maria, é necessário detectar os aspectos assassinos, parasita e criativo, presentes nos pontos cegos do analista e todas as pessoas envolvidas no campo (espaço sigma  $\Sigma$ ).

## 6 SITUAÇÃO EDÍPICA

A turbulenta tarefa psicanalítica envolve um analista, o analisando e os grupos aos quais os envolvidos pertencem (família, escola, todos os grupos que compõem as vivências dos envolvidos). Na análise de crianças, essas relações, atravessadas por fortes emoções primitivas ativas, são mais intensas. Tanto o par – analista e analisando – observa o grupo, acomodando expectativas evocadas pelos desejos de saber como o grupo está reagindo frente à construção do vínculo pelo par, quanto o grupo também deposita investimentos inconscientes frente ao que se passa no lado de dentro da sala de análise com o trabalho analítico. A essa trama de emoções, desejos e expectativas inconscientes Bion nomeou como situação edípica. No entanto, ao atravessar por essa experiência, certas encruzilhadas irão surgir, impulsionando certas bifurcações que agem paralelamente, na busca por validação, reputação popular, aprovação, ascensão grupal em ambos integrantes do par (Bion, 1963/2004a).

Estabelecendo uma analogia, assim como em uma montagem de um trabalho teatral, existem um palco e uma produção intrincada de relações entre papéis, plateia, atores, dramatizações, cenas e emoções. O fazer psicanálise para os envolvidos é uma montagem de tempo e espaço em que se vive e se ensaia cenas no aqui e no agora, no ser e no não ser de cada sessão. Ao considerar o amplo espectro envolvido na atividade do que é psicanálise – e não sobre psicanálise –, Bion analisa que a importância da motivação inconsciente coopera para velar a importância da motivação consciente. Sugere evoluir sobre as relações consciente e inconsciente e, assim, refletir:

A situação edípica, ou até mesmo suas raízes mais primitivas, teria uma configuração diferente de acordo com o fato do vértice do grupo ser psicanalítico, religioso, financeiro, legal, ou algum outro. Este fato por si só, aumenta a variedade de experiências franqueadas mesmo dentro dos limites da psicanálise rígida. A expectativa messiânica, formulada e institucionalizada na religião cristã, pode representar o aspecto evoluído de um elemento que é representado, também em seu estado evoluído, pelo mito de Édipo.

Similaridades nas configurações sugerem uma origem e perturbações comuns, associadas ao problema de conter o místico e institucionalizar seu trabalho. O impacto emocional de ♀♂ será proporcionalmente maior quanto mais próximo for seu relacionamento com as forças representadas pela esperança messiânica; pelo mito de Édipo, pelo mito de Babel; e pelo mito do Éden, quanto maior for o impulso emocional, maior o problema. Esses mitos são estados evoluídos de O e representam a evolução de O. Representam o estado de mente obtido pelo ser humano em sua intersecção com aquele O que está em evolução. (Bion, 1970/2007, p. 94)

Gostaríamos, aqui, de destacar que, se um grupo psicanalítico se configura a partir de um vértice religioso<sup>10</sup>, então as interpretações produzidas na sessão pelo analista podem expressar uma expectativa de doutrinação em relação ao paciente. Se a sessão evolui para esse tipo de relação, então a atividade do par vai em direção à realização da suposição básica messiânica, evadindo do trabalho analítico, até que tais aspectos tenham condições de ser pensados. Além disso, a necessidade de conhecer de uma criança, por exemplo, pode ser atravessada por sua expectativa de agradar aos pais, ou ao analista. Esse padrão alimenta a dependência, levando a esse paciente o aprender sobre psicanálise, inviabilizando o crescimento na experiência analítica e incrementando uma relação de obediência em detrimento de trocas mais ricas e autênticas.

Essas diversas possibilidades de evolução dos vínculos precisam ser investigadas, sem que os aspectos da sexualidade predominem sobre os demais aspectos que indicariam os elementos constituintes de uma personalidade.

Bion, então, toma a configuração edípica a partir de diferentes vértices de observação, além de retirá-la de um lugar central, ampliando a investigação analítica por meio de outros mitos: o mito da Torre de Babel como ataque à linguagem, ou destruição da função  $\alpha$ ; o mito do Jardim do Éden, como ataque ao conhecimento; a morte de Palinurus como a lógica do par simétrico onipotência e desamparo; a descoberta da tumba do rei Ur como a escolha da interpretação para os achados no aqui e no agora da sessão.

Retomando o âmbito clínico do atendimento, podemos investigar: como a criança lida de forma privada com os seus pensamentos e o seu pensar; o quê, a partir daí, comunica, que sentidos e significados nomeia, quais são seus repertórios articulados, como emposta sua fala com seus pais. Esse contexto delineado corresponderá à situação edípica poderá ser utilizado como uma ferramenta simbólica. Inventada pelos psicanalistas serve investigar no vínculo, fornecendo ao paciente a chance de ele mesmo observar e pensar sobre o uso que faz de sua comunicação. Se os princípios de vida predominam na personalidade da criança, haverá um envolvimento por parte dela em vivenciar o momento da sessão como um aprender sobre si mesma. As crianças tomam o aprender com curiosidade e disposição. Se não se sentem ameaçadas interna ou externamente, colocam-se frente ao desconhecido, de modo que a própria ingenuidade do não saber é tolerada e passível de ser brincada e sonhada: Esse processo envolve:

---

<sup>10</sup> Bion alerta o quanto o conhecimento e a prática analítica podem assumir um funcionamento religioso, em que a teoria é tomada como verdade e absolutas e imutáveis, como os dogmas religiosos. Também ressalta que muitas vezes a prática pode ser influenciada por outros interesses, e não pelos princípios éticos da psicanálise.

- (1) realização dos relacionamentos entre pai, mãe e criança;
- (2) pré-concepção emocional, usando o termo “pré-concepção” do mesmo modo que eu utilizei aqui, como aquilo que se corresponde com a percepção de uma realização, para dar origem a uma concepção;
- (3) uma reação psicológica estimulada em um indivíduo por (1) acima. (Bion, 1992/2000, p. 57)

Um dos primeiros textos psicanalíticos de Bion apresentado na Sociedade Psicanalítica de Londres em 1957, “Sobre a arrogância” (Bion, 1967/1994), já continha seu posicionamento epistemológico diante da psicanálise. É neste trabalho que ele começa a se preocupar com o problema da verdade, para ir construindo novos pilares para sua psicanálise.

Bion (1967/1994; 1992/2000) toma a história de Édipo escrita por Sófocles, para demonstrar o quanto a psicanálise, por meio de uma expressão literária, tentou evidenciar novas realidades mentais, que, até então, não foram pensadas pela cultura. Intuídas e transformadas por Freud em um dispositivo para pensar o inconsciente, essa descoberta promoveu uma terapêutica frente ao sofrimento mental. Tal artifício oportunizou que a terapia psicanalítica buscasse, nas neuroses infantis e na imaturidade psíquica das crianças, alguns dos fatores que promoviam o adoecimento psíquico nos indivíduos. No entanto, adverte que a rede conceitual de qualquer conhecimento precisa sofrer revisões críticas na medida em que também podem sofrer operações conscientes e inconscientes, que instituem relações invisíveis, preocupadas predominantemente em manter o status quo e as relações hegemônicas de poder, e que, portanto, essa faceta precisa ser considerada dentro do trabalho. Destacou, também, que toda demarcação teórica inevitavelmente irá restringir os princípios da psicanálise, uma vez que define e regulamenta padrões que acabam reproduzindo, com ou sem intenção, as facetas correlacionadas ao poder, as categorias morais dos grupos e das instituições da cultura. Essa transmissão da psicanálise está associada muito mais à regulação de padrões éticos e de relações de normativas do que realmente representa um dispositivo clínico. Assim, a funcionalidade da psicanálise também necessita ser analisada, para que o destino dela siga uma direção ao respeito à verdade.

Bion (1967/1994; 1992/2000; 1963/2004a), então, propõe que haja uma ampliação da leitura do mito de Édipo, analisando a personalidade arrogante do personagem que quer descobrir a verdade a todo custo, mas é incapaz de pensar sobre sua condição de vida. Seu próprio nome, “pés inchados”, remete a uma condição corporal que Édipo jamais investigou, por exemplo, apesar de sofrer as limitações orgânicas das cicatrizes deixadas por Laio. A forma

de se relacionar com as pessoas que o cercam, suas tomadas de decisões explicitam e delimitam certas escolhas em detrimento de outras. Destaca também que o papel da esfinge, tão pouco referido na crítica psicanalítica, tem um lugar representante do poder e das manobras políticas de manutenção das correlações das forças sociais da época. Além disso, toma essa cena do mito para compreender o desfecho e o desdobramento do fato selecionado, quando a mente se põe em funcionamento. Ligando a interioridade e a exterioridade, a destrutividade e a criatividade, a função da mente obedece a uma simetria, que inclui simultaneamente aquilo que é primitivo e aquilo que vai em direção ao crescimento.

Na revisão que Bion (1963/2004a) faz em relação à configuração edípica, considera que, antes de interpretarmos os aspectos particulares do mito (sexualidade, configurando o polo narcisista), necessitamos analisar simultaneamente outros pontos de vista, nos quais os aspectos primitivos se evidenciam em contraste marcante com outros aspectos: no mito mulheres, escravos e crianças não eram considerados como cidadãos gregos, mas a democracia do Estado apregoava direitos aos cidadãos, e tinham direitos e o poder de designar o futuro de todos (polo social-ista).

Bion se refere à discussão da configuração edípica como a representação de uma encruzilhada no viver e no pensar humano. Analisar esses entrelaçamentos da condição humana são os elementos a ser trabalhados pelo psicanalista, seja diante de um paciente, um grupo, uma instituição ou constelação social. Destaca que os mitos têm essa função social, assim como os conteúdos oníricos possuem uma função de aproximação da realidade subjetiva de um indivíduo. Assim, propõe um sistema dedutivo científico que leve em conta a complexidade do viver humano. Usa o mito para destacar os caminhos selecionados e as diferentes transformações que o pensar pode progressivamente ganhar ao longo de um percurso.

Bion (1971/1973) sugere, também, que as definições freudianas do complexo de Édipo, assim como da estrutura do desejo inconsciente, foram tomadas do efeito emocional que os expectadores experimentaram ao assistir a tragédia de Sófocles. Apresenta essa construção como uma metáfora, com a intenção de puxar para primeiro plano, a experiência emocional na pesquisa psicanalítica.

Metáfora que carrega, transita e cria um campo mental, que não possui um logus, mas é sustentada pelas configurações vinculares. O vínculo passa a ser definido como objeto da psicanálise, ou a base da condição humana. O vínculo que pode ser estabelecido entre pessoas, partes da própria mente, indivíduo e grupo, ou indivíduo e cultura. O vínculo que vai formando relações constantes e, em um determinado tempo, conjugará, como um catalisador, as

experiências emocionais. Sem esse registro das experiências emocionais não há construção de um conhecimento, não há crescimento.

Já dissemos que, para acessar esse espectro de vínculos e os elementos que os compõem, é necessário à criação um estado mental disciplinado, desnudado de memória, desejo e necessidade de compreensão, para que aflore intuições e conjecturas imaginativas que alcancem novas compreensões. Esse é um modelo de investigação do inconsciente sugerido por Bion diante da clínica psicanalítica. Manter os sentidos abertos em todas as direções, explorando as redes das infinitas possibilidades, e não só as já conhecidas.

A teoria de Édipo não corresponde exatamente ao que a um físico chamaria um sistema dedutivo científico, porém pode ser formulada em forma tal que se pode incluir nesta categoria. Sua debilidade como membro dessa classe, provavelmente seja sua carência de abstração e a estrutura peculiar segundo a qual seus elementos se relacionam entre si. Em parte, este se deve ao fato de que quantos mais concretos esses elementos, menos se prestam a variação de combinações. (Bion, 1962/1991, p. 102)

Bion (1992/2000) amplia tanto o espectro de investigação que chega a criar uma correlação entre a Quinta Proposição de Euclides<sup>11</sup> sobre a geometria e o mito de Édipo quanto as tentativas de solucionar certos problemas humanos referentes à abertura de novos ângulos no plano espacial. Afirma que ali, nas escritas antigas de Sófocles e nas proposições de Euclides, já existiam um sofisticado e sutil modo de abstrair os diferentes elementos conjugados da realidade – séculos depois foram resgatados por Freud e os matemáticos da geometria hiperbólica – aos quais foram nomeados por Bion, em sua teoria do pensar, como sistema dedutivo científico. Alude que o enigma da esfinge era uma metáfora grega que se refere a problemas matemáticos. Não temos condições de acompanhar essas conjecturas tão abstratas, mas Bion aponta que há uma correspondência matemática entre os distintos graus de abstração e representação do pensar humano.

Destacamos, aqui, a sua afirmação que a tragédia de Sófocles ilustra a *hubris* (orgulho arrogante diante dos deuses) de Édipo, ou seja, sua tendência em usar a ação como substituta para o pensamento e o pensamento como um substituto para a ação (não como um prelúdio da ação). Dessa forma, examina quais as condições para ter chegado a essa destinação. O que atormentava Édipo era seu jeito de querer desvendar a verdade, pois sua voracidade

---

<sup>11</sup> Esse polêmico postulado, durante centenas de anos, passou a ser pensado pelos matemáticos, como não possuindo uma evidência de comprovação, diferentes dos demais. Até que, em 1829, o matemático russo Nicolai Lobachewski (1792 - 1856) apresenta uma sustentação do quinto postulado, quando publica a sua versão da geometria não euclidiana à qual chama, primeiramente de "imaginária" e depois de "pangeometria" – atualmente chamada de geometria hiperbólica. Garbi (2006)

transformava sua curiosidade em avidez, ódio, destruição e perseguição. Esses são os componentes que procura investigar.

Freud usou o mito de Édipo de um modo que iluminou mais do que a natureza de facetas sexuais da personalidade humana. Graças às suas descobertas é possível ver, pela revisão do mito, que ele contém elementos não enfatizados nas investigações iniciais, por terem sido eclipsados pelo componente sexual do drama. Os desenvolvimentos da psicanálise tornaram possível dar mais peso a outras características. Em primeiro lugar o mito liga, em virtude de sua forma narrativa, os vários componentes na história de um modo análogo ao da fixação dos elementos de um sistema dedutivo científico; pela sua inclusão no sistema: é semelhante a fixação dos elementos no cálculo algébrico correspondente, onde tal cálculo existe. Nenhum elemento, tal como o sexual, pode ser compreendido salvo em sua relação com outros elementos; por exemplo com a determinação de Édipo de prosseguir sua investigação do crime, apesar dos avisos de Tirésias. Consequentemente, não é possível isolar o componente sexual, ou qualquer outro, sem distorção. Só é possível descrever a qualidade que sexo tem na situação edípica pelas implicações que lhe são conferidas pela inclusão na história. Caso sexo seja removido da história, ele perde sua qualidade, a menos que seu significado seja preservado por uma cláusula expressa, que “sexo” é um termo usado para representar sexo do modo com que este é experimentado no conteúdo do mito. O mesmo vale para todos os outros elementos que se prestam a ser abstraídos do mito. Estando interessado em elucidar os elementos de psicanálise, vou considerar a sequência causal, conforme expressa no mito, como um elemento, se pensarmos que é necessário abstrair-la, por outro lado, esta sequência é subordinada à função de vincular todos os elementos, de modo a confundir-lhes uma qualidade psíquica específica. Neste aspecto, os elementos sofrem modificações análogas às das letras de um alfabeto, combinadas para formar uma palavra específica. A combinação dos elementos na história é análoga à combinação de hipótese em um sistema dedutivo científico. (Bion, 1963/2004a, pp. 57-58)

Dessa forma, podemos pensar aqui que a teoria de Bion não formula os elementos de psicanálise para descrever dispositivos normativos, mas, sim, para permitir investigar como se chega a determinadas abstrações – sejam elas em forma de modelos, teorias, ou sistemas dedutivos científicos – explorando os diferentes fatores e como eles são combinados. Quando a teoria aponta que elementos sofrem modificações análogas às das letras de um alfabeto, que, combinadas, formam palavras específicas, acreditamos na possibilidade de que um sistema dedutivo científico possa ser combinado a partir da ética do reconhecimento, e o analista e o paciente possam criar uma comunicação singular que corresponda ao repertório privado do paciente. Todo o esforço de revisar os preceitos psicanalíticos evidencia sua preocupação de retirar da prática psicanalítica os dogmas criados a partir da não revisão dos conceitos e da manutenção do establishment científico e religioso por parte de alguns grupos de psicanalistas. O fato de considerar o mito de Édipo como um componente importante do conteúdo da mente

humana exige que esse possa ser tomado como um recurso “a caminho” do conhecimento, mas não o conhecimento. Por isso, Bion (1963/2004a) retoma os oximoros escondidos nos personagens, nas cenas e nos elementos do mito:

1. O pronunciamento do Oráculo de Delfos.
2. O aviso de Tirésias, o cego, cuja a cópula de duas serpentes observou.
3. O enigma da Esfinge.
4. A conduta imprópria de Édipo em prosseguir, de modo arrogante, sua investigação sobre o crime do rei.
5. A praga infligida à população de Tebas.
6. Os suicídios da Esfinge e de Jocasta.
7. A cegueira e o exílio de Édipo.
8. O assassinato do rei.
9. A pergunta original é proposta por um monstro, uma figura composta de características impróprias em relação umas com as outras.

Bion (1963/2004a) sugere que essas facetas do mito são representações de certos aspectos dos elementos de uma personalidade e têm correspondência aos “andaimes” verticais da Grade, que expressam o eixo paradigmático da mente. Tal eixo corresponde aos usos que o pensar exige da mente. A Grade fornece os processos pelos quais as experiências emocionais são transformadas em pensamentos. Na narrativa do mito, há um percurso que o personagem Édipo atravessa, que pode ser tomado para se o exercício da linguagem interpretativa.

Uma vez que estou usando um mito como a rota de meus símbolos, a própria substituição é um uso artificial de elementos pertencentes muito mais à linha C do que, vamos dizer, as linhas G ou H. Posso escolher personagens para corresponder a colunas separadas 1,2,3 etc. ou posso colocar o mito inteiro em cada um dos compartimentos C1, C2, C3 etc., ou qualquer personagem único, simbolizando 1-6, pode ser colocado em todas as colunas 1-6 na linha C. Portanto, Tirésias, simbolizando a coluna 2 pode agora aparecer nas colunas 1,2,3,4,5,6. Se fosse usado na coluna 2 representaria um símbolo que representa uma ideia, entretida com o objetivo de negar a emergência de uma ideia mais precisa, porém mais aterrorizadora. Nesse caso, ele representa a aderência de uma força repressora a um mito, para este ser utilizado como força repressora. (p. 90)

O componente mítico favorece a conexão com o trabalho onírico da mente, tão necessário para a elaboração do pensar, da comunicação e do crescimento mental. Assim, seguindo as sugestões de Bion, Chuster et al. (2011) parte da Grade e a problematiza:

Quadro 2  
*Grade edípica*

<b>Hipótese definitiva</b>	<b>Oráculo de Delfos</b>	<b>Hipocrisia/desejo de saber</b>
Ψ	Tirésias	Ironia/ capacidade de conter
Notação	Encruzilhada	Humilhação, confronto de ideias
Atenção	Esfinge	Desafio/ revelação
Indagação	Édipo	Arrogância/ coragem intelectual
Ação	Consequências	(n+1)

Fonte: Chuster et al. (2011, p. 155).

O valor de fazer as distinções a partir dessas categorias para o analista é trabalhar o universo impreciso da comunicação com seu paciente, reconhecendo como ela se dá na análise. Semelhante ao jogar e brincar das sessões com crianças, não se trata de subestimar os conteúdos, ou tomá-los como invariantes, mas, sim, de exercitar os diferentes vértices de uma conversa em uma sessão. Bion (1962/1991) dá um exemplo que, após a interpretação do analista, pode acontecer de o paciente senti-la como uma pressuposição moral. Há uma concordância em relação ao significado dos conteúdos, porém a resposta do paciente é uma rejeição silenciosa. No domínio das impressões sensoriais, existe a aceitação; no entanto, um percebe e vê duas faces e o outro enxerga um vaso. Chama esse fenômeno de perspectiva revertida, e que se trata de uma situação distinta da divergência de opiniões.

O paciente parece confirmar as teorias do analista, porém o que evidencia que algo não vai bem é a manutenção da dor e do sofrimento mental. O paciente reverte a perspectiva para tornar estático, um momento dinâmico. A manutenção desse funcionamento pode gerar alucinações e delírios. “A lição a se tirar dessa discussão é a necessidade de deduzir a presença de dor intensa e a ameaça que ela representa à integração mental. Portanto vou considerar a dor como um dos elementos de psicanálise.” (Bion, 1962/1991, p. 74).

O indivíduo precisará nomear suas experiências, buscando na oscilação entre particularizações e generalizações algo que comunique suas emoções. Para consolidar o ganho na comunicação, esse processo de abstração tomará um elemento insaturado e o fará saturado.

É a partir da nomeação de uma nova formulação que será permitido que a pré-concepção se conjugue com a realização e forme novas concepções. O nomear a constelação total das pré-concepções e concepções é chamado de reformulação, e tem como função que não se perca as experiências por meio da desintegração e da dispersão de seus componentes. O dinamismo da formulação e reformulação é que gera crescimento mental seja ele positivo e/ou negativo.

Introduzo a ideia de crescimento negativo como um método de abordar um aspecto do aprender da experiência; não quero dar sentido de espoliação, à qual associo impulsos hostis e destrutivos tais como a inveja. Espoliação implica empobrecimento da personalidade. O que quero dizer está exemplificado pela reformulação do eixo horizontal da grade em termos mais apropriados ao simbolismo mitológico do que a um sistema dedutivo (mais linha C do que linha F ou G). Uma capacidade para crescimento negativo é necessária, em parte, para reviver uma formulação que perdeu o significado; em parte para estabelecer um vínculo no tornar público o conhecimento privado; mas talvez seja necessário sobretudo para alcançar uma visão ingênua quando um problema ficou tão soterrado pela experiência que seu contorno, tornou-se borrado e suas possíveis soluções, obscuras. (Bion, 1963/2004a, p. 96)

A importância dada a uma obra literária, a tragédia escrita por Sófocles, é que ela reúne justamente a publicação de uma generalização sobre o pensar humano. Na história de Édipo, recolhe-se como se dá o crescimento mental. Bion expõe geneticamente esse crescimento formulando uma teoria do pensar e sistematizando no eixo vertical da Grade (A-H), tomando como premissa, que isso depende da psicomecânica entre ♀ e ♂ e entre OS e D; de uma alternância entre particularização e generalização (concretização e abstração); de saturações sucessivas e das pulsões emocionais (Bion, 1963/2004a).

Ainda em relação ao crescimento psíquico, Bion, quando fala nas pulsões emocionais adverte:

Acrescento um lembrete ao que já disse sobre as pulsões emocionais: a preocupação do analista é com os aspectos premonitórios dessas pulsões, teríamos que levar em conta a natureza política do ser humano ao avaliarmos a força e a direção dessas premonições. Os fatores determinantes, mesmo em manifestações íntimas de sexo ou agressão, podem estar fora da personalidade e dentro do grupo. (Bion, 1963/2004a, p. 97)

Bion sustenta que os estados emocionais observados diretamente são significativos apenas como premonições, por isso não está interessado nos sinais de sexualidade ou emoções diretas, mas, sim, nos precursores das emoções, ou nos precursores da sexualidade. Sugere, no domínio das emoções, certa correspondência à relação entre pré-concepção e concepção. As

premonições são emoções formadas conjugadas a partir do aprender, a mente adquire a capacidade – a partir da função  $\alpha$  – de antecipar a determinados fatos. Por exemplo, uma criança é capaz de não colocar mais a mão em uma chaleira depois que ela descobriu que o quente a machuca. Também, certas reações emocionais dos pais podem ser sentidas por uma criança como situações tão intolerantes, temíveis ou perigosas, quanto um calor insuportável. Nesse sentido, um do de perder o amor s, ou os desenhados na mente para uma futura execução, também são exemplos de pensamentos/sentimentos antecipatórios que podem estar conscientes ou inconscientes. “s interpretações propiciam o desenvolvimento de emoções, por iluminar seus precursores, segue-se que não se pode considerar os sentimentos sexuais e outros como elementos. A contraparte da pré-concepção é a premonição.” (Bion, 1963/2004a, p. 86). Assim, entendemos a teoria de Bion tem a intenção de reconhecer e de discriminar os distintos níveis das manifestações psíquicas que podem se expressar por padrões rudimentares e sem significado, por padrões simbólicos primitivos associados a afetos e percepções e por padrões simbólicos mais aprimorados (formulação de modelos até abstração). Detectar esses níveis do pensar, permite no trabalho psicanalítico a articulação dos afetos e das representações inconscientes a pensamentos conscientes. É com o uso desses padrões e suas correlações com as funções mentais que a investigação psicanalítica está implicada.

Nesse sentido que podemos aproximar esse posicionamento de Bion em relação à abordagem da psicanálise, com os estudos contemporâneos de Butler (2009/2016) – ainda que ambos possuam distintas proposições – que sustentam a necessidade de pensar os padrões morais normativos e encontrar diferentes maneiras de assumir responsabilidade pela sustentação de melhores condições de vida em uma sociabilidade negociada. A autora destaca que haverá perspectivas e leituras distintas a ser desenvolvidas sobre o acontecer do ser humano. Assim, toma as ideias de Melanie Klein a respeito dos impulsos destrutivos e de culpa, para ressaltar como certos conhecimentos heteronormativos e certos projetos políticos nacionalistas excluem certas identidades culturais gerando “uma multidão de não-eus”. Na medida em que essas pessoas serão colocadas em categorias de exclusão, não sendo passíveis de reconhecimento individual e social, é necessário retomar os modelos de identidade e de singularidade dos sujeitos. Bion (1963/2004), por outros caminhos, relativiza a centralidade de determinados conteúdos mentais, na medida que são intercambiáveis e transitam em distintas dimensões conforme a seleção espaço-temporal relacionada às experiências emocionais do sujeito. A crítica de Butler, fornece recursos para investigar certos fatores e variantes ainda não exploradas: o tema da reparação diante da destrutividade se tomado pela faceta social permanece a ser explorado, tendo em vista que a própria psicanálise cristalizou seu

conhecimento sobre o contexto social. Como elucidação, toma a ideia da representação do pai como um fetiche cultural, muitas vezes, tomado como a única interpretação verdadeira acerca da regulação das relações humanas. A imagem do pai estaria mais ligada a dispositivos de controle e à regimentação do Estado do que uma função psicossocial. Bion sustenta que o anseio de validar o conhecimento da psicanálise pode gerar uma reverência religiosa nos próprios pensamentos psicanalíticos. Daí a necessidade de pensar os pensamentos e investigar a partir de contrastes e ambiguidades.

Cavalheiro (2018) apresenta uma contribuição relevante na integração do saber de Butler e a psicanálise, pensando a dimensão performativa de gênero, como desconstrução das estruturas normativas que transformam a psicanálise em um conhecimento rígido e engessado, não permitindo o reconhecimento das contingências a que estão submetidos os indivíduos, tomados como abjetos. Pensa a incidência da norma nos processos de subjetivação e aponta que a heteronormatividade foi um padrão tomado pela psicanálise para descrever, de forma rígida e estereotipada, o destino de todas as sexualidades. Assim, oferece uma revisão fundamental para a ética/prática: “A aceitabilidade de outras experiências normativas, pode agir de modo crítico à heterossexualidade compulsória. Proponho que ao considerar as estratégias de reconfiguração do campo normativo a psicanálise pode operar dentro desses eixos de possibilidade. Afinal, o gênero é inerente a nossa prática clínica diária e está presente desde antes da entrada do sujeito na linguagem”.

De maneira análoga, poderíamos pensar que, na psicanálise, as ideias a respeito da configuração edípica, em alguns contextos e momentos tornaram-se um fetiche para alimentar a ideia messiânica de que a psicanálise é um conhecimento criativo e promotor de crescimento a priori. Contra essa saturação do pensar, Bion sugeriu novas formas de observar:

A função do establishment científico e religioso é proteger a mística da destruição e do grupo dos efeitos dilaceradores da mística. A Grade, como um esquema primitivo de chaves elétricas, fios, etc., é concebida para ajudar a preservar a psicanálise da destruição “na infância”, e a preservar o grupo, que tem o infortúnio de acalentar semelhante criança, tão robusta, da desintegração que pode resultar do descontrolado e desnorteado vigor do infante. Como costuma acontecer com crianças, ela pode marcar o ambiente tanto com o seu poder como com seu desamparo absoluto. (Bion, 1971/1973, p. 129)

Dario Sor e Senet de Gazzano (1988), a partir da Grade, formularam compreensões a respeito das relações de responsabilidade e de poder. Agregando a coluna 7 no eixo horizontal da Grade, nesse sentido, descrevem as transformações nas mentes de pessoas que são tomadas

por emoções fanáticas, dogmáticas e autoritárias. Tais estudos alinham-se com a crítica de Butler e apontam que a ruptura do isolamento e da dimensão linear do tempo, a capacidade para prudência, o humor, a tolerância, a capacidade lúdica, e a capacidade de tolerar metáforas são aspectos que criam experiências de responsabilidade tanto individual quanto social.

Na sua faceta social Édipo é virtuoso quando se apresenta como um guerreiro destemido e forte; por outro lado, não lhe permitia perceber o significado de sua maldição em função de sua arrogância. Desposou Jocasta por atender sua ambição de poder, e seus quatro filhos são frutos desse acerto. O preço a pagar foi o extermínio dessa linhagem familiar. É o risco que se corre, ao alimentar um superego primitivo e assassino (tropismo), quando se cede para combinação avidez, arrogância: o assassinato da ética, da prudência e do respeito. A história da humanidade está repleta de exemplos dessa destinação autodestrutiva: o holocausto, na Segunda Guerra Mundial; a Guerra de Huanda, na qual uma etnia exterminou a outra, mataram um milhão de pessoas em trinta dias por divergências étnicas, com a complacência e a passividade chancelar da Organização das nações Unidas (ONU); a guerra da Síria; e as outras tantas situações históricas em que um genocídio tem uma roupagem de infortúnio.

Podemos interrogar: como isso acontece? O que, no ser humano, leva a essa destrutividade? Bion, ainda que não tenha explorado isso com maior profundidade, apontou essa faceta destrutiva na situação edípica ao perceber a importância das relações grupais nas destinações sociais. Suas formulações a respeito de grupo abrangem alguns aspectos dessas questões.

Outro aspecto que pode ser explorado e que foi lançado por Bion, ainda como uma semente para futuras investigações, foi a ideia de expandir a linha C da grade<sup>12</sup> – que categorias de pensamento expressas em termos de imagens sensoriais, habitualmente visuais mas podem se manifestar por meio de outro sentido ou pela sinestesia, como as que se revelam em sonhos, mitos, fabulações, alucinações. Refere que, na medida em que a psicanálise acumular experiência psicanalítica, essas expressões do pensamento exigiriam o desenvolvimento, as formulações e as aplicações. Foi o caso das psicanalistas Esther Bick e Frances Tustin que criaram teorias próprias a respeito dos bebês, tomando as ideias de Bion. Consideramos que cabe, aqui, tomar as teorias de Margaret Mahler e Françoise Dolto sobre crianças e investigar os processos do pensar.

---

<sup>12</sup> A categoria C expressa um conjunto de recursos do pensar a partir de modelos. Empregado para tolerar o que se passa consigo mesmo e para comunicar, a modelização implica abrir espaço interno para suportar as diferentes pressões que a mente vivência. É um padrão inicial do pensar, e, se saturado ou encerrado, o indivíduo usar esse recurso para não pensar e avançar. Por exemplo, uma criança tem um modelo do que é ser adulto, mas não carrega ainda a realização dessa vivência.

Assim, Bion reconheceu a importância de um mecanismo primitivo de pré-concepção que pertence à personalidade como parte do aparelho para o contato com a realidade.

Em suma, postulo um mito edipiano privado em uma versão elemento  $\alpha$  que é o meio, a pré-concepção, em virtude do qual a criança é capaz de estabelecer contato com os pais como estes existem no mundo da realidade. A correspondência desta pré-concepção edipiana – elemento  $\alpha$  – com a realização dos pais reais origina a concepção dos pais. (Bion, 1963/2004a, p. 102)

Bion, então, aponta para uma situação na qual a criança não alcançou a concepção da relação dos pais. Demonstra que na clínica há uma diferença a respeito do material edipiano, (1) aquilo que são fragmentos da pré-concepção – elementos  $\alpha$  fragmentados que prejudicam o aprender da experiência na relação com os pais – (2) daquilo que são fragmentos da situação edipiana fragmentada.

há uma carga emocional carregada pela pré-concepção edipiana – elemento  $\alpha$  – privada de tal monta que a própria pré-concepção edipiana é destruída. Como resultado, a criança perde o aparelho essencial para ganhar uma concepção da relação parental e, conseqüentemente, para a resolução dos problemas edipianos: não é que não consiga solucionar aqueles problemas – ela nunca os alcança. (Bion, 1963/2004a, p. 103)

O efeito disso são situações graves, em que os pacientes são incapazes de recorrerem à função  $\alpha$ . Recordemos que a natureza da função  $\alpha$  tem como finalidade disponibilizar as impressões sensoriais e as experiências emocionais, tanto a nível consciente, quanto para o inconsciente, de modo que a personalidade possa integrar e articular tais aspectos para convertê-los em aprendizado. Outra finalidade de  $\alpha$  é tornar disponíveis o pensamento inconsciente de vigília ou a consciência para a experiência emocional. Aprender significa ter uma reserva de pensamentos oníricos, capaz de fornecer os alimentos mentais necessários para o indivíduo saber lidar consigo, com suas emoções e com seu grupo. Isso dota o indivíduo a tolerar as incertezas, compreender as comunicações e, pela sua curiosidade, alinhar sua relação com o outro e com o grupo. Se o que é danificado é justamente aquilo que torna viável o aprendizado, a psicanálise pode observar e intervir na extensão dos danos nos diferentes processos que impedem o crescimento.

Com efeito, retornemos à situação de fragmentação da pré-concepção edípica. A fragmentação da pré-concepção envolve a destruição da capacidade para assimilar todos os fenômenos da realidade interna e externa. Se ocorrer a destruição da capacidade de assimilação das impressões sensoriais, elas serão armazenadas na mente, ficarão disponíveis, mas a pessoa

as sentirá como indistinguíveis, sendo vivenciadas como coisas em si mesmas. Também haverá um prejuízo, pois esses registros carecerão de relações com outras impressões sensoriais retidas. Daí pode decorrer um “ataque de pânico”, um exemplo de estado iminente de temor à aniquilação, vivenciado como coisa em si mesma.

Para uma criança pequena isso é um desastre, pois a incapacidade de assimilar a leva para uma privação de todos os elementos que a personalidade precisa para seu crescimento. O temor ao aniquilamento, expressado por medo, avidez ou agitação, impõe à mente da criança uma tentativa de reparação da capacidade de assimilação. Se entendermos que a essa altura a criança precisará restaurar suas relações parentais, a tentativa de reparação da capacidade de assimilação exigirá a intervenção do psicanalista. As eminentes eclosões de medo, ou avidez, ou agitação ativarão a dispersão, não permitindo que o ciclo identificação projetiva dos fragmentos e a introjeção/evacuativas dos fragmentos diminuam. A transformação necessária ocorrerá, por meio da relação do paciente com o analista. O brincar, o sentir e o experimentar a constância da presença emocional do analista fará com que a criança assimile as impressões sensoriais no aqui e no agora da sessão e consiga restaurar suas funções psíquicas. Em geral, esse trabalho com aspectos mais regressivos exige intervenções vinculares na família.

## 7 DETECTANDO SINAIS DE POTÊNCIA: QUANDO A PESQUISA PSICANALÍTICA DE CRIANÇAS ACONTECE

A questão então é saber: qual seria a contraparte mental dessas mentiras, destas afirmações, do rubor enganoso da saúde escarrada, desta aparência de saúde atlética somática e da aparente facilidade com que um corpo masculino pode manipular o tecido erétil? Muitas pessoas foram engabeladas supondo que um menino ou um homem é duplamente potente, por ter um pênis e por ele poder se tornar visivelmente ereto. Isso fica mais dissimulado na mulher, na qual pode ser muito mais difícil detectar quaisquer sinais de ereção, mas psicologicamente ela pode ser muito potente, muito mais potente do que o garoto ou o homem que ela esteja observando e de quem ela espera potência sexual. (Bion, 1997/2015, p. 29)

Essas palavras são transcrições gravadas de Bion enquanto ele preparava seminários que daria em Roma no ano de 1977 e revelam sua preocupação em observar as imbricadas interações entre corpo-mente e os vínculos humanos. Nesse trabalho, questiona o que se passa com um pensamento sem pensador. Descreve que certos “pensamentos extraviados” brotam sem que possamos colocá-los em nenhuma categoria de domínio da mente e nem traçá-los a sua genealogia. São selvagens, inacessíveis de imediato, precisando passar por um processo de domesticação, tanto para reconhecimento de “seu dono” quanto por parte do grupo e da cultura a qual pertencem. Atenta para o estudo da embriologia que procura justamente dar conta de processos de evolução e mutação tanto das células quanto das espécies, salientando o papel da transformação desses processos que adquirem novas funções e novas características.

Dessa forma, alguns eventos reais, bem como algumas reações corporais, manifestações mentais ou contingências clínicas, não possuem uma representação *a priori*, apenas se apresentam no aqui e no agora e necessitam ser tomados em análise, durante um período de tempo, para que, então, possa-se compreender algo, já que a compreensão não está posta, mas emerge do aprender com a experiência. De antemão, sugere que, em determinadas situações, só podemos manter uma atitude de ignorância diante desse fenômeno observado. Descreve que existe um espectro de possibilidades a ser realizadas, e não uma interpretação a ser alcançada. A categorização ou a atribuição adicional de significados e interpretações incorre em um fechamento desse campo de pesquisa, assim como em uma manobra de intervenção, que pode ser falsa ou restrita, tal qual as compreensões heteronormativas elucidadas em algumas teorias psicanalíticas a respeito da sexualidade e o gênero, por exemplo.

A criança chega à análise para protagonizar sua própria história. Tem uma travessia a percorrer: buscar ser para além do desejo dos pais. Tomamos a obra de W. R. Bion como uma fonte de estudos na compreensão do universo da infância contemporânea.

A partir dessa construção, nosso “fazer” analítico ganha novas perspectivas e novos questionamentos. O propósito dessa pesquisa é seguir aprendendo sobre a clínica psicanalítica de crianças, investigando aspectos da sexualidade infantil. Entendemos que o material clínico pode fornecer experiências, permitindo-nos refletir sobre nossas práticas e como selecionamos certos padrões da personalidade do paciente para tomá-los como material de análise. Se o tema que aparece na sessão evolve a sexualidade, por exemplo, nós, psicanalistas, temos um repertório de interpretações no que se refere a esses conteúdos. Recorro a uma vinheta clínica para refletir sobre essas diversas facetas implicadas no campo, com o objetivo de pesquisar aspectos do desenvolvimento infantil:

Paciente – Por que as fábricas de brinquedos não fazem brinquedos pra mim? Não gosto dessa coisa menino ou menina. Queria misturar os bonequinhos.

Analista – Por que não inventamos um brinquedo com as tuas ideias, se tu tiver paciência, sabia que tua inteligência pode fabricar um brinquedo?

Paciente – Como?

Analista – Usando um truque dos vovôs. . .

Paciente – Teus vovôs tinham fábrica de brinquedos?

Analista – Não estou falando dos meus vovôs. To falando que na época que os vovôs eram crianças não tinha computador . . . alguns vovôs quando tinham tua idade e não tinham dinheiro, eles usavam esse truque para inventar brinquedos. . .

Paciente – Que truque é esse?

Analista – Calma, me conta primeiro como teus bonequinhos misturados são, os bonecos que tu pensou?

Paciente – Aahh eu queria ter um vestido. . . Menino pode usar rosa, e menina pode jogar futebol. . .

E foi assim que, durante várias sessões, Marcelo pode expressar suas emoções por meio do brincar e desenhar. Conversando a partir do lúdico, improvisamos um truque para ampliar as possibilidades de o paciente vivenciar no seu fazer aquele momento. Legitimar seu jeito de associar livremente. Com a montagem de novos quebra-cabeças inventados por ele, que poderiam ser encaixados independentemente do modelo masculino/feminino oferecido pela caixa de brinquedos do meu consultório. Experimentou, no seu desenhar, que um contexto fabricado pode ser modificado. Acreditamos que tanto o brinquedo quanto a cultura podem ser tomados como “produtos ideais” à disposição do consumo, mas, de carona, engendram uma

linguagem de substituição, endereçando escondidos, uma falsa convenção natural. Dessa maneira, minha intervenção tentou explorar a forma de o paciente viabilizar e visualizar seu ponto de vista para a sessão acontecer, na urgência do movimento, naquele aqui e agora. De mãos dadas com seus sonhos, Marcelo foi montando e inventando seus bonecos misturados sem precisar nomeá-los antes de nascerem. A confecção, a realização por meio do lúdico constitui seu espaço e seu instante para integrar seu pensar. Tomar suas fantasias e produzir seu brinquedo criam as condições de experimentar suas possibilidades, e essa é a abertura que o processo de uma análise tem a oferecer. Marcelo brincou a sessão, comparando-se àquilo que Bion fala de sonhar a sessão, isto é, a relação analisando e analista promovem que a função psicanalítica da dupla explore e experimente suas emoções de forma criativa.

Consideramos que certos materiais que emergem da clínica, facilmente, ganhariam interpretações já saturadas pelo establishment psicanalítico, estabelecendo uma ação analítica que ilumina determinadas áreas da mente do paciente com determinadas tonalidades, excluindo outras áreas ou outros tons. Assim, alguns analisandos não se beneficiariam com a falta de uma linguagem de êxito no interior do tratamento, não desenvolvendo um crescimento mental autêntico, já que a atenção flutuante exigida no método sofreria interferências da memória e do desejo da cultura psicanalista.

Nessa mesma direção, Ernest Bloch (2005), no seu livro *O princípio esperança*, aponta que na ânsia da procura do viver uma experiência autêntica, podemos produzir desejos refletidos, ou seja, uma identificação mimética diante da normatização social e moral, estabelecendo um afastamento em relação à realidade do sujeito. Entendemos que essa descrição se aproxima do conceito de linguagem de substituição e agrega uma nova compreensão de como esse “piloto automático” surge nas situações clínicas.

Colocar as teorias psicanalíticas de Bion para trabalhar, nos permite construir novos vértices de observação em relação à sexualidade infantil. O fato de o tema tangenciar o brincar da criança na sessão, como ilustra a vinheta clínica, não significa que abordemos diretamente o material. O ponto de decisão na sessão, naquele momento, foi possibilitar a expressão de seu brincar livremente, para que o paciente explore e constitua sua identidade a partir de suas emoções, cabendo à função psicanalítica de sua personalidade ser capaz de transformar esses aspectos de uma identificação projetiva, “refletida” em um processo de construção para autenticidade de Marcelo em direção a si mesmo. Entendemos por função psicanalítica da personalidade a potencialidade que todo indivíduo possa ter em sua constituição psíquica. Fornecida pela função  $\alpha$ , trata-se de um elemento da mente capaz de discriminar emoções e

tonalidades dos conteúdos, permitindo que o self do indivíduo seja capaz de restaurar aspectos dissociados da mente e integrar suas emoções por meio de uma linguagem de êxito.

Em seu sistema teórico, Bion não está preocupado com o valor diagnóstico, mas fornecer em novas direções do fazer psicanalítico:

Sempre se pressupõe que estejamos aprendendo a nos comportar de um modo civilizado – desde o momento do nascimento. Em uma idade precoce, nós já aprendemos não só a não ser nós mesmos, mas quem devemos ser; nós temos um rótulo, diagnóstico, interpretação bem estabelecidos de quem somos. Só que os fatos continuam a existir. O que o paciente fala pode ser utilizado pelo analista como uma associação livre. [Por parte do analisando, pode ser que ele se engane, achando que é um modo de ignorarmos os fatos que ele comunicou. É necessário que o analista tenha claro, em sua mente, que isto não é assim]. No devido tempo, vai emergir um padrão que, então, por sua vez, pode ser interpretado. Como um subproduto, o paciente pode descobrir quem ele é. Pouquíssimas pessoas pensam que é importante ser apresentado a si mesmo, no entanto, um parceiro de quem o paciente jamais poderá se livrar, enquanto estiver vivo, é ele mesmo. (Bion, 1977/1979, p. 76)

Alguns padrões que se apresentam na fala dos pacientes nos disparam, em associações nada livres, frutos de nossa formação. Como não transformar nossas teorias em clichês na hora da sessão? Marina Ribeiro (2016) reporta o apego ao conhecido e à patologização do desconhecido como modos defensivos de se lidar com a experiência clínica. Sustenta, ainda, que se a constituição psíquica tem como qualidades distintas a polissemia e plasticidade, essas características inviabilizam normatizações.

Entendemos que, enquanto uma sessão ocorre, estão acontecendo múltiplos fatos. Quais, entre eles, selecionamos como sendo as possibilidades e os limites de um campo analítico? Quem é essa pessoa que se apresenta diante de nós, tentando ser ele mesmo? Quem somos? Quais vínculos formaremos?

Como, então, não tornar o desconhecido patológico? Como garantir que essa nova forma de observar o incognoscível se realize na clínica? Recorremos às teorias de Bion (1963/2004a), que propõe – se possível fosse – a sustentação de um estado mental disciplinado, desnudado de memória, desejo e necessidade de compreensão. Tais atitudes sustentam o pesquisar o inconsciente e a clínica psicanalítica como um projeto cujo objeto é a subjetividade do ser humano, sua capacidade de receber o sentido, sua experiência emocional, sua capacidade de produzir novos sentidos abertos em todas as direções, explorando um espectro de infinitas possibilidades. Portanto, a lógica da psicanálise é a dimensão simbólica do sujeito.

No aqui e no agora das sessões, o vínculo analista-paciente cria incógnitas, sem fornecer a ao paciente, pois a subjetividade acontece para além do modo civilizado e normatizado.

Destinos tão demasiadamente humanos trazem a tarefa de suportar as incertezas que o encontro com uma criança nos impõe. Parciário truque, convidei para que o paciente Marcelo seguisse se questionando por meio do criar algo que permitisse a expressão de sua singularidade. Sem querer corrigir sua percepção, nem tomar seu impasse – “não existem brinquedos feitos para mim” – como um caminho defensivo ou resistencial diante do reconhecimento das diferenças sexuais, optei por sugerir que ele pudesse sonhar e, depois, fabricar no desenhar, modelar e cortar seus próprios brinquedos.

Bion (1962/1991; 1963/2004<sup>a</sup>; 1970/2007) sugere que um tratamento psicanalítico deva conter vários vértices de pesquisa abertos ao desconhecido, e indefinidos. No recorte clínico, destacamos o desejo de brincar, a barreira social que fabrica um modelo binário do existir, a curiosidade, a expectativa do vínculo, o acontecer da sessão, o enfrentamento com o desconhecido e o mistério das emoções.

No artigo de 1962, chamado “Uma teoria sobre o pensar”, que se encontra em seu livro *Estudos psicanalíticos revisados*, Bion (1967/1994) formula uma teoria do pensar. Partindo das concepções do sonho em Freud, Bion refere que a capacidade de pensar os pensamentos nasce da dimensão simbólica, não possuindo um *locus* orgânico, uma substância, mas, sim, espaços vazios, configurações, campos sustentados pelos vínculos formados ao longo de um desenvolvimento do aparelho psíquico. Pensar é a faculdade humana da linguagem e da razão, impregnada de emoção, encarnada nas experiências da vida.

Assim, são as diferentes constelações vinculares que passam a ser consideradas como os objetos da psicanálise, são a base da condição humana. Vínculos que podem ser estabelecidos entre pessoas, entre partes do próprio aparelho psíquico, entre o indivíduo e os grupos, ou entre o indivíduo e a cultura. Os vínculos são catalisadores que dão origem às experiências emocionais. Sem essas experiências emocionais não existem construções de conhecimentos, não existem crescimentos. A esse complexo nominou como configuração edípica. Nessa perspectiva, a sexualidade é retirada de seu estatuto central, para ser tomada como mais umas das variáveis implicadas no viver humano.

Dínamo da condição humana, são os vínculos os promotores dos padrões de funcionamento mentais: imprevisíveis, desconhecidos e indeterminados. Bion descreveu, em *Cogitações* (Bion, 1992/2000), o pensamento como um produto desse campo interacional complexo e concebendo que os padrões de uma personalidade – tanto conscientes quanto inconscientes – possuem duas tendências intrínsecas: uma egocêntrica e a outra sociocêntrica. Presente no psiquismo humano, essa bipolaridade foi nomeada como o polo narcisista de um lado e o polo social-ista de outro. Se um sujeito com determinadas características, por exemplo,

tem um impulso amoroso narcisista em direção a outro sujeito, então, os impulsos de ódio daquele serão dirigidos contra o grupo de características opostas do objeto amado. Considera essa dualidade, como uma característica da mente, mas que se organiza na complexidade dos elementos psíquicos de uma personalidade. Consideramos que tais contribuições podem ampliar a prática psicanalítica.

Retomando a vinheta, Marcelo desejoso de tomar contato com suas constelações masculinas e femininas que compõem sua personalidade, projetando seu ódio no binarismo civilizado. No entanto, para que ele transformasse e integrasse suas emoções, apresentei em forma de narrativa, uma herança geracional (“os vovôs criativos”) permitindo que saísse desse impasse, questionasse, aproximasse e dele mesmo, emocionasse, acolhesse, criasse, expandisse e transformasse suas experiências.

## 8 PENSAR A COMPLEXIDADE

Lembremos que a etimologia da palavra “complexo” vem do latim *complexus*, *plecto*, *complector*, *plexus*, significando tecido entrelaçado, e também é associada ao conjunto de fatores que se amarram para constituir o pensamento. Foram Poincaré, Frege, Chardin, Freud e Bion, cada um em seu campo, pioneiros em compreender a necessidade de problematizar suas pesquisas em um âmbito complexo. Na psicanálise, devemos a Chuster (2018) a aproximação contemporânea da teoria da complexidade de Morin e o pensar complexo de Bion.

A cultura como complexo matricial também passa a ser incluída no campo de investigação psicanalítica. Morin (1991/2002) defende que a esfera noológica interfere na forma como os grandes sistemas de teorias e de ideias são organizados, vinculados e hierarquizados:

Assim como a biosfera comporta uma extraordinária proliferação de seres diversos, do vírus à sequoia, da pulga ao elefante, a noosfera comporta uma extraordinária diversidade de espécies, dos fantasmas aos símbolos, dos mitos às ideias, das figurações estéticas aos seres matemáticos, das associações poéticas aos encadeamentos lógicos. Mas, enquanto o conhecimento da organização núcleo-proteica permite captar, hoje, a unidade da diversidade viva, a vida múltipla da noosfera não é reconhecida em sua unidade; o seu domínio, perpassado por inúmeras disciplinas, é quebrado por essas disciplinas fragmentárias, ainda incapazes de se comunicarem-se entre elas. Há parcelas da noosfera que são cultivadas, mas a noologia é *res nullius*. (Morin, 1991/2002, p. 141)

Bion reflete sobre a incapacidade de Édipo assumir a responsabilidade de sua travessia. Toma o vértice da ética como uma investigação que merece maior aprofundamento no campo psicanalítico, porque justamente precisa ser correlacionado com outras disciplinas do conhecimento. Há uma dificuldade humana de aprender com os próprios erros, principalmente quando os remete a buscar novas referências e compreensões. A reflexão que fica é a de compreender quais os princípios que podem transformar intolerância, assassinato, incesto, suicídio, autodestruição, estreiteza mental, exílio, dispersão e ataque a comunicação em novos destinos.

Não há saída simples. Bion (1973/1992) aponta a importância de analisar diferentes vértices: científico, estético, religioso, ético. Aproximar-se daquilo que não conhecemos. Ainda que perturbador, deveríamos nos ocupar com o amanhã em relação ao que não sabemos. “Como pode o ser humano, com caráter e mentalidade humanos, não se interessar pelo futuro ou não

se preocupar com ele?” (p. 18). Apostar em um futuro promissor é ousar ter pensamentos férteis, independentes e resolutivos.

Ao constatarmos que Bion (1971/1973) investiga os vértices científico, estético, religioso, e ético, entendemos que ele promove um diálogo permanente com outros saberes, recorrendo a múltiplas e heterogêneas referências. Sua forma de escrever articulando-as conforme os usos de modelos exploratórios do seu processo de reflexão desafia seu leitor a recorrer ao desconhecido, a enfrentar a decepção frente a não receber algo simplificado e conhecido do establishment psicanalítico ou cultural.

Em seu modo de compreender as teorias, Bion refere que a busca de entendimento carrega a força da idealização ou glorificação e o pensar trabalhoso e difícil. Pensar é defrontar-se com a idealização ou com a destrutividade.

A fuga do autoconhecimento é fácil e pode ser extremamente violenta (através do auto assassinio). O grupo ou a sociedade podem, de modo semelhante, resolver todos os problemas através do assassinio de outro grupo, ou sociedade ou cultura. Estes impulsos assassinos, até o momento, não têm sido adequados porque o assassinato é penetrado pela coisa que ele assassina, ou a sociedade é penetrada pela cultura que ela está tentando destruir: a religião se torna impregnada da religião cujo lugar ela está tentando se apossar. (Bion, 1977/1987b p. 133)

Ao elucidar o potencial destrutivo do humano, Bion atreveu-se a pensar. Buscou soluções para os impasses da psicanálise. Diante da ética do poder que extermina e desorganiza, ele apontou para ética da responsabilidade, recorrendo a investigação científica, a ampliação da relação histórica, o sintético e o analítico enquanto aprender com a experiência, a comunicação coloquial e os consensos simbólicos, as dimensões da sexualidade, o idioma emocional, a autonomia, a capacidade de usufruir o viver, a aceitação do princípio da incerteza, a aceitação do princípio da infinitude do inconsciente e aceitação da transitoriedade e finitude da vida. São facetas que ainda estão sendo elaboradas e realizadas. (Chuster, 2018)

Quais os fatores que transformam a moralidade? A noção de futuro tanto está associada à expectativa de realização da pré-concepção, quanto da própria comunicação e comunhão da realização. Presente nos conteúdos oníricos e nas capacidades para ações esses elementos envolvem o aprender e o brincar das crianças.

O que se ensina para as crianças? Nos dias de hoje, o aprender ainda está associado ao controle de impulsos e à inibição de comportamentos indesejados. Aprender a pensar contém aspectos que podem ganhar novas dimensões, se pensados por meio de perspectivas complexas.

Fátima Freire Dowbor (2008), retirando de sua prática como professora, acredita que o processo do aprender exige a construção contínua de um modelo libertador e democrático sustentado pelo vivenciar. Ressalta que os modelos existem para ser recriados e aprimorados. É libertador porque aceita críticas como fontes de uma modificação que beneficia o próprio crescimento. Destaca que o assumir o não saber, sem escondê-lo, promove o diálogo e a transformação. Transformação que precisa ser gerada a partir do respeito ao conhecimento e a experiências individuais e do grupo.

Pensamentos embrionários sempre são apresentados em sua incompletude de semente. Ocupar-se da germinação pode ser uma tarefa de anos, a espera que uma árvore possa crescer e de uma floresta que se sustente. Lançamos, então, algumas sementes em torno das ideias a respeito da complexidade.

O termo complexidade, associado à lógica do conhecimento, começou a ser empregado na época em que Bion cunhou suas teorias, no final do século passado. Um dos autores que mais amplamente sistematizou e pensou a complexidade foi o filósofo, antropólogo e sociólogo francês Edgar Morin, o qual contribuiu para que construíssemos novas bases para pensar os tempos atuais. A partir de 1977, publicou o primeiro volume de sua mais importante obra, *O método*, que foi concluído em 2004, com a publicação do sexto e último volumes. Servem para aprofundar as pesquisas científicas de áreas humanas. Faremos, aqui, uma breve síntese para ampliações futuras.

Morin examina a complexidade da vida humana e, por extensão, o quão trabalhosas são as investigações das ciências.

O que é Complexidade? Complexidade, à primeira vista, é um tecido (*complexus*: o que é tecido em conjunto) de constituintes heterogêneos, inseparavelmente associados: coloca o paradoxo do uno e do múltiplo. Na segunda abordagem, a complexidade efetivamente é o tecido de acontecimentos, ações, interações, retroações, determinações, acasos que constituem o nosso mundo fenomenal. Mas, então, a complexidade se apresenta com traços inquietantes de confusão, do inextricável, da desordem, da ambiguidade. Daí a necessidade, para o conhecimento, de pôr ordem nos fenômenos, ao rejeitar a desordem a afastar o incerto, isto é, de selecionar os elementos de ordem e de certeza, de afastar, de retirar a ambiguidade, de esclarecer, de distinguir, de hierarquizar. . . Mas tais operações, necessárias para a inteligibilidade, correm o risco de a tornar cega, se eliminarem os outros caracteres do *complexus*; pelo fato de, e efetivamente, como indiquei, elas torna-nos cegos. (Morin, 1990, p. 20)

A vida contemporânea e a vida digital evidenciaram-se, intensificando disposições e características já existentes no ser humano, inaugurando uma nova linguagem. Já sabemos que o desenvolvimento tecnológico não trouxe somente progresso, ele também comporta e produz

deterioros específicos. Não podemos cair em um pensamento simplista, muitos exemplos podem ser pensados.

A ciência funda-se ao mesmo tempo no consenso e no conflito. Caminha sobre quatro patas independentes e interdependentes: a racionalidade, o empirismo, a imaginação, a verificação. Há conflitualidade permanente entre racionalismo e empirismo: o empírico destrói as construções racionais que se reconstituem a partir de novas descobertas empíricas. Há complementaridade conflitual entre a verificação e a imaginação. Finalmente a complexidade científica é a presença do não científico no científico, que não anula o científico, mas pelo contrário lhe permite exprimir-se. (Morin, 1990, p. 153)

Então, simultaneamente, nosso mundo sofre evoluções, revoluções, regressões. De crise em crise, após a bomba atômica, deflagrou a realidade que, de fato, podemos ser uma ameaça para nós mesmos e para nosso planeta.

Edgar Morin postulou um método para investigação científica com a intenção de fundamentar e problematizar nossas práticas profissionais a partir desses novos cenários. Como psicólogos e psicanalistas, independentemente de qual campo atuarmos – escolar, social, clínico, organizacional ou institucional –, podemos recorrer a essa ferramenta epistemológica, para seguir trabalhando de forma viva, produtiva, ética e preocupada com a melhoria das condições psíquicas das pessoas que atendemos. Chuster (2018) fez um grande esforço de sintetizar as ideias de Morin, e resume seus os princípios partir de:

1. Noção de sistema (conjunto de partes diferentes, unidas e organizadas. É preciso juntar as partes ao todo e o todo às partes.). Por exemplo, sistema familiar, sistema social, sistema gástrico.

2. Circularidade (caráter retroativo do sistema. Contrária à ideia linear, sugere uma causalidade circular na qual o próprio efeito volta à causa). Por exemplo, a formação de falsas concepções: os negros eram selvagens, as mulheres são mais submissas, homens são mais bélicos.

3. *Looping* autopoietico (somos o produto de um ciclo de reprodução que produz gerações e gerações. O produto é o próprio produtor. Efeito ao mesmo tempo é causa). Por exemplo: as crianças constroem novas bases de relacionamentos.

4. Hologramático (oposto ao linear. Parte está dentro do todo e o todo está no interior das partes). Por exemplo, a relação de uma criança com a mãe. Mãe grávida se transforma.

5. Dialógico (é necessário juntar princípios contraditórios, antagônicos e que são, ao mesmo tempo, complementares). Por exemplo, para investigarmos a mente e o corpo, o sexo e o gênero, a natureza e a cultura, são necessários aportes de conhecimentos diferentes, mas o humano é pensado como integrante da natureza.

6. Rejuntar aquele que conhece ao seu conhecimento (integrar o observador à sua observação e o conhecedor ao seu conhecimento).

Chuster (2018) ainda destaca que Morin, em seu método, institui quatro eixos para guiar a Ética da Tolerância e do Respeito, a saber:

1º Eixo – Princípio da Livre Expressão: Voltaire diz “suas ideias são odiosas, mas morrerei pelo direito que você tem de exprimi-las”. Expressar é diferente de esbravejar, protestar. Estudar os efeitos das práticas: agulhas para desativar bombas. Radicalização é uma forma de totalitarismo.

2º Eixo – Instituição Democrática: permite e encoraja o conflito de ideias, a condição de que não assuma uma forma de afrontamento físico e violento. A Democracia exige respeito às minorias diversas da maioria. A verdade pode não estar com a maioria, mas, sim, o que há é uma hegemonia de poder, na tentativa da sua manutenção. Assim, as realidades como das pessoas com deficiência, dos indígenas, o racismo, das pessoas LGBTQ+, dos refugiados e dos imigrantes, conflitos e direitos humanos, a preservação do meio ambiente, devem estar na pauta das pesquisas.

3º Eixo – Conceito de Pascal: “O contrário da verdade não é o erro, mas uma verdade contrária.” Existem visões de mundo opostas, como conviver respeitando as diferenças; torna-se um desafio a ser debatido, promovido e garantido.

4º Eixo – Conceito de Niels Bohr: “O contrário de uma verdade profunda não é o erro, mas outra verdade profunda.” Diferentes campos de conhecimento podem dialogar e trabalhar propositivamente.

Assim, Chuster (2018) sustenta um exame conjunto entre os recursos das formulações acima citadas com a teoria da pré-concepções de Bion, na medida em que o objeto psicanalítico necessita ser posto em uma lógica complexa, para se afirmar e se reformular a partir de uma perspectiva transitória e inconclusiva.

Dialogar com outros conhecimentos garante que o pensamento possa tomado como uma ação que norteia, promove a integração da elaboração da vigília com a elaboração onírica. As formas de comunicação propiciadas pelas mídias sociais, assim como os antigos conflitos presentes no viver humano, exigem a consideração desses parâmetros mais complexos. O viver

contemporâneo e a comunicação digital revelaram e potencializaram disposições e características já constituintes do ser humano. Novos elementos, no entanto, necessitam ser investigados. A inconsistência das normas que regulam os vínculos recíprocos entre os indivíduos nas suas famílias, nos grupos, no Estado e na sociedade sofre a influência do desenvolvimento tecnológico, comportando metamorfoses, rupturas, transmutações, novos padrões e desestruturações específicas na noosfera humana.

O pensar não é um sistema fechado com uma lógica própria da mente, submetido a processos normatizantes e patologizantes. Pensar o pensar requer considerar no seu espectro os indivíduos, assim como os fenômenos noosféricos: condições sociais, determinações culturais, históricas e religiosas. Evidentemente a especificidade do conhecimento psicanalítico promove em sua formação/transmissão certo desequilíbrio.

Sor e Senet de Gazzano (1992) ao observarem crianças de três a sete anos de idade, formulam que o jogar é uma atividade do vínculo K; portanto, contém uma função matricial no desenvolvimento e na evolução do aparato de pensar os pensamentos. A criança aprende a partir do prazer e da ação de jogar, situando-a na parte psicanalítica da personalidade (não-psicótica), vivenciando uma ansiedade tolerável, não excessiva e uma voracidade abrandada.

O ato lúdico produz uma aceitação tácita nos quais os desejos tendem a se apresentar de forma atenuada. . . . Os fatos da vida cotidiana são suspensos para dar lugar a outra categoria de fatos; os fatos lúdicos. Uma mamadeira deixa de ser uma mamadeira e é um trem. Para isso deve suspender parte do desejo de ter um trem de verdade, para jogar, de recordar como são os trens y o pouco que se parecem com as mamadeiras. (Sor & Senet de Gazzano, 1992 p. 200)

Para alcançar o referido lugar, será necessário vivenciar a segurança de relações de objetos consistentes, para evitar zonas da parte psicótica ou da parte fanática da personalidade – vistas como uma deterioração da integração do pensar. Cabe ao analista trabalhar os fatores mentais e emocionais que garantam a criança experimentar o lúdico, seja por meio do brincar, desenhar ou jogar.

## 9 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Passados em torno de quarenta anos das vindas de Bion ao Brasil (São Paulo, Rio de Janeiro e Brasília), as repercussões e os efeitos de sua presença se transformaram, promovendo, em diferentes regiões de nosso País, difusão em torno do modo peculiar de seu trabalho. Em relação às Universidades esse crescimento foi mais discreto.

Ao participarmos, em 2011 e 2018, de dois Encontros Internacionais sobre Bion, percebemos que existe uma atmosfera viva e profunda que sustenta seu legado. Ao ampliar a observação para a multidimensionalidade da mente e experimentar infinidade de transformações possíveis para cada processo psicanalítico, ele nos fez questionar as condições de possibilidade da psicanálise. Sua escolha é abrir mão do vértice psicopatológico clássico e sustentar uma conversa infinita, permitindo que cada analisando compreenda seu modo de ser, e isso o credencie para que possa modificar aquilo que o impede de ele ser “ele mesmo”. Não há garantias no processo, mas chances de postular uma vida que vibre a partir de uma constelação emocional mais autêntica.

O trabalho psicanalítico com crianças a partir dos recursos teóricos e clínicos sugeridos por Bion ganha ferramentas que trazem maior vivacidade mental quanto ao reconhecimento das diversidades subjetivas de cada indivíduo, a partir das investigações das funções e dos fatores da personalidade humana. O fato de usar o conceito personalidade já demonstra a importância de buscar, na flexibilidade, um modo de operar o método. A incerteza e a incompletude como princípios de observação são aspectos que tornam a tarefa do psicanalista mais complexa.

Na psicanálise de Bion, pensar o complexo supõe observar o aparelho de pensar pensamento em seu autoarranjo, performando as diferentes lógicas de funcionamento mental. Em camadas, incluindo a noosfera ( $\Sigma$ ), ao emergirem simultaneamente expõem certos padrões que serão trabalhados em análise na técnica do brincar e do jogar com a criança.

No caso de Marcelo, por exemplo, um garoto criativo e curioso, foi possível explorar suas emoções e suas interrogações a respeito de suas vivências, sem que as regulações sobre os papéis culturais acerca do masculino ou do feminino promovessem regulações prematuras ou gerassem opacidade e engessamento de certas funções simbólicas. Seu brincar sendo exploratório criou uma atmosfera de segurança e aprendizado. Se certos cuidados emocionais não forem garantidos à criança, seu viver e seu pensar poderão ficar comprometidos. A busca de investigar o que a psicanálise tem a contribuir a nível individual e grupal marca a ética de Bion, que tenta reintegrar os estatutos da consciência e da responsabilidade no trabalho psicanalítico. A teoria do pensar visa a observar e a investigar tanto os processos conscientes e

inconscientes da mente, colocando-os na multidimensionalidade do acontecer humano. Essa condição destina caminhos, pois faz o psicanalista se implicar nos vínculos que estabelece com seu paciente e o grupo que cerca a criança em análise. A responsabilidade engendra uma busca, um comprometimento disciplinado e ativo nos envolvidos no processo. Essa busca envolve o pensar e o investigar em suas diferentes facetas.

Lembremos que Bion nunca tratou crianças em seu consultório, mas ao colocar em relação às diferentes experiências do ser humano, explicitou muitas das características do pensar que se correlacionam com o modo de aprender, ou o não aprender.

O Sacerdote e outros parecem pensar que nós, os psicanalistas, apregoamos saber. Encaro qualquer coisa que “sei” como sendo uma teoria transitiva – uma teoria “a caminho” do conhecimento, mas não o conhecimento. É meramente uma “parada para descanso”, “uma pausa” onde eu possa ficar temporariamente livre para estar consciente de minha condição, mesmo que esta condição seja precária. (Bion, 1991/1996, p. 46)

Se por um lado a proposta de Bion nos coloca na condição de precariedade quanto ao conhecimento, por outro, expande as ferramentas técnicas para se trabalhar a temporalidade e o campo de investigação no sentido de procurar flexibilizar a solução de problemas. Nessa perspectiva, o trabalho com crianças ganha mais recursos.

Aguentar a precária condição humana é uma tarefa que exige tolerância e o incremento de um aparelho para pensar/sentir pensamentos/sentimentos. Mergulhar nas ideias de Bion é estender essa tolerância para experimentar sua “parada para descanso” na dimensão do desconhecido. É um exercício exigente, ousado, maluco até nos colocando em áreas mentais incompatíveis e turbulentas. Nada de novo acerca do dia a dia do trabalho psicanalítico, mas acreditamos que esse autor nos convida a acurar nosso senso de observação implicando a personalidade do pesquisador psicanalista no campo observacional. Sem novidades nesse postulado já apregoado e retirado das proposições de Freud. No entanto, as contribuições de Bion residem em discriminar e estabelecer relações no que diz respeito aos diferentes recursos que operam na personalidade humana e no uso que cada sujeito faz de si mesmo, de suas emoções e de seus vínculos.

Quando nossa mente procura construir caminhos para entender o que se passa diante do viver, a primeira “pausa” se trata de uma tentativa de agarra-se ao conhecido – ainda que seja para entrar em contato com recursos ou elementos inconscientes – por meio de analogias, metáforas referenciais de causa e efeito, tempo e espaço. Somos precários e errantes. Diante do desamparo e da dependência, inventamos possibilidades. Diferentes modelos foram criados por

pensadores geniais ou por esforçados anônimos que, ao longo de anos, consolidam o modo de vida de nossa espécie. Nossas boias imaginárias veiculam sonhos e racionalidade simultaneamente para se lançar ao mundo da experimentação. Boias que instauram uma presença, mas logo em seguida só nos salvarão quando se transformarem em ausências, hiatos, brechas que impedem a redução do conhecido e do desconhecido. No entanto, as boias podem virar bombas, destrutividade, fanatismo e arrogância. A função da análise é pensar e apontar para uma ética da responsabilidade.

Bion juntamente com as compreensões de Chuster serviram de suportes para nossa tentativa de investigar a clínica psicanalítica de crianças. Destacamos que os trinta anos dedicados ao trabalho em consultório e os vinte anos partilhados com os estudos de Bion com Arnaldo Chuster dificultam uma precisão da escrita acadêmica. Muitas vezes, como uma barreira de contato, perdemos a referência de onde começa o pensamento de Bion e onde se encontra com a sabedoria de Chuster. Também consideramos difícil transpor os limites de nossa inexperiência na escrita acadêmica para elaborar um estilo próprio, sem repetir as ideias ou as formas da escrita desses autores. Escrever sobre a clínica psicanalítica é uma tarefa distinta do realizar a clínica, exigindo capacidades que ainda estão em desenvolvimento. Outra dificuldade da escrita é o fato de também existir uma restrição ética, no sentido de ilustrar um material clínico, no caso as vinhetas, de indivíduos que ainda não podem decidir por si mesmos sobre a autorização de uma publicação. Ainda que seus pais tenham consentido, há sempre a preocupação do sigilo e de respeitar a intimidade das crianças. Optou-se por trazer materiais que não exponham a subjetividade da criança.

No atendimento clínico de bebês e crianças defrontamo-nos de forma mais explícita, com a incerteza e com a incompletude. Ao tomar essas condições como princípios da vida, Bion situa o princípio do prazer como pertencente com outras lógicas fundamentais da mente. Assim, quando uma criança desperta sua curiosidade em relação à sua sexualidade, por exemplo, simultaneamente está envolvida com outros elementos mentais. Em termos dinâmicos, vibram pelos movimentos  $PS \leftrightarrow D$  e  $\text{♀} \leftrightarrow \text{♂}$ . Toda essa atmosfera multidimensional cria diferentes matizes para a sexualidade de uma criança. Observar e trabalhar esses aspectos, que são nomeados por Bion pela situação edípica, torna a tarefa psicanalítica mais trabalhosa e complexa.

Se o trabalho da mente não é realizado a partir do ponto de vista bidimensional, por que ainda insistimos em tomar a interpretação dirigida ao paciente como sendo só algo que pode recuperar um nível de sentido inconsciente? Para Bion, tornar consciente o inconsciente não é o suficiente. Os funcionamentos psicóticos e autísticos estão presentes em todos os indivíduos,

e os padrões derivados deles, como na arrogância, a estupidez, a curiosidade mórbida e o fanatismo precisam, na verdade, ser transformados e incoscientizados. Trabalhar diante dos aspectos destrutivos de cada dia são vértices que a psicanálise ainda necessita evoluir.

Desde que o homem colocou em marcha seu plano arrogante – como um pensamento selvagem – dando fim à evolução natural, caímos no abismo irreconciliável da linguagem. E o cadáver do real não pode ser enterrado, porque nunca mais poderá ser apresentado. No entanto, as sombras da culpa e da morte seguem incompreensíveis. Distinguir o inacessível do desconhecido como padrões humanos altera o modo de intervenção na clínica. O mito de Édipo nos apresenta, em seu modelo essa sombra que assombra o ser humano: a irreversibilidade de um retorno, de uma garantia messiânica ou de um assentar na verdade. A riqueza do mito é justamente abrir essa reflexão sobre a condição humana. Essa é a tragédia. A sexualidade, portanto, torna-se mais uma realização humana. Não há centralidade (a não ser como mitos, pensamentos oníricos e sonhos: C). Nada é idêntico a si mesmo, a linguagem não dá conta do que ela quer dizer; há sempre outro sentido, que remete a outro sentido. É para descrever esse deslocamento para o campo da linguagem, dando um estatuto clínico, foi que Bion criou sua teoria do pensar, utilizando-se de problemas filosóficos, criando dispositivos clínicos que contribuam para que a psicanálise garanta seu não lugar no campo do conhecimento como uma ferramenta útil para a vida humana.

Bion desafia que o leitor amplie sua mente diante de um campo de investigação desconhecido, explorando, sem encerrar-se nas definições. Sua riqueza está no caminho, no processo que convoca a observar, partindo dos sentimentos, analisando e reiterando a incerteza, a incompletude, a indecisão. Mas como isso se expressa no campo da clínica? Na condição de psicanalistas de crianças somos convocados a dar a continência necessária para aflições e conflitos, sem oferecer um alívio prematuro ou anestésico. A função da psicanálise é oportunizar uma escuta, a partir do inconsciente, para que o paciente possa conhecer-se. É comum que em determinadas circunstâncias, por demanda dos próprios pacientes, ou por demandas dos grupos aos quais pertencem, a tarefa psicanalítica pode sofrer obstruções ou desvios para finalidade pedagógica, assistencial, psicológica ou doutrinária. A psicanálise é um trabalho lento, mas seus efeitos são profundos.

Acreditamos que Bion recolhe, no legado de Melanie Klein, o movimento mental entre PS e D e extrai a importância da reparação como reintegração e reiteração da função  $\alpha$ . Ao elaborar a teoria do pensar, Bion procurou sistematizá-la por meio da Grade, de modo que a teoria e a clínica – ainda que preservando seus antagonismos – pudessem se complementar mutuamente. Salientando que a Grade seja uma ferramenta de trabalho pós-atendimento, sugere

que, ao aplicá-la, o postulado pensar, seja substituído por sentir, visto que as emoções são uma faceta dele. Acrescenta, ainda, que essa é, em geral, a formulação empregada pelo paciente: sinto que “De modo a indicar a ênfase no conteúdo emocional, falarei mais de ‘sentir’ do que de ‘pensar’, mas a grade permanece inalterada para a categorização de ‘pensamentos’ e ‘sentimentos’.” (Bion, 1967/1994, p. 104).

Esse recurso auxilia que a intuição do analista possa captar a psicomecânica do pensar-sentir do paciente expressada no interjogo de ♀ e ♂ e entre as posições esquizoparanoide e depressivas. Em crianças pequenas, o acompanhar esse processo sendo construído pode auxiliar em seu crescimento. Bion destaca a importância do reassuramento terapêutico obtido pela criança por meio do jogo ou do brincar ser capaz de realizar, na experiência emocional, algo de criativo, integrador e harmonizador, e que pode ser usado como um fato externo que se opõe a uma depressão, ou turbulência interna.

Seus modos de observação se atentam para a inter-relação entre os aspectos conscientes e inconscientes, e podemos, então, tomar sua descrição a respeito do pensamento onírico de vigília para formular intervenções técnicas mais alinhadas com o mundo interno e os recursos do paciente.

Acredito que a dependência que a vida de vigília tem em relação aos sonhos foi subestimada; acredito que essa dependência é ainda mais importante. Vida de vigília = atividade do ego e, em particular, a atividade do pensamento lógico na síntese de elementos, isto é, partículas características da posição esquizoparanoide. A função do sonho é tornar esses elementos adequados para a estocagem, constituindo assim, o conteúdo do que chamamos de memória. Vida de vigília = atividade do ego = operação lógica. Isso, por sua vez, é essencial para síntese e comunicabilidade ou publicação. (Bion, 1992/2000, p. 60)

Os conteúdos do pensar/sentir ao ser submetidos à função  $\alpha$ , dão as impressões sensoriais durabilidade e armazenamento (memória). As impressões precisam ser transformadas em ideogramas, audiogramas, oftalmogramas ou sinestesiogramas.

Quer dizer, caso a experiência seja uma experiência de dor, a psique deve ter uma imagem visual do esfregar de um cotovelo, ou de uma face em lágrimas, ou de algo assim. Mas nesse momento surge aqui uma nova característica, subordinada ao princípio dominante: o princípio do prazer-dor ou o princípio de realidade. Se o princípio de realidade estiver dominando, o objetivo do ideograma será tornar a experiência adequada para armazenagem e recordação; se o princípio do prazer-dor estiver dominado, o objetivo do ideograma tenderá a ser o valor que o objeto tem, enquanto objeto excretável. (Bion, 1992/2000, p. 78)

O valor do trabalho onírico pode derivar as formas de comunicação que se expressam por meio de narrativas, dos jogos, do brincar lúdico, das grafias, de sonoridades musicais e de derivados oníricos de vigília. É a partir dessas expressões que se dá o trabalho clínico.

Não é fácil desenvolver o treinamento necessário para se instrumentalizar na clínica psicanalítica de Bion, pois seu modo de escrita não é linear e sistematizado. Segue sua lógica de pensar.

A experiência de ler a obra inicial de Bion inclui a oscilação entre esclarecimento de obscuridades e obscurecimento de esclarecimentos em um círculo hermenêutico progressivo. Além disso a experiência de aprender com a experiência de leitura dessa obra tem algo a ver com a natureza de Alice no País das Maravilhas. O mundo todo da teoria psicanalítica parece diferente à medida que se lê Bion porque isso é diferente. Palavras e ideias que já foram familiares tornam-se estranhas, e o estranho torna-se “familiar”. (Ogden, 2014, p. 150)

No seu exercício do pensar, Bion elabora um caminho singular e procura no inesperado, uma estética que nos liberta do lugar comum. Sua sabedoria colhida de diferentes épocas floresce em delicadas texturas, tons e fragrâncias para os que desejam aproveitar a beleza de caminhar e sua companhia:

Se re-leio uma das minhas próprias anotações, sabendo que ela incorpora aquilo que, para mim, quando a escrevi, era conhecimento, a mesma anotação pode parecer tautológica; ou pode expressar tão inadequadamente um significado que, se um intervalo de tempo me separar do estado de mente no qual eu estava quando eu escrevi a anotação, ela não vai comunicar sua mensagem nem mesmo para mim. Mesmo assim, a capacidade desta anotação para registrar algo é suficiente para me possibilitar o contraste entre duas visões diferentes e, portanto, ver seus defeitos tanto como um registro (coluna 3), como um precursor de investigações posteriores (coluna 4). (Bion, 1965/2004b, p. 124)

Muitas vezes, a sensação de estar perdida anda de mãos dadas com a trajetória de estudar Bion. Depois de tantos anos, a diferença é que isso, esse frio interior, esse medo do desconhecido já não precisa ser rejeitado, simplesmente está ali. É. Oscilante, provoca a conjunção de uma constante procura; assombra diante de minha impossibilidade de pensar claramente, e comunicar, agora por esta escrita, o modo como compreendo a prática psicanalítica.

A concomitante formulação dos elementos mentais com os elementos de formulação geométrica, que se expressam na Grade, segue sendo de difícil compreensão. No livro *Transformações – do aprendizado ao crescimento*, usando as coordenadas cartesianas e

tomando o cálculo algébrico, Bion (1965/2004b) parece não ter a menor preocupação de explicar ou demonstrar didaticamente a aplicação clínica das noções dos pontos e das retas, de todas as abreviações e siglas criadas, provocando no leitor a vontade de abandonar o livro. Penetrar nesse abstrato mundo é um ato de fé; como o próprio autor sugere. Sua intenção é colocar os conceitos para conversarem. Solene e sem cerimônias, shakesperiano e papo reto, sincretismo indiano e pontualidade britânica, om sagrado e O matemático. À medida que o tempo transcorre, essa complexidade vai se evidenciando, surgirão mais confusões, outros ordenamentos, mais ou menos emoções, mais perturbações, diferentes padrões de percepções, mais evasões, até que uma intuição necessária integre essa diversidade de movimentos da “mente e corpo”, *self*, personalidade e o leitor consiga fluir nesse estilo. Sem se dar conta o pensamento está sendo, formulando conceitos, realizando ações que apontem a direção que o leitor deseja seguir.

De forma leiga, existem aproximações desse modo de tomar o pensamento, considerando a forma geométrica: “cada um no seu quadrado”, “desce redondo”, “viajou no cosmos”, “fulano tem uma reputação reta”, “deu uma curva”, “tomar distância” etc. A espacialidade do pensamento é mais assimilada no pensar artístico, no olhar e no representar do pintor ou escultor. Também o cantor para exercer sua arte, acessa ao vocalizar, os espaços por onde o ar e a voz circulam – pulmões, diafragma, fossas nasais, cavas da face. Dimensão sutil, todo o crescimento das crianças será influenciado pelas condições desse pensar.

Similarmente o psicanalista, pede uma licença poética para a turbulência emocional e busca esse estado mental livre e flutuante nas dimensões internas de si, até que o registro da presença do outro o arranque de sua solidão. Sim, profissão impossível, mas é justamente a “insuficiência do resultado” que a torna potente. E necessária para marcar posições diante do horror, das violências, dos preconceitos e de nossas humanidades. Analisar interminavelmente os princípios éticos e estéticos com os quais queremos vivenciar nosso lugar nesse mundo.

Penso que a teoria de Bion (1977/1981b) fornece inúmeras proposições no que diz respeito a uma pesquisa psicanalítica engajada, que toma como tarefa a análise das relações de poder. Quando escuta repetidamente os discursos de Hitler, descrevendo “contágio” do grupo, quando denuncia o establishment e, sutilmente, discrimina o papel do psicanalista das instituições psicanalíticas, usando a expressão “clamor da belicosa quadrilha psicanalítica”, considero que está preocupado em pensar e analisar a própria psicanálise.

Entendo que sua preocupação em descrever o progresso da mente humana, criando a teoria do pensar, oportuniza a reflexão sobre o desenvolvimento infantil. O contato com crianças pequenas, ou a nossas lembranças de como percebíamos o mundo, auxilia a capturar a

sutil cesura e as nuances, que vão desde a concretude do pensamento infantil até a organizações mais sofisticadas. Penso que é justamente no período de desenvolvimento das crianças que denominamos, na psicanálise, de fase edípica, na qual emergem essas transformações. A partir dos três anos, não haverá só um rearranjo emocional da criança em relação às figuras paternas, mas também poderá ocorrer uma maturação, uma nova forma de perceber o viver no mundo. É a sexualidade que traz isso? No compreender de Bion, são os aspectos mais abrangentes do humano, compreendendo toda sua complexidade e incluindo o ser, pensar, sentir, agir, enfim, viver no mundo. A sexualidade seria uma faceta desse caleidoscópio chamado ser. Analisar ou realizar uma pesquisa psicanalítica vai exigir uma maior abrangência e a introdução de novos princípios de observação. Pesquisar as pequenas facetas, a sexualidade da criança, por exemplo, exige essa dimensão mais ampla. Esse é o desafio de produzir pesquisas usando Bion como referência. Pretendo ousar enfrentar esse desafio.

Em certos momentos, associo ao estilo de Bion ao mestre indiano antigo das filosofias matriarcais, que, ao receber um praticante interessado em obter os ensinamentos retirados de uma vida inteira de aprendizados, entrega-lhe uma vassoura e um pano de chão para limpar a casa. Ainda que seja um convite honroso para habitar e frequentar a casa do mestre, a entrada e o partilhar da intimidade começam na manutenção do ambiente e na sustentação do desejo de abrir a mente para o simples, o sutil e o não conhecido. Não se trata de meritocracia, mas de experimentar todas as facetas do estar no mundo ao mesmo tempo.

Não credito seu estilo ao fato de Bion ter nascido na Índia, mas certamente a alegria e a amorosidade de suas duas babás indianas, com o contraste da frieza anglo-saxônica de sua mãe, tenham marcado sua personalidade. Bion (1982) saiu da Índia aos 6 anos de idade, mas sua autobiografia descreve esses primeiros tempos de sua vida com uma riqueza emocional tocante. Lembra-se das cores intensas das paisagens, das brincadeiras e das travessuras com a irmãzinha, da sobriedade e do rigor do pai. Destaca o quanto sua curiosidade infantil não era acolhida pelos adultos.

É significativo que compõe as interrogações da Grade, lembrando que quando criança, antes mesmo de aprender a ler, declamava um poema do escritor indo-saxão Rudyard Kipling. Frente ao que entendemos por amnésia infantil, penso que Bion trabalha de um modo não reativo, mantendo a curiosidade e o respeito à personalidade da criança. Parece conseguir acessar por meio do treino rigoroso de sua intuição, a cesura, uma quadri-dimensão que rearranja os vértices analíticos, a intuição e a singularidade de cada personalidade. O fato é que Bion pesquisou o aprender com a experiência e, nesse sentido, tem um olhar diverso para o infantil pautado investigação do que significa aprender.

Bion (1962/1991) representou com o escudo de marte (Áries) e o espelho de Vênus (Afrodite) – símbolos da cultura europeia, o masculino e o feminino (♀ ♂) – a relação continente conteúdo. Também toma esses elementos como outra dimensão da cena primária, referindo-se a essa cena como uma pré-concepção edípica. O vínculo continente-contéudo é o desdobramento de como uma pré-concepção edípica se realizou. A pré-concepção edípica pode se desdobrar de infinitas formas. Assim, por que a final a psicanálise normatiza uma, a heterossexualidade, e esquece e negligencia e tiraniza a transexualidade e a homossexualidade? A psicanálise precisa pesquisar tais desdobramentos, principalmente no que se refere à construção da identidade psíquica das crianças pequenas em diferentes condições socioambientais.

Na atualidade, a relevância de pesquisar sexualidade e temas relativos às identidades de gênero, é investigar como o caráter heteronormativo pode engessar a prática clínica, permitindo o reconhecimento da diversidade de gênero em oposição ao binarismo masculino/feminino. Novas formas de configurações familiares que compõem o panorama atual, demandam o trabalho psicanalítico seja revisado. Ao não analisamos a fatoração das funções da personalidade, não estaríamos produzindo –K, em relação a essas questões?

A falta de curiosidade que pode expressar a polaridade, -K, pode, por exemplo, anunciar uma forma de relacionar-se com o conhecimento que, muitas vezes, acaba recebendo um diagnóstico de transtorno de desenvolvimento, ou com TDAH. Pensar por meio das funções da personalidade ajuda a detectar como os diferentes níveis de abstração e emoção estão vinculados. Bion (1963/2004a) destaca que a dimensão negativa da experiência emocional sempre terá uma extensão social. Internamente, um vínculo negativo, será expulso pela identificação projetiva, a procura de um continente, de uma relação social que transforme esse conteúdo. Intrinsecamente, a mente não consegue anular os sentimentos, ou negar que algum conhecimento foi produzido nas interações vinculares, mas ela pode evacuá-los com um auxílio de um grupo. -K significa rejeitar o conhecimento e a busca de um novo conhecimento. Os diferentes grupos responsáveis por partilhar o projeto do aprender a pensar/sentir das crianças podem estar servindo-se de uma ética de poder e controle. Considero o quanto essas questões podem ser ainda mais pesquisadas e o quanto é importante a psicanálise ocupar-se das questões vinculares, principalmente quando se pensa no aprender, no brincar e no crescer das crianças.

É interessante de pontuar como a elaboração do pensar de Bion se aproxima com a metodologia de Morin, que sugere uma complexização multidimensional para o conhecimento do ser humano, propondo a integração de diferentes saberes antropologia, sociologia e psicologia:

Como já sugerimos, a institucionalização da família e a regulamentação da sexualidade vão suscitar em cada indivíduo, criança ou adulto, feminino ou masculino, uma efervescência de problemas subjacentes (muito esquecidos pela antropologia, mas bem revelados pela psicanálise), que vão, de maneira oculta, complexizar extraordinariamente a vida afetiva e as relações humanas. A regulamentação da sexualidade vai favorecer o trabalho subterrâneo de um eros que deixou de ter fronteiras ou freios biológicos, instituir uma incerteza confusa entre sentimentos familiares e sentimentos libidinosos, estabelecer uma dualidade entre o casamento e o desejo, suscitar novas e múltiplas contradições, que por sua vez, criando redes clandestinas de amores proibidos e labirintos secretos de desejos ilícitos, vão aumentar a complexidade social e repercutir-se sobre a hipercomplexidade cerebral. (Morin, 1991/2002, p. 167)

Buscar a integração com outros saberes e ao mesmo tempo reconhecer o que é específico da psicanálise segue sendo nossa busca clínica.

Queria finalizar prestando uma homenagem ao meu primeiro analista e antigo professor de filosofia desta Universidade. Com seu espírito questionador, empolgado, autônomo, inspirou-me a buscar o conhecimento em diversas fontes, tanto na tradição quanto nos autores contemporâneos. Entendo que seu posicionamento filosófico, ainda que parta do pensar de Heidegger. Penso que sua análise diante do pensar, pode conversar com as concepções de Bion:

Assim, pensar não é saber, nem apenas conhecer. Pensar vem ligado com irrem, errar no sentido de errância, um vagar, um ir e vir do ser ao ser-aí, um achar-se e perder-se na finitude, entre velamento e desvelamento, um deixar-se levar na compreensão e na interpretação. A fenomenologia não busca a certeza como paralisia conceitual. É por isso que pensar não salta de conceito em conceito, ou os articula numa sentença verdadeira ou falsa. Desse modo, a verdade traz sempre a remissão a seu outro lado, a não verdade. Em lugar de conceitos temos apenas “indícios formais” – *Formale Anzeige* –, aproximações. Os indícios formais são o instrumento da fenomenologia. Pensar como errar, é deixar aparecer os indícios, não os conceitos acabados, por isso indica o vagar, a errância. (Stein, 2011, p. 12)

## REFERÊNCIAS

- Abraham, Karl (1970) O primeiro estágio pré-genital da libido. In K Abraham, *Teoria psicanalítica da libido*. (pp. 51-80). Rio de Janeiro: Imago, 1970. (Trabalho original publicado em 1916)
- Alvarez, A. (2015). Entrevista com Anie Alvarez. In M. Selaibe, & A. Carvalho (Org.), *Psicanálise entrevista* (Vol. 2, pp. 72-81.). São Paulo: Estação Liberdade.
- Arantes, G. (n.d.). Lindo balão azul. *Letras.com.br*. Recuperado de <https://www.lettras.com.br/guilherme-arantes/lindo-balao-azul>.
- Arendt, H. *Eichmann em Jerusalém: um relato sobre a banalidade do mal*. São Paulo: Companhia das Letras, 1999. (Trabalho original publicado em 1963)
- Bion, W. R. (1973). A grade. *Revista Brasileira de Psicanálise*, 7, 103-129. (Trabalho original publicado em 1971)
- Bion, W. R. (1975). *Conferências Brasileiras: São Paulo 1973*. (Vol. 1). Rio de Janeiro: Imago.
- Bion, W. R. (1978). *Experiência com grupos: os fundamentos da psicoterapia de grupos*. Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1961)
- Bion, W. R. (1981a). Cesura. *Revista Brasileira de Psicanálise*, 15(2), 123-136. (Trabalho original publicado em 1975)
- Bion, W. R. (1981b). A grade. *Revista Brasileira de Psicanálise*, 15, 102-129. (Trabalho original publicado em 1977)
- Bion, W. R. (1982). *The long weekend: 1897-1919: part of a life*. London, NW: Karnac.
- Bion, W. R. (1985). *All my sins remembered: another part of a life & the other side of genius: family letters*. London, NW: Karnac.
- Bion, W. R. (1987). Sobre uma citação de Freud. *Revista Brasileira de Psicanálise*, 21, 134-141. (Trabalho original publicado em 1976)
- Bion, W. R. (1987b). Turbulência emocional. *Revista Brasileira de Psicanálise*, 21, 121-133. (Trabalho original publicado em 1977)
- Bion, W. R. (1991). *Learning from experience*. London, England: Karnac. (Trabalho original publicado em 1962)

- Bion, W. R. (1992a). *Conversando com Bion: quatro discussões com W. R. Bion*. Bion em Nova Iorque e em São Paulo. Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1979)
- Bion, W. R. (1992b). Entrevista com Bion. *Revista Brasileira de Psicanálise*, 26(3), 443-464. (Trabalho original publicado em 1973)
- Bion, W. R. (1994). Uma teoria sobre o pensar. In W. R. Bion, *Estudos psicanalíticos revisados* (pp. 127-132). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1967)
- Bion, W. R. (1996). *Uma memória do futuro: a aurora do esquecimento* (Vol. 3). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1991)
- Bion, W. R. (2000). *Cogitações*. Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1992)
- Bion, W. R. (2004a). *Elementos de psicanálise*. Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1963)
- Bion, W. R. (2004b). *Transformações: do aprendizado ao crescimento*. Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1965)
- Bion, W. R. (2007). *Atenção e interpretação*. Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1970)
- Bion, W. R. (2015). *Domesticando pensamentos selvagens*. Londom, NW: Karnac. (Original publicado em 1997)
- Blanchot, M. (2007). *A conversa infinita: a experiência limite* (Vol. 2). São Paulo: Escuta. (Trabalho original publicado em 1969)
- Bloch, E. (2005). *O princípio esperança*. Rio de Janeiro: Contraponto.
- Butler, J. (2016). *Quadros de guerra: quando a vida é passível de luto?* Rio de Janeiro: Civilização Brasileira. (Trabalho original publicado em 2009)
- Castoriadis, C., Dorey, R. & Green, A. (1993). Lógica, imaginación, reflexión. In: R. Dorey, C. Castoriadis, E. Enriquez, R. Thom, J. Ménéchal, W. H. Fridman, et al. *El inconciente y la ciencia*. Buenos Aires: Amorrortu. (Trabalho original publicado em 1991).
- Cavalheiro, R. (2018). Desafios clínicos: diversidade x continuidade. Alguns apontamentos sobre a ideia de performatividade de gênero em psicanálise. In *XX Jornada Científica do Instituto Cyro Martins*, Porto Alegre.
- Chardin, P. T. (1970). *O fenômeno humano*. Porto: Tavares Martins.
- Chuster, A. (1996). *Diálogos psicanalíticos sobre W. R. Bion*. Rio de Janeiro: Tipografia.

- Chuster, A. (2018). *Simetria e objeto psicanalítico*. Rio de Janeiro: Edição do autor.
- Chuster, A., Conte, J. C., Walz, J. C., Walz, M. B., Beck S., Castro, J., et al. (2011). *O objeto psicanalítico: fundamentos de uma mudança de paradigma na psicanálise*. Porto Alegre: Edição do autor.
- Chuster, A., Conte, J., Muratore C., Decker, C., Rodrigues, L., Walz, M., et al. (1999). *W.R. Bion: novas leituras* (Vol. I). Rio de Janeiro: Companhia de Freud.
- Chuster, A., Soares, G. & Trachtenberg R. (2014) *W. R. Bion A obra complexa*. Porto Alegre: Sulina.
- Dowbor, F. F. (2008). *Quem educa marca o corpo do outro*. São Paulo: Cortez.
- Ferenczi, S. (1992). Confusão de língua entre os adultos e a criança. In S. Ferenczi, *IV* (pp. 97-106). São Paulo: Martins Fontes. (Original publicado em 1933).
- Fonteles, C. S. L. (2015). *Psicanálise e universidade: uma análise da produção acadêmica no Brasil* (Tese de doutorado). Instituto de Psicologia, Universidade Federal da Bahia. Salvador, Cotutela com a Université Paris Diderot-Paris 7.
- Freud, S. (1986). *A correspondência completa de Sigmund Freud para Wilhelm Fliess (1897-1904)*. Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1897)
- Freud, S. (1993a). *Obras completas: presentación autobiográfica. Inhibición, síntoma y angustia? Pueden los legos ejercer el análisis? Y otras obras*. (Vol. XX). Buenos Aires: Amorrortu. (Trabalho original publicado em 1926)
- Freud, S. (1993b). *Obras completas: proyecto de una psicología para neurólogos*. (Vol. 1, pp. 323-387.). Buenos Aires: Amorrortu. (Trabalho original publicado em 1895)
- Freud, S. (2014). Os caminhos da formação de sintomas. In S. Freud, *Obras completas: conferencias introductorias à psicanálise* (Vol. 13, pp. 475-500). São Paulo: Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1917)
- Freud, S. (2016). *Obras completas: Três ensaios sobre a teoria da sexualidade, análise fragmentaria de uma histeria ("o caso Dora") e outros textos (1901-1905)* (Vol. 6) São Paulo: Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1905)
- Garbi, G. G. (2006). *A rainha das ciências: um passeio histórico pelo maravilhoso mundo da matemática*. São Paulo: Editora Livraria da Física.
- Grosskurth, P. (1992). *O mundo e a obra de Melanie Klein*. Rio de Janeiro, Imago.
- Habberton, J. (1976). *Helen's babies: Budge & Todd*. New York: Grosset & Dunlap.

- Kant, I. (2001) *Crítica da razão pura*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian. (Original publicado em 1781).
- Kipling, R. (1994). *Histórias assim*. Lisboa: Relógio D'água.
- Klein, M. (1970). O desenvolvimento inicial da consciência na criança. In M. Klein. *Contribuições à psicanálise*. São Paulo: Mestre Jou. (Trabalho original publicado em 1933)
- Klein, M. (1991). *Inveja e gratidão e outros trabalhos (1946-1963)*. Rio de Janeiro: Imago.
- Klein, M. (1996). Estágios iniciais do conflito edípico. In M. Klein, *Amor, culpa e reparação e outros trabalhos (1921-1945)*. Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1928).
- Klein, M. (1996). Uma contribuição à psicogênese dos Estados Maníaco-depressivos. In M. Klein, *Amor, culpa e reparação e outros trabalhos (1921-1945)*. Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1935)
- Korbivcher, C. F. (2001). A teoria das transformações e os estados autísticos: transformações autísticas: uma proposta. *Revista Brasileira de Psicanálise*, 35(4), 935-958.
- Latour, B. (2002). *Reflexão sobre o culto moderno dos deuses fe(i)tiche*. São Paulo: Edusc.
- Lisondo, A. B. D. (2010). *Rêverie revisitado*. *Revista Brasileira de Psicanálise*, 44(4), 67-84.
- Lispector, C. (1998). *Felicidade clandestina*. Rio de Janeiro: Rocco. (Trabalho original publicado em 1971)
- Maturana, H., & Verden-Zoller, G. (2010). *Amar e brincar: fundamentos esquecidos do humano*. São Paulo: Palas Athena. (Trabalho original publicado em 1993)
- Morin, E. (2002) *O método: as ideias: habitat, vida, costumes, organização*. (Vol. 4). Porto Alegre: Sulina. (Trabalho original publicado em 1991)
- Morin, E. (2000) *O Paradigma perdido: a natureza humana*. Mem Martins: Biblioteca Universitária. (Trabalho original publicado em 1973)
- Morin, E. (1990). *Introdução ao pensamento complexo*. Lisboa: Instituto Piaget.
- Ogden, T. (1989). *La matriz de la mente: las relaciones de objeto y el diálogo psicoanalítico*. Madri: Tecnipublicaciones. (Trabalho original publicado em 1986)
- Ogden, T. (2014). *Leituras criativas: ensaio sobre obras analíticas seminais*. São Paulo: Escuta.

- Petot, J. M. (1982) *Melanie Klein II (O ego e o bom objeto – 1932-1960)*. São Paulo: Perspectiva.
- Poincaré, H. (1999) *Science et méthode*. Paris: Kimé, 1999. (Trabalho original publicado em 1908)
- Rezende, A. M., & Gerber, I. (2001). *A psicanálise “atual” na interface das “novas” ciências*. São Paulo: Via Lettera.
- Ribeiro, M. F. R. (2016). Reflexões sobre conjugabilidade e parentalidade. Um caleidoscópio de constituições familiares. *Jornal de Psicanálise*, 49(91), 97-109.
- Ricoeur, P. (1988). *O conflito das interpretações: ensaios de hermenêutica*. Porto: Rés. (Trabalho original publicado em 1969)
- Ricoeur, P. (2002). *O único e o singular*. São Paulo: Unesp.
- Ricoeur, P. (2008). *O justo*. São Paulo: Martins Fontes.
- Rodulfo, R. (2012). *El psicoanálisis de nuevo: elementos para la desconstrucción del psicoanálisis tradicional*. Buenos Aires: Euteba.
- Serres, M. (1990). *Dialogo sobre a ciência, a cultura e o tempo: conversas com Bruno Latour*. Lisboa: Instituto Piaget.
- Sor, D., & Senet de Gazzano, M. R. (1988). *Cambio catastrófico*. Buenos Aires: Ed. Kargieman.
- Sor, D., & Senet de Gazzano, M. R. (1992). *Fanatismo*. Chile: Ananké.
- Stein, E. (1997). *Anamnese: a filosofia e o retorno do reprimido*. Porto Alegre: EDIPUCRS.
- Stein, E. (2011). *Pensar e errar: um ajuste com Heidegger*. Ijuí: Unijuí.
- Stitzman, L. (2011). *Entrelazamiento: um ensaio psicoanalítico*. Valencia: Promolibro.
- Teperman, M. H., & Knopf, S. (2011). Virginia Bicudo: uma história da psicanálise brasileira. *Jornal de Psicanálise*, 44(80), 65-77.
- Whitehead, A. N. (1958) *An introduction to mathematics*. Oxford: Oxford University Press.
- Zimmermann, D. E. (2004). *Bion: da teoria à prática – uma leitura didática*. (2a ed.) Porto Alegre: Artmed.

## ANEXO A

### **Dissertações e Teses de Doutorado das universidades brasileiras, a partir de 2000, cujo autor principal foi W.R. Bion:**

1. Baccarin, Maria Inês (2000). Aprendendo a pensar, pensando o aprender; as origens afetivas do pensar. Tese de Doutorado apresentada ao PPG da Faculdade de Ciências Médicas da Universidade Estadual de Campinas. Área de concentração: Ciências Biomédicas. Orientador: Prof. Dr. Antonio Muniz de Rezende.

2. Barreneche Corrales, Johana (2013). O riso-alegria e a 'capacidade negativa' : aproximações entre riso, alegria e pensamento a partir do trabalho dos doutores da alegria. Tese de Doutorado apresentada ao PPG DO Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas. Área de concentração: Ciências Sociais. Orientador: Prof. Dr. Amneris Angela Maroni.

3. Castelo Filho, Claudio (2001) Transformações em Alucinação na Experiência Clínica em Psicanálise. Dissertação de Mestrado apresentada ao PPG em Psicologia Clínica da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Área de concentração: Psicologia do Desenvolvimento Humano. Orientador: Prof. Dr. Gilberto Safra.

4. Castelo Filho, Claudio (2003) Refletindo Sobre o Processo Criativo: Transformação e Ruptura, Ano de obtenção. Tese de Doutorado apresentada ao PPG em Psicologia Social da Universidade de São Paulo. Área de concentração: Saúde Humana. Orientador: Prof. Dr. Maria Inês Assumpção Fernandes.

5. Cavalcante, Ricardo Almeida (2018) Luz e escuridão: presenças de Freud e Klein em Aprender com a experiência de Bion. Dissertação de Mestrado apresentada ao PPG em Psicologia Clínica da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, Núcleo Método Psicanalítico e Formações da Cultura. Área de concentração: Tratamento e Prevenção. Orientador: Prof. Dr. Luís Claudio Mendonça Figueiredo

6. Lima, Edilene de (2012) A Noção de Cura em Bion: do desvelamento do inconsciente à expansão mental. Dissertação de Mestrado apresentada ao PPG em Psicologia do Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes da Universidade Estadual de Maringá. Área de concentração: e Civilização. Orientador: Prof. Dr. Gustavo Adolfo Ramos Mello Neto

7. Lombardi, Rosane (2004) Adições às drogas: o desencontro de uma ilusão. Dissertação de Mestrado apresentada ao PPG de Psicologia Social e Institucional do Instituto

de Psicologia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Área de concentração: Psicologia Social. Orientador: Prof. Dr Regina Orgler Sordi.

8. Salvitti, Adriana (2009) Presenças de Freud na construção do pensamento de Bion na década de 50. Tese de Doutorado apresentada ao PPG em Psicologia do Instituto da Universidade de São Paulo, área de concentração: Psicologia Experimental. Orientador: Prof. Dr. Luís Claudio F. de Figueiredo.

## ANEXO B

A Grade é um instrumento inventado por Bion para exercitar a intuição e aumentar a agudeza das observações dos psicanalistas.

	1 Hipótese definitória	2 $\Psi$	3 Notação	4 Atenção	5 Investigação	6 Ação	7 ...n
A Elementos- $\beta$	A1	A2				A6	
B Elementos- $\alpha$	B1	B2	B3	B4	B5	B6	... Bn
C Pensamentos oníricos, sonhos e mitos	C1	C2	C3	C4	C5	C6	... Cn
D Pré-concepção	D1	D2	D3	D4	D5	D6	... Dn
E Concepção	E1	E2	E3	E4	E5	E6	... En
F Conceito	F1	F2	F3	F4	F5	F6	... Fn
G Sistema científico dedutivo		G2					
H Cálculo algébrico							

Quadro 1: A Grade

Fonte: (Bion, 1963/2004a).